



NA PALMA DA MÃO

Redes sociais se transformam em espaço para o voluntariado

Novas tecnologias têm aberto várias possibilidades para pessoas que se dispõem a ajudar os outros. **Página 6**



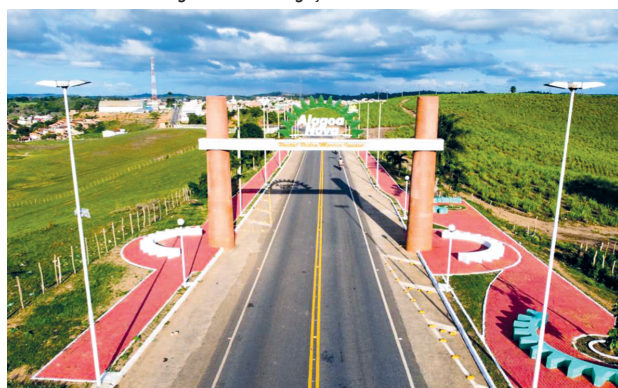
Foto: Ortílio Antônio

As dificuldades para o desenvolvimento dos superdotados

Com inteligência acima da média, eles enfrentam dificuldades para identificar suas potencialidades; Funad possui serviço específico para atender esse público. **Página 5**

Alagoa Nova é a última parada da edição 2023 do Caminhos do Frio

Foto: Prefeitura de Alagoa Nova/Divulgação



A programação começa amanhã e se estende até o próximo domingo. O município, que teve como primeiros habitantes indígenas da nação Cariri, comemora a emancipação política na terça-feira, dia 5.

Página 8

■ “Carta diz que é melhor inventar a realidade e está certo: ‘a invenção da realidade é algo empolgante’, diz ele, ao lembrar de Guimarães Rosa”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

■ “Sem ter companhias da mesma idade, vivendo e brincando só, o caboclinho que fui teve na casa de farinha, pegada com a casa de morada, o seu primeiro espetáculo”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2



Foto: Ortílio Antônio

Plantas estrangeiras e o impacto na vida diária

Ipês, mangueiras e bananeiras são exemplos de espécies introduzidas no país durante a colonização.

Página 20

Procura por procedimentos estéticos cresceu na pós-pandemia

O presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica fala sobre o limite do que é seguro e o que é exagero.

Página 4

Botafogo inicia o quadrangular decisivo que vale acesso à Série B

O Botafogo joga, hoje, no Almeidão, contra o Amazonas, pela Série C do Campeonato Brasileiro.

Página 21

Foto: Edson Matos



Memórias

A trajetória do formador de várias gerações de jornalistas

Das redações à referência como professor da UFPB, Carmélio Reynaldo conta que realizou o sonho de ser jornalista em A União, e traça comentários sobre a modernidade do jornalismo.

Páginas 14 e 15



O norte do mundo

Se há um norte para o mundo, esse caminho passa pelo fim ou, pelo menos, atenuação máxima da pobreza, do preconceito e da insustentabilidade ambiental, entre outras formas de violência. No fim deste arco-íris, se teria, em consequência de um planeta social e ambientalmente equilibrado, não o pote de ouro das fábulas, e sim, mais saúde, cultura, educação, lazer, solidariedade, em resumo, uma motivação nova para se viver.

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), por exemplo, aposta nesta trilha, ao colocar as questões do clima, da desigualdade e do melhoramento das relações internacionais - destaques de sua agenda na área de política externa - como pontos prioritários, durante a presidência do G20, a partir de dezembro. O Itamaraty e o Palácio do Planalto almejam resultados urgentes e consequentes do prestigioso bloco político global.

No campo dos preconceitos, a Organização das Nações Unidas (ONU) prepara uma contraofensiva com vistas a deter o crescimento do desrespeito à diversidade humana, representado, na sua forma mais agressiva, pelas ideias de superioridade racial, combustível das manifestações de racismo. Uma das propostas em discussão seria a declaração de uma segunda Década Internacional para Pessoas de Descendência Africana.

A Assembleia Geral da ONU quer colocar em tela permanente e de maior amplitude internacional “a discriminação sistêmica e os legados do passado”, obtendo, como resultado de uma ação mais radical, novos patamares de “reconhecimento, justiça e desenvolvimento para pessoas de ascendência africana em todo o mundo”. Uma luta sem trégua, como se vê, a batalha contra a segregação motivada pela cor da pele.

O racismo estrutural e institucional persiste, em maior ou menor grau, em quase todas as unidades que conformam a sociedade global. E cabe às lideranças globais, verdadeiramente comprometidas com a causa da justiça social, envidarem todos os esforços possíveis para debelar tanto as antigas como as novas formas de discriminação racial. Um preconceito que não deveria encontrar guarida no mundo contemporâneo.

Para quem acha que o discurso antirracista é mera fantasia de segmentos sociais progressistas, vale lembrar que, de acordo uma pesquisa realizada há bem pouco tempo pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec), 51% dos brasileiros – portanto, mais da metade da população do país – revelaram que já testemunharam atos de racismo. E mais: seis em cada dez pessoas consideram o Brasil uma nação racista.

Artigo

O discurso que mudou a História do Brasil

O jornalista Márcio Moreira Alves, deputado integrante do MDB da Guanabara, e autor do livro “Torturas e Torturados”, tornou-se num personagem importante da história política nacional, nos anos da ditadura militar. O Brasil, nos dias que antecederiam o 7 de setembro de 1968, vivia um clima tenso, em razão das manifestações públicas de protesto ao regime de força que se instalara desde 1964. A juventude estudantil se afirmava como porta-voz da insatisfação popular ante o governo autoritário que os militares estavam impondo à sociedade brasileira, recebendo o apoio de intelectuais, religiosos, artistas e do povo em geral.

Havia uma expectativa muito grande em relação às comemorações do Dia da Independência, quando os militares procuravam acender o sentimento cívico nacional, estimulando participação patriótica dos colégios nos desfiles de 7 de setembro. As lideranças estudantis enxergavam nesse evento a oportunidade de expressar o repúdio coletivo ao regime, tirando o brilho das marchas comemorativas da data e provocando os ditadores.

Essa intenção ganhou força a partir do discurso histórico proferido pelo deputado Márcio Moreira Alves, na Câmara Federal, no dia 2 de setembro de 1968, sugerindo o boicote às comemorações do 7 de setembro. Ele fazia um apelo aos pais para que não permitissem que os filhos desfilassem no 7 de Setembro ao lado de militares “carrascos” e que as moças não dançassem com cadetes no baile da Independência. Não imaginava o deputado, que aquele pronunciamento mudaria a história política nacional. O discurso teve pouca repercussão, mas os ministros militares o consideraram uma ofensa às Forças Armadas. Instalava-se, a partir dele, a crise que culminaria com a edição do AI-5.

A Procuradoria Geral da República decidiu solicitar ao Supremo Tribunal Federal a cassação do parlamentar por “uso abusivo do direito de livre manifestação e pensamento e injúria e difamação das Forças Armadas”. O processo, no entanto, para ser aberto, necessitava da autorização da Câmara dos Deputados. A maioria dos parlamentares, inclusive da Arena, resistiu à proposta de conceder licença para dar sequência ao processo de cassação, com o plenário confirmando a negação no dia 12 de dezembro, após ouvir o discurso de defesa do deputado. Antes da manifestação da Câmara ele afirmou: “Apagado o meu nome, apagados os nomes de quase todos nós da memória de todos os brasileiros,

nela ficará, intacta, a decisão que em breve a Câmara tomará. Não se lembrarão os pósteros do deputado cuja liberdade de exprimir da tribuna o seu pensamento é hoje contestada. Saberão, todavia, dizer se o Parlamento a que pertenceu manteve a prerrogativa da inviolabilidade ou se dela abriu mão. Naquela memorável sessão, presidida pelo mineiro Bonifácio Andrada, mais conhecido por Zezinho Bonifácio, 216 deputados votaram contra o pedido de licença para processar o parlamentar, 141 a favor e 12 se abstiveram. O governo do general Costa e Silva usou o episódio para baixar o AI-5 na sexta-feira, 13 de dezembro e escancorar a ditadura.

O deputado, a pedido dos ministros militares, foi processado com base na Lei de Segurança Nacional, ainda que a Constituição Federal de 1967, em seu artigo 34 previsse que deputados e senadores eram “invioláveis no exercício de mandato, por suas opiniões, palavras e votos”, e no parágrafo primeiro, dizia que os membros do Congresso Nacional não poderiam ser presos “salvo flagrante de crime inafiançável, nem processados criminalmente, sem prévia licença de sua Câmara”. Cassado pelo AI-5, deixou clandestinamente o país ainda em dezembro de 1968, e só voltou em 1979, com a anistia. Foi, sem dúvida, um dos políticos mais enfáticos no enfrentamento da ditadura, chegando a proclamar em um dos seus pronunciamentos: “O que este regime militar fez no Brasil foi transformar cada farda em objeto da execração do povo, transformando as Forças Armadas em valhacouto de bandidos”. Era um defensor intransigente da democracia.

“

As lideranças estudantis enxergavam nesse evento a oportunidade de expressar o repúdio coletivo ao regime

Rui Leitão

Foto Legenda



Qual atalho vale?

Gonzaga Rodrigues Joaquim da Silva

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Retomo o livro de Sales Gaudêncio, em sua 2ª edição, “Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do império”. No prefácio, o professor Joaquim Falcão, da Academia Brasileira, endossa de antemão a ressalva do autor de que “não pretende fazer a biografia de um ‘tipo representativo’ e sim, fazer uma ‘biografia contextual’ (...) atenta às especificidades individuais, sem deixar de valorizar a época, o meio e a ambiência”.

Como não sou cursado, concluída a reeleitura, me indaguei: quem mais representativo de Areia do que esse latinista, empreendedor cultural, inovador empresarial, com nome e tradição que deu representatividade a toda uma família? A uma família ou mesmo a toda uma região com 20 léguas de comprimento e 10 de largura?

Menino de 10 ou 11 anos, estudando na escola particular do professor Clodomiro Leal, em Alagoa Nova, jactava-se ele de ter estudado o vernáculo que o latim de Joaquim Silva autorizava.

Quem é esse? – perguntou um mais atrevido. E ouvimos uma aula que foi nos empolgando a ponto de esquecermos a cadeira especial em que, paraplégico, o velho Clodomiro se sentava. Exaltado, fora de si pareceu-nos elevar-se muito acima da sua condição física.

Era mais uma gameleira que elevava Areia acima do nosso mirante mais alto, um majestoso pirauá plantado à porta do cemitério de nossa modesta cidade. Modesta diante das alturas de Areia, desde o Império com Pedro Américo, com Joaquim da Silva, liderando a política e a Igreja da Paraíba durante décadas da República.

O que o livro de Sales mostra sobejamente, indo às fontes ou em sua riqueza documental, teria de resultar na grandeza do meio onde seu herói atuou. Uma grandeza que comecei a me acostumar, não pelo que vi depois nos livros, mas no que ouvia, menino, nas farnas da nossa casa de farinha do lado de cá do Riachão, hoje seco.

Sem ter companhias da mesma idade, vivendo e brincando só, o caboclinho que fui teve na casa de farinha, pegada com a casa de morada, o seu primeiro espetáculo. Quando o

assunto era de fora reinava Areia, com as suas festas ou feiras bem mais ricas de novidades e de coronéis importantes que Alagoa Nova. Evidente que Joaquim da Silva ficava muito distante no tempo e mais ainda da classe social dos descalços fazedores de farinha.

A farinha, seja no novo livro de Sales Gaudêncio ou nos relatos digamos clássicos da história econômica, se muito, merece alguma referência. Não entra na pauta de exportações, perde-se na subsistência dos mais pobres ou, como farinha do barco para matar a fome dos flagelados da seca. Mais antigamente, dos que não tinham fuba nem macarrão baratos como alimento.

Mesmo assim, foi plantando mandioca manipeba e fazendo farinha que Manuel Avelino, meu pai, terminou senhor de engenho. Engenho de rapadura, ele mesmo virando o motor e emalando o produto nos garajaus que o Cariri e o Sertão vinham pela estrada de Pocinhos apanhar. A casa de farinha moía e torrava o produto do dono da terra e dos seus moradores. O morador, em meio à cana e a outros cultivos do patrão, tinha direito ao roçado em torno do casebre. Mas hoje o mundo é outro, não sei se melhor para todos como devia sonhar o empresário e latinista Joaquim da Silva.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

EFICIÊNCIA

Estado garante agilidade em processo de transplante

Em 2023, metade dos pacientes passou menos de um mês na fila

Fernanda Dantas
Especial para A União

Metade dos corações transplantados na Paraíba, este ano, foi operada com menos de 30 dias de espera dos pacientes na lista do Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com dados da Central de Transplantes da Paraíba, em 2023, foram seis receptores que sofreram a transplantação. Do total, três cirurgias aconteceram em menos de 30 dias aguardando na lista, duas com espera de 30 dias a três meses e apenas uma vez

aconteceu uma demora entre três e seis meses.

O médico coordenador da Organização à Procura de Órgãos (OPO) da Central de Transplantes, Thiago Catão, diz que não existe um padrão que explique porque a espera é menor em alguns casos. “Essa é uma questão extremamente relativa. O tempo de espera por um transplante depende de diversos fatores, como do órgão a ser transplantado, das características de compatibilidade entre doador e receptor e da gravidade do quadro clínico atual”, explicou.



Foto: Secom-PB

Hospital Metropolitano realiza transplante cardíaco 100% pelo SUS

Crianças e casos graves podem ser priorizados

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Depois de ser internado em 5 de agosto por insuficiência cardíaca, o apresentador de TV Fausto Silva, mais conhecido como Faustão, 73 anos, passou a integrar a lista de espera por um transplante de coração e foi operado no dia 27 de agosto, Hospital Albert Einstein, em São Paulo. A notícia suscitou debates sobre como funcionam a doação e o transplante de órgãos no Brasil.

O processo é complexo, envolve diferentes instituições e requer agilidade para ser bem-sucedido. Pois, cada órgão tem um período máximo de permanência fora do corpo humano, ao longo do qual o transplante é viável, o chamado de tempo de isquemia. Para o coração, o tempo de isquemia é de apenas quatro horas, o que torna o transplante do órgão ainda mais complexo.

O Brasil tem o maior sistema público de transplantes de órgãos do mundo, segundo o Ministério da Saúde (MS). Por ano, o SUS assegura que 90% das cirurgias atendam à rede pública. Os pacientes recebem assistência integral, equânime, universal e gratuita, incluindo exames preparatórios, cirurgia, acompanhamento e medicamentos pós-transplante.

Dados do MS apontam que cerca de 66 mil pessoas estão na fila de transplante de órgãos no

“
O transplante não é cura, mas sim um tratamento que pode prolongar a vida com uma melhor qualidade

Rafaela Dias

Brasil, e esse número é um dos maiores nos últimos 25 anos. Desse total, 386 estão atualmente à espera de um coração, segundo a última atualização do MS. São Paulo é o Estado com mais pacientes na lista de espera. São 206, seguido pelo Distrito Federal, com 38, e Paraná, com 33. Na Paraíba, quatro pacientes figuram a lista. De março de 2022 até esse agosto deste ano foram realizados 25 transplantes de coração. Só neste ano já foram seis, conforme a diretora da Central de Transplante da Paraíba, Rafaela Dias.

Rafaela Dias explicou que a lista para transplantes é única, gerida e organizada pela Central

Nacional de Transplantes, do Ministério da Saúde e as Centrais Estaduais de Transplantes são responsáveis pela distribuição dos órgãos e tecidos. Vale tanto para pacientes do SUS, quanto para os da rede privada. Portanto, para receber um órgão, o potencial receptor deve estar inscrito nela, e seu lugar nessa “fila” é respeitado conforme a ordem de inscrição e conforme outros critérios como os de compatibilidade, gravidade do caso o tipo sanguíneo do doador e idade.

Crianças e outros casos que podem ser priorizados na lista de espera. Isso vai depender das condições clínicas do paciente, como situações de extrema gravidade com risco de morte. Por exemplo: impossibilidade total de acesso para diálise, no caso de doentes renais; a insuficiência hepática aguda grave, para doentes do fígado; necessidade de assistência circulatória, para pacientes cardiopatas; e rejeição de órgãos recentes de transplantados, segundo o Ministério da Saúde.

O transplante cardíaco consiste na substituição do coração do paciente por outro — o do doador. Para a substituição, os médicos têm de desviar o sangue do coração doente para uma máquina de circulação extracorpórea que vai manter o fluxo sanguíneo durante a operação. A intervenção pode levar de três a cinco horas e após a operação

o transplantado deve permanecer em observação por cerca de 15 dias. Segundo Rafaela Dias as complicações mais comuns deste procedimento são a rejeição do órgão transplantado ou a infecção.

“O sistema imunológico pode reconhecer o novo órgão como um corpo estranho e reagir. Isso pode ocorrer com qualquer órgão ou tecido logo após o transplante ou muito tempo depois. Para que isso não aconteça, os pacientes transplantados precisam tomar medicamentos imunossupressores pelo resto da vida, além de fazer acompanhamento médico periódico”.

A sobrevida do paciente transplantado tem sido cada vez maior devido aos novos medicamentos e às técnicas aprimoradas. Mais de 72% dos pacientes que recebem um novo coração vivem pelo menos cinco anos, enquanto 20% alcançam a marca de 20 anos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde.

“O transplante não é cura, mas sim um tratamento que pode prolongar a vida com uma melhor qualidade. O paciente pode ter vida normal com consultas regulares com cardiologista para acompanhamento, com a ressalva de que no primeiro ano a sobrevida de um paciente transplantado pode chegar a 90% e, com o passar dos anos, esse índice vai se reduzindo,” esclareceu Rafaela Dias.

Corpo dá sinais de insuficiência cardíaca

Na insuficiência cardíaca, o coração não pode bombear sangue suficiente para atender à necessidade do corpo por oxigênio e nutrientes, que são fornecidos pelo sangue. Consequentemente, os músculos dos braços e pernas podem se cansar mais rapidamente e os rins podem não funcionar normalmente. Assim, ocorre aumento da quantidade de líquido na corrente sanguínea, o que aumenta a carga de trabalho do coração debilitado, estabelecendo-se um círculo vicioso.

“O coração não consegue bombear sangue suficiente para atender às necessidades do corpo. Como resultado, o fluido pode se acumular nas pernas, pulmões e em outros tecidos por todo o corpo, que pode debilitar ou enrijecer ainda mais o coração,” explicou o doutor em Cardiologia, Valério Vasconcelos.

A doença pode surgir em pessoas de qualquer idade, mesmo em crianças pequenas (sobretudo as nascidas com um defeito cardíaco). Entretanto, ela é bem mais comum entre pessoas idosas, pois elas têm mais chances de terem distúrbios que predis põem à insuficiência cardíaca (como doença arterial coronariana que danifica o músculo cardíaco) ou distúrbios das válvulas cardíacas. As alterações no coração relacionadas à idade tendem a fazer com que o coração funcione com menos eficácia.

Segundo o cardiologista, aproximadamente 23 milhões de pessoas são portadoras de insuficiência cardíaca e dois milhões de novos casos da doença são diagnosticados a cada ano no

mundo. Segundo ele, estima-se que 6,4 milhões de brasileiros sofrem da doença. Conforme o especialista, é provável que o distúrbio se torne mais frequente porque a industrialização e a urbanização implicaram mudanças na dieta alimentar, aumento do tabagismo, sedentarismo e obesidade.

Algumas pessoas em fases muito iniciais da insuficiência cardíaca podem não ter sintoma algum. “Ao perceber falta de ar; inchaço dos pés e pernas; falta de energia, sensação de cansaço; dificuldade de dormir à noite devido a problemas respiratórios; abdômen inchado ou mole, perda de apetite; tosse com muco “espumoso” ou catarro; aumento da micção durante a noite; confusão e memória prejudicada, é melhor procurar logo o car-

diologista,” alertou.

Normalmente, o diagnóstico de insuficiência cardíaca é feito com base nos sintomas, e são feitos exames para avaliar a função cardíaca. O tratamento tem como objetivo tratar o distúrbio que causa a insuficiência cardíaca, implementar alterações no estilo de vida e tratar a insuficiência cardíaca com medicamentos, cirurgia ou outras intervenções. “Mudanças do estilo de vida, como parar de fumar, limitar a ingestão de sódio e açúcar, perder peso e reduzir o estresse podem aliviar alguns dos sintomas associados a insuficiência cardíaca”, explica. “Fazer *check-up* anualmente, praticar atividade física e caminhada, evitar o álcool em excesso, não fumar e tomar os remédios na hora certa,” recomendou o cardiologista.

UNInforme

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

EXECUTIVA DO PODEMOS DIZ QUE ROMERO “TEM AUTONOMIA” PARA DECIDIR SOBRE CANDIDATURA EM CG



Foto: Podemos

O ex-deputado federal Léo Gadelha (foto), que integra a Executiva nacional do Podemos, foi pragmático ao ser questionado pela imprensa sobre a possibilidade de o deputado federal Romero Rodrigues ser candidato a prefeito de Campina Grande, enfrentando Bruno Cunha Lima (PSD). Disse que vai defender a manutenção da aliança com o prefeito, que vai à reeleição, mas enfatizou que Romero tem “total autonomia” para decidir o seu destino político nas eleições municipais do próximo ano. “Romero tem apoio do partido e não precisa da chancela de absolutamente ninguém para tomar as decisões do Podemos em Campina Grande”, disse. Sabedor do estretecimento na relação entre Bruno e Romero, ele fez uma distinção entre o cenário eleitoral de João Pessoa, onde o PSDB de Pedro Cunha Lima anunciou apoio oficial à pré-candidatura de Ruy Carneiro (Podemos), e o de Campina Grande, onde o partido ainda está indefinido quanto o apoio ao projeto de reeleição de Bruno, uma vez que a decisão cabe a Romero, que se mostra relutante quanto a apoio ao prefeito.

“ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO”

O deputado estadual Tovar Correia Lima (PSDB) adotou a tática do silêncio quando se trata de questionamentos sobre o possível rompimento dele e do deputado Romero Rodrigues com o prefeito Bruno Cunha Lima. No evento em que os tucanos anunciaram apoio à pré-candidatura de Ruy Carneiro em João Pessoa, ele saiu antes da conclusão da coletiva e não quis se reportar ao tema: “Não vou falar, tô indo embora”, disse.

OS FATOS FALAM POR SI

Recentemente, Tovar Correia Lima não descartou a possibilidade de ser candidato a prefeito de Campina Grande, afirmando que se a população e os aliados assim entenderem, ele ficaria à disposição para entrar na disputa. Com o apoio, obviamente, do deputado Romero Rodrigues.

UMA VICE MUITO COGITADA

Após surgirem especulações sobre a formação de uma chapa de oposição com a esposa de Romero Rodrigues, Micheline, na condição de candidata a vice-prefeita, Bruno Cunha Lima disse a jornalistas que a médica formaria “uma belíssima chapa” com ele. Em Campina Grande, há quem aposte na formação de uma chapa com Daniella Ribeiro e Micheline.

BAYEUX: PISO DA ENFERMAGEM

Após a Câmara Municipal de João Pessoa aprovar projeto que assegura o pagamento do piso nacional para profissionais de enfermagem, o Legislativo municipal de Bayeux adotará igual procedimento. De acordo com o secretário de Planejamento do município, Léo Micena, o projeto já foi enviado à Câmara Municipal. “Enfim, uma luta que sairá do papel”, disse.

EXCLUSÃO QUE EXPÕE O RACHA

As inserções partidárias de TV e rádio do PL na Paraíba terão apenas o médico Marcelo Queiroga, pré-candidato a prefeito de João Pessoa, e o presidente da legenda em Campina Grande, Bruno Roberto. O deputado federal Cabo Gilberto e o radialista Nilvan Ferreira ficaram de fora. Uma exclusão que corrobora com o racha interno da legenda.

GOVERNO ESTÁ DE “BRAÇOS ABERTOS” ATÉ PARA POLÍTICOS DO PL, DIZ LÍDER

Líder do governo no Congresso, o senador Randolfe Rodrigues (sem partido), voltou a dizer que o governo está disposto a acolher todos aqueles que queiram contribuir para a reconstrução do Brasil, incluindo parlamentares do PL. “Parte do PL tem votado conosco. Parte do PL que não atende ao fascismo, que tem compromisso democrático. Então, todos que quiserem reconstruir o Brasil, este governo está de braços abertos”, afirmou.

Foto: Arquivo pessoal

Adriano de Lima Quirino

Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica -PB

“É preciso colocar o pé do paciente no chão e explicar até onde se pode ir”



Cirurgião plástico explica que, após a pandemia de Covid-19, houve uma busca maior por procedimentos estéticos

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A busca pela beleza e juventude tem levado muitas mulheres – e homens – aos consultórios de cirurgias plásticas, clínicas de estética e de rejuvenescimento. O mercado também tem oferecido cada vez mais serviços e os custos para a realização de alguns procedimentos têm chegado ao alcance de mais pessoas.

Cuidar da beleza e da saúde não tem contraindicação, mas pode se tornar perigoso quando passa dos limites. É o que afirma o cirurgião plástico Adriano de Lima Quirino, membro titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) e presidente da Regional Paraíba.

Em entrevista ao Jornal **A União**, o profissional ressalta os limites entre o que é seguro e o que é exagero, explica a importância de procurar profissionais capacitados e lembra que, como em qualquer intervenção, os procedimentos estéticos têm riscos.

O médico possui graduação em Medicina pela Universidade Federal da Paraíba, com ênfase em cirurgia plástica. Atualmente é cirurgião plástico do Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena (HTSHL) e do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), ambos em João Pessoa.

Entrevista

■ *A que fator o senhor atribui a busca cada vez maior por padrões de beleza?*

As pessoas se trancaram durante a pandemia e houve uma mudança no conceito de felicidade, de bem-estar. Elas ficaram mais ansiosas por querer viver de forma plena e aproveitar tudo que a vida tem para oferecer. Tudo isso estimulou bastante essa procura, o aumento de serviços *on-line* e a divulgação de serviços de saúde. Nós, médicos, tínhamos que sobreviver, e acabou havendo uma avalanche de profissionais no mercado.

■ *É preocupante o fato de haver tantos profissionais oferecendo esses serviços?*

Alguns são preparados, outros não. São áreas afins da Medicina que, antigamente, não faziam parte desse nicho de mercado e, por necessidade, começaram a fazer. Isso preocupa porque, às vezes, começa uma corrida desenfreada do profissional para aprender rápido e ganhar dinheiro rápido com a oferta de serviço. Muitas vezes, não têm tempo de um preparo adequado e começa um número grande de complicações, e se começa a ir por água abaixo em uma situação que poderia servir mais à população.

■ *Quais os riscos de realizar procedimentos de forma exagerada ou com profissionais sem uma boa qualificação?*

A aplicação sem critérios, exagerada nos mais jovens, aumentaria o risco de resultados indesejáveis, com complicações, às vezes, mais sérias. O que precisa é uma qualificação profissional mais rigorosa e a procura por um profissional adequado, com uma experiência sólida, que seja capaz de definir o que pode ou não ser feito em determinado paciente e não seguir modismo.

■ *Muitas vezes, o procedimento nem é necessário, mas a pessoa insiste. Até que ponto o profissional deve ir?*

Existem limites. O paciente pode até solicitar um procedimento, mas a avaliação médica rigorosa é que vai dizer o que é possível, o que tem uma relação risco-benefício positiva. Só podemos fazer se a balança indicar que o risco é bem menor do que o possível benefício. O profissional deve dizer não, toda vez que achar que essa equação

não promete bom resultado.

■ *O que pode ocorrer com um paciente que está acima do peso se fizer uma lipoaspiração?*

O ganho que ele vai ter com a lipoaspiração vai ser muito inferior ao que teria se tivesse passado pelo programa de reeducação alimentar, redução de peso corporal, adequação de suas medidas. A lipo de alta definição só deve ser feita em paciente que tenha um cuidado rigoroso com o corpo, que faz academia regularmente, tem uma dieta menos calórica. Do contrário, vai correr risco, se desfazer de alguma quantia financeira para não chegar ao resultado esperado, vai gerar frustração.

■ *Em se tratando de segurança, qual o conceito de cirurgia segura?*

É aquela que leva em conta todos os aparatos tecnológicos que permitem uma diminuição drástica dos riscos inerentes ao ato operatório e aos procedimentos estéticos, que devem seguir a mesma linha de pensamento. Essa segurança contribui para diminuir infecções, risco de fenômenos embólicos que levam a óbito ou amputação de membros. Por isso, a segurança sempre vai ser nosso critério maior e precisamos ter sempre autoridade sobre essa conduta: o momento certo de operar, de fazer um procedimento estético.

■ *Os procedimentos estéticos ainda têm alto custo e estão fora do alcance de muitas classes. É possível dizer uma média de custos de alguns?*

Os procedimentos estéticos ficaram muito mais acessíveis do que há 10 anos. Ainda há alguns altamente custosos e isso varia muito de acordo com o tipo de procedimento, recurso tecnológico necessário e da indicação. Pode custar desde pouco mais de R\$ 1 mil, mas tem procedimento que pode chegar a R\$ 50 mil, mas isso é muito variável porque temos uma gama extensa de procedimentos e variação de preço.

■ *O risco em um procedimento pode ser maior quando a pessoa é muito jovem? O perigo de intercorrência também aumenta se há exagero no número de procedimentos?*

O risco de óbito ou complicações mais graves não é maior se o pa-

ciente é mais jovem. Aliás, ele é até mais resistente, tem uma plasticidade maior para responder. O que vai aumentar o risco é a falta de critério, o uso indiscriminado de procedimentos. Isso realmente é um perigo em qualquer faixa etária. No jovem, talvez devêssemos ter um pouco mais de atenção para não fazer procedimentos de abrangência extrema e acabar fazendo grandes transformações ou produzindo estereótipos incompatíveis com a faixa etária.

■ *Quais as complicações que podem acontecer em decorrência desses procedimentos?*

As complicações podem ir desde uma inflamação na pele, uma infecção, embolias, até o óbito. Mexer com a matéria humana é bem exigente. É preciso estar bem preparado para o que pode acontecer. O paciente tem que estar bem informado, orientado, de preferência, assinando um termo sobre as possíveis complicações para que ele não tenha surpresa e possa pensar melhor se é o que quer realmente. Existem procedimentos extremamente seguros e outros que aumentam a margem do risco. Isso deve ser bem conversado com o paciente antes. Às vezes, o paciente procura outros procedimentos e nós conseguimos explicar que não é possível para ele.

■ *Há uma grande procura e uma oferta de serviços feitos por cada vez mais profissionais. Isso também preocupa?*

Isso é bastante preocupante. A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica tem insistido muito na qualificação profissional. O paciente não pode se entregar para qualquer profissional e, com essa explosão midiática, com as redes sociais cada vez mais abrindo um grande espaço para oferta de serviços, acaba dando chance àqueles não adequadamente preparados ou até de áreas que não são as permitidas pela sua profissão. Acabam sendo imperitos, negligentes, imprudentes. Isso é preocupante porque a saúde é o bem maior que nós temos.

■ *Por que esse aumento da oferta e da procura causa preocupação?*

A procura tem a ver com a divulgação que foi muito grande. As pessoas tiveram mais acesso à informação e isso desperta a curiosidade, ou descobre alguém que já fez e isso estimula. Depois da pandemia, elas voltaram com um autocuidado maior, o que acaba influenciando muito no bem-estar. Isso está no conceito de saúde. De outro lado, tem profissionais que ficaram desempregados, enfrentando um mercado novo depois da crise severa, e estão facilitando mais o acesso, às vezes, de forma imprudente, fazem cursos rápidos e querem ganhar dinheiro para garantir o seu mercado. Acho que houve uma popularização maior dos procedimentos.

■ *Qual é o limite entre o que é seguro e o exagero?*

O seguro tem parâmetros bem claros e definidos. É tudo aquilo que podemos trabalhar com uma margem de segurança grande. Podemos ofertar um bom serviço sem comprometer a saúde e integridade fisi-

ca das pessoas. Cada procedimento tem suas regras bem estabelecidas. Por isso, pedimos aos profissionais que tenham o máximo de zelo possível, trabalhando sempre com cautela, com o objetivo de melhorar a vida das pessoas, sem se preocupar com a pressa de ganhar dinheiro, o que vai acontecer se mostrar competência.

■ *Procedimentos estéticos são seguros?*

A maioria, sim. É importante que tenha um protocolo e, por isso, é fundamental fazer com um profissional capacitado, que tenha uma formação sólida. As pessoas devem procurar entidades, sociedades das especialidades, consagradas no mercado.

■ *Como saber se o profissional da cirurgia plástica está ligado à associação de classe?*

Um profissional da cirurgia plástica tem um programa de formação médica muito rigoroso, que joga no mercado profissionais realmente competentes. Basta entrar no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. O profissional filiado passou por um treinamento criterioso.

■ *Tem se falado muito na estética preventiva. O que é e qual o objetivo?*

A estética preventiva é a promoção da saúde. Tratar antes que aconteça, naturalmente, porque vamos envelhecer. Mas, podemos minimizar algumas marcas mais chamativas que podem refletir um olhar de cansaço com o peso dos anos. Quando começa a ter a primeira expressão, formando o primeiro vinco no rosto, pode fazer uma toxina botulínica a cada seis meses. Antes disso temos que cuidar do nosso metabolismo, seguir uma dieta regrada, evitar alimentos defumados, diminuir ao máximo possível bebida alcoólica, cortar tabagismo, outros vícios, e ter um sono adequado.

■ *Quais procedimentos são reversíveis? E os que não podem ser desfeitos?*

Um preenchimento com bioestimulação usando ácido hialurônico no rosto, sabemos que o corpo vai absorver, estimula o colágeno e depois para por volta de um ano, um ano e três meses, dependendo do produto. Então, é reversível. Mas, se coloca um material inapropriado, que é contraindicado, como o polimetilmetacrilato, que não deve ser usado e, de vez em quando, pegamos profissionais usando, forma granulomas e pode dar lesões irreversíveis, nódulos, áreas de inflamação dolorosas. Os procedimentos cirúrgicos também não são reversíveis. Tem que estudar o posicionamento, a qualidade da cicatriz. Numa cirurgia de mama, por exemplo, é a forma em detrimento de uma cicatriz.

■ *Como avalia essa busca incessante pela beleza e pela juventude?*

Eu acho natural as pessoas procurarem rejuvenescer. O mundo saiu para a rua. As mulheres estão no campo de trabalho, produzindo muito. Para que isso aconteça, as pessoas estão com a mente ativada e, às vezes, não corresponde à fisionomia que carregam. É plausível que haja essa busca pela melhoria da aparência. Alguns livros antigos dizem que formamos nos-

sa imagem de acordo com nossas intenções. O mau humor determina rugas de expressão. Às vezes, precisamos dar um retoque. Não temos que fazer grandes transformações, mas dar um toque de leveza a uma pessoa que já tem uma determinada linha física, uma harmonia corporal.

■ *A cantora Madonna completou 65 anos e tem feito procedimentos para manter uma aparência jovem. O caso dela pode ser avaliado como excesso?*

O limite é o risco, os cuidados com a saúde. Se ela se sente bem, se para ela aquilo é um conceito de saúde, acho que, seguindo as regras e não cometendo exageros para não incorrer em complicações maiores, não está errado ela procurar essa beleza porque, naquele momento, a mente dela pede aquilo. No caso de Madonna, é uma mulher extremamente ativa, inovadora e, para ela, aquilo vai combinar. Pode ser que lá dentro tenha uma aterosclerose. Um dia, ela vai cair e vamos tomar um susto. Madonna caiu? Tão jovem? Mas, a mente dela parece bem jovem e temos que acompanhar o que a mente pede. Tem que ser atento ao limite do risco e do que é seguro, mas dentro do possível, vamos melhorando a vida das pessoas.

■ *Há casos em que é necessária uma intervenção psicológica?*

Na grande maioria, sim. Ivo Pitanguy dizia que o cirurgião plástico é um psicólogo com um bisturi na mão. Temos que ouvir muito e, de vez em quando, pedir uma avaliação psicológica. Encaminhamos mais da metade dos pacientes porque vemos que não estão entendendo a proposta do tratamento e têm uma expectativa muito acima da realidade que podemos oferecer. É preciso colocar o pé do paciente no chão, explicar até onde podemos ir. Por isso, é fundamental a participação do psicólogo e de uma equipe multidisciplinar, com nutricionista, fisioterapeuta, todos voltados para o bem-estar.

■ *Uma intervenção estética, seja a mais simples ou a mais complexa, pode ter complicações e risco de óbito. Nesses casos, o que pode ocorrer para levar um paciente à morte?*

O que pode levar um paciente ao óbito é procurar um profissional que tenha a mesma precipitação para ganhar dinheiro que tem, por exemplo, um *personal influencer* que quer se transformar rápido. Tem que ter cautela dos dois lados, do paciente e do profissional. A primeira preocupação sempre é procurar um profissional que trabalhe com protocolos, regras, que tenha uma carreira consolidada. Não se pode fazer uma lipoaspiração se não for com um cirurgião plástico. O que leva ao óbito é a inobservância desses critérios de segurança. Quando vamos fazer o procedimento, começamos com uma boa consulta para saber se há indicação. Realizar os exames preparatórios, avaliação clínica. Os óbitos acontecem por infecção e também embolia, entupimento de algum vaso importante. Mesmo com todos os cuidados, a porcentagem é mínima, mas pode acontecer.



POTENCIAL ELEVADO

A “invisibilidade” dos superdotados

Funad realiza atendimento, mas dificuldade de identificação faz esse público ter poucas chances de se desenvolver

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

De poucas palavras, mas sorriso fácil, Heitor Andrade, de nove anos, se anima para conversar quando o assunto são os planetas. Ele sabe as características de cada um, inclusive a distância que estão do planeta Terra e do Sol, mas o seu preferido é Urano. Com um ano e oito meses ele já sabia formar palavras e ler e após uma criteriosa avaliação foi identificado como uma criança com altas habilidades/superdotação.

Direcionada pela escola onde o filho estudava, Josenise Andrade, que também tem uma filha com 28 anos, procurou a Fundação de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad) para investigar um possível diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Heitor, então com três anos, passou pela avaliação de um psicólogo, fez um teste e foi direcionado para o Núcleo de

Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S). “Ele entrou na escola com dois anos. Ele já fazia o nome dele, já sabia o alfabeto, sabia contar até 200. Eu avisei na escola que ele sabia ler algumas palavras. Lógico que a escola pensou “lá vem mais uma mãe valorizando o filho”. Quando a escola percebeu que ele tinha um conhecimento maior do que o que eu tinha dito, eles começaram a me cobrar uma avaliação. Já fiz várias avaliações e nunca teve diagnóstico de autismo, é de altas habilidades mesmo”, explicou Josenise.

Jogar futebol e andar de bicicleta não estão entre as atividades favoritas dele. Heitor gosta mesmo é de brincar resolvendo raiz quadrada, descobrindo países em um dos quatro globos terrestres que possui ou adivinhando as bandeiras dos países. Ele sabe cada uma delas e aceita o desafio para identificá-las.

Dividida entre o orgulho e a preocupação com o filho, Jo-

senise conta que a falta de informações foi um dos fatores que a assustou. “Não é só “que lindo, que bonitinho, o menino que sabe é muito”. Isso é uma parte do que ele é, mas ele é uma criança”, ponderou.

Mais de 200 alunos já foram atendidos e atualmente 65 estão ativos no cadastro no NAAH/S, que funciona na Funad e atende um público com idades entre quatro e 17 anos. Dados do Censo Escolar, que tem como base as matrículas realizadas no ano passado, mostram um número maior, com 92 alunos com altas habilidades/superdotação matriculados somente em escolas da rede estadual.

O Núcleo é uma política pública de educação implantada no ano de 2005, pelo Ministério da Educação (MEC), em todos os estados brasileiros para que os profissionais da educação tivessem um suporte para identificação pedagógica. As pessoas com altas habilidades estão inseridas

na legislação de educação especial, assim como estudantes com deficiência e TEA. A dificuldade na identificação faz com que esse público fique “invisível” nas escolas e tenha poucas oportunidades para exploração do seu potencial.

“Muitas pessoas encaram altas habilidades como uma doença, como algo que vai limitar a vida da criança. Se não for corretamente identificado e estimulado o estudante pode ter implicações emocionais negativas, por exemplo: não se sentir pertencente ao espaço escolar, se sentir desmotivado a ir para a escola, porque o assunto não é estimulante para ele. Ele pode desenvolver um perfeccionismo além daquilo que é considerado adequado para a relação interpessoal, pode se sentir isolado do mundo porque ninguém entende do que ele gosta”, pontuou a coordenadora do NAAH/S, Vitória Chêrfen.

É considerada superdotada ou com altas habilidades a

pessoa que apresenta potencial elevado, tanto de forma isolada, quanto combinado, na área da liderança, psicomotricidade, lógica, matemática, área artística, esportiva. “A pessoa superdotada não precisa ser aquela que tira 10 em tudo, aquela que recebe prêmio nas Olimpíadas. O comportamento da superdotação se manifesta de várias formas. Quando a gente olha para o fenômeno de altas habilidades, percebe que ele nunca vai se manifestar da mesma maneira em todas as pessoas”, afirmou Vitória.

Através do Núcleo, 350 professores, sendo 200 somente este ano, já foram capacitados para identificar traços de altas habilidades nos estudantes. O Núcleo atua em três segmentos: formação e orientação a professores e equipes escolares; suporte socioemocional a familiares e oferta de atividades de enriquecimento voltadas aos alunos para estimulação do potencial.



“Já fiz várias avaliações e nunca teve diagnóstico de autismo, é de altas habilidades mesmo

Josenise Andrade

Lei estadual prevê realização de cadastro e censo

O índice de subnotificação em relação à identificação de pessoas com superdotação é considerado alto no Brasil. O fato é atribuído principalmente à metodologia aplicada para avaliação, que por muito tempo ficou focada apenas no resultado de testes de Quociente de Inteligência (QI). O modelo excluía, por exemplo, pessoas com alta habilidade musical, nas artes, na liderança.

A coordenadora do NAAH/S, Vitória Chêrfen, ressalta que até mesmo nas escolas existe a dificuldade de informar corretamente a existência de crianças superdotadas no Censo Escolar. Os dados servem de base para o MEC estabelecer políticas públicas voltadas para grupos específicos. “Os números que chegam ao MEC às vezes não são condizentes com a reali-

dade. Ou a escola considera que superdotado é aquele que tira 10 em todas as matérias, que tem um boletim excepcional e vai uma informação para o MEC que nem sempre é condizente com a realidade. Existem muitas pessoas com altas habilidades ainda não identificadas”, explicou.

A expectativa é que o número de pessoas identificadas com superdotação e altas habilidades na Paraíba aumente de acordo com a expansão do Núcleo, ainda não conhecido por vários municípios. Também pode colaborar para essa identificação a implantação de um fluxo estadual, feito em colaboração com a Gerência Executiva de Diversidade e Inclusão (Gedi) da Secretaria de Estado da Educação, para criação de um cadastro dos estudantes. Para isso o Governo do Estado tem investido na capacitação dos professores em relação aos critérios para iden-

tificação dos alunos que apresentam essa condição.

O cadastro e censo de alunos com altas habilidades e superdotação matriculados na Rede Estadual de Ensino é inclusive previstos na Lei Estadual 11.527, sancionada pelo governador João Azevêdo no ano de 2019. O censo tem por finalidade a adoção de políticas e ações voltadas ao desenvolvimento científico, tecnológico, artístico e cultural. De acordo com a lei, os alunos identificados serão direcionados a capacitações para implementação de projetos de desenvolvimento específicos. A norma estabelece ainda que o censo seja realizado anualmente, no início de cada período letivo.

Necessidade de estímulo

Aumentar os desafios aos alunos com superdotação/altas habilidades através de jogos de lógica, de leitura, ou ainda permitir que o aluno frequen-

te alguma aula que é normalmente oferecida para crianças mais velhas, a exemplo de uma segunda língua ou informática, são estratégias sugeridas pelo MEC para manter o interesse das crianças irem à escola.

Vitória Chêrfen, coordenadora do NAAH/S, frisou que as escolas precisam passar por adaptações para melhor atender os alunos com superdotação e altas habilidades e serem espaços para estimular a criatividade. Ela explicou ainda que na maioria das vezes o estudante superdotado precisa se sentir desafiado para ter motivação. “Se aquele conteúdo é algo que ele facilmente aprende, rapidamente ele absorve e se ninguém apresenta um nível acima daquilo, ele fica desmotivado, não tem mais interesse em estar ali. Às vezes a escola também precisa se adaptar, adaptar seu currículo, suas práticas”, afirmou Vitória.



“Muitas pessoas encaram altas habilidades como uma doença, como algo que vai limitar a vida da criança

Vitória Chêrfen

Saiba Mais

O MEC desenvolveu com especialistas um conjunto de quatro volumes de livros didático-pedagógicos contendo informações que auxiliam as práticas de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação, orientações para o professor e a família. A versão eletrônica dos documentos está disponível para download de forma gratuita no site do MEC. (<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12679:α-construcao-de-praticas-educacionais-para-alunos-com-altas-habilidades-superdotação>)

BOA VONTADE

Voluntariado na palma da mão

Redes sociais se transformaram em um espaço cheio de possibilidades para quem deseja ajudar o próximo

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Dispôr de um tempo para ajudar o próximo. Embora nobre, o altruísmo parece cada dia mais inalcançável para algumas pessoas. É que, com tantos afazeres e uma rotina corrida, fica difícil encontrar espaço para incluir mais uma pessoa na própria vida. Mesmo assim, no entanto, a chama do voluntariado se mantém acesa no coração de cerca de 57 milhões de brasileiros que, segundo o Instituto do Desenvolvimento Social (Idis), doam fragmentos de si para outrem. E quem está envolvido com voluntariado afirma: apesar de parecer o contrário, hoje já não é obrigatório sair de casa para contribuir.

De acordo com o Idis, nove em cada dez pessoas veem o voluntariado como algo importante, 48% das pessoas realizam ou já realizaram ações gratuitamente e 71% das pessoas têm interesse em desenvolver atividades voluntárias. E, apesar de terem vontade de agir mais, muitas pessoas deixam de se envolver com o próximo por falta de recursos, como a impossibilidade de

se deslocar a espaços onde as ações acontecem. Para 35% dos entrevistados pelo instituto, por exemplo, a falta de oportunidade é um empecilho. A chave para abrir as portas do voluntariado, no entanto, está mais perto do que se imagina. Com o avanço tecnológico e todas as possibilidades que ele traz consigo, a resposta pode estar, literalmente, na palma das mãos de quem quer ajudar.

Quando cursava Gestão de Recursos Humanos, Eliane Pires percebeu que, dentro de si, guardava potencial para ajudar o próximo. Através da análise de currículos, Eliane conseguiu contribuir para que seus amigos se tornassem mais competitivos e melhorassem suas colocações no mercado de trabalho. “Ali ganhei experiência e acabei identificando que muitas pessoas precisavam do mesmo tipo de ajuda”, conta. Mas foi em novembro de 2015 que a chama que se acendeu em seu coração ganhou forma fora da mente da gestora de RH, com a criação do projeto RH Voluntário (RHV), que se vale do alcance que as redes sociais têm para atingir pessoas em toda a Paraíba e oferecer gratuita-

Números

Instituto do Desenvolvimento Social (Idis) revela que cerca de 57 milhões de brasileiros se dedicam ao voluntariado e que nove em cada dez pessoas veem como algo importante

mente ao público análise curricular, orientações para as entrevistas e dicas de aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional.

Nas mãos de Eliane, Instagram, Facebook e LinkedIn ganharam uma nova função: contribuir para que as milhares de pessoas em busca de recolocação profissional saibam



Cristiane Alves (E), Eliane Pires (centro) e Alessandra Marzani (D) são voluntárias pela internet

se projetar em meio ao, cada dia mais competitivo, mercado de trabalho. Mas como, além de ambicioso, o projeto é algo que demanda conhecimento, o RH Voluntário se tornou um desafio para sua criadora e foi necessário convocar ajudantes. Assim, antes da pandemia, o projeto chegou a ter 15 voluntários volta-

dos às análises curriculares.

Com a chegada do coronavírus, no entanto, o projeto perdeu adesão e hoje, quase oito anos depois, Eliane, que é responsável pelas análises curriculares, busca por vagas e pelas palestras do RHV, conta apenas com a ajuda de outras duas pessoas que, auxiliam no marketing do projeto, gestão de

redes, repasse de vagas e mídias; e apoio nas análises curriculares, respectivamente. “A voluntária Alessandra Marzani é a responsável pelo gerenciamento e elaboração de estratégias nas redes, mas, juntas, nos apoiamos para sempre ter alguém online”, explica Eliane, que também conta com a ajuda de Cristiane Alves.



Entrei no grupo do WhatsApp e então organizei meus currículos e me inscrevi para uma vaga em um hospital aqui de João Pessoa

Elissonia Santos



O apoio da equipe foi fundamental para reformular minha postura nas entrevistas e, também, encontrar uma vaga de acordo com meu perfil

Gisley Anjos

Acompanhamento e arrecadações pela internet

Criadora do projeto Corações que Alimentam, Cristina Maria de Jesus vai semanalmente às ruas do Centro de João Pessoa entregar quentinhas para aqueles que estão em situação de rua na capital. Lá, ela e um grupo de voluntários fazem da entrega de refeições algo maior; já que o grupo dignifica essas pessoas dando-lhes visibilidade, afeto e atenção.

No entanto, o trabalho dos voluntários do Corações que Alimentam vai além e um dos integrantes do grupo

sempre fica responsável por alimentar, também, as redes, pois, nelas, é possível acompanhar o que os voluntários têm feito e, ainda, como contribuir para a manutenção do projeto. “Eu vendo quentinhas. Junto com uma amiga faço as refeições e sempre tem alguém para distribuir. Mas nem sempre tem comida o suficiente e é aí que vamos para o Instagram. Quem não pode ir para a rua, mas quer ajudar, pode doar alimentos ou algum valor”, explica Cristina.

Digital é alternativa

Enquanto há quem aja pelo retorno (qualquer que seja), Eliane Pires só pensa no bem que tem feito. Com o sonho de fazer do RHV uma ONG e ser capaz de captar os recursos necessários para a criação da própria plataforma de recrutamento e desenvolvimento, se tornando um hub de referência na preparação dos jovens profissionais que almejam trabalhar na área de gestão de pessoas, a criadora do projeto vê o digital como o principal meio

para a concretização dos planos que tem sonhado junto com suas parceiras.

“Com a limitação de recursos, principalmente os financeiros, o digital é nossa principal ferramenta para promover as ações necessárias e oferecer os serviços que identificamos essenciais para quem busca recolocação no mercado de trabalho. Em breve, lançaremos um projeto de ajuda mútua que unirá recém-formados, aprendizes para o primeiro emprego, universitários, recrutadores

e candidatos que desejarem nossa ajuda”, diz Eliane.

Sem restrições físicas, limitações espaciais ou barreiras, o melhor lugar para o RH Voluntário é em seu meio nativo, o digital. Mas como nada é perfeito, ainda há dificuldades e encontrar profissionais experientes e especializados na área de gestão de pessoas para somarem ao projeto é um deles. “Também tentamos sempre autenticar as vagas para evitarmos repassar golpes digitais”, conta a representante do projeto.

Comprometimento e o sorriso dos beneficiados

Sem recompensas materiais, os últimos oito anos foram, para Eliane, uma prova de seu comprometimento com a causa. “O projeto RH Voluntário significa proporcionar mais chance para as pessoas ingressarem no mercado de trabalho de forma empática e responsável, impactando vidas e famílias. Acreditamos no voluntariado, na força de fazer o bem ao próximo e, por isso, temos o sonho de nos tornar uma ONG e oferecer mais capacitações às pessoas e enviar profissionais mais preparados

para o mercado de trabalho”, afirma Eliane, ao explicar que a única recompensa que tem é ver um sorriso no rosto do próximo.

Sorriso como o do analista de manutenção Gisley Anjos, que, graças ao digital, mesmo estando em Petrolina (PE), foi atingido pelo projeto e conseguiu retornar ao mercado de trabalho após receber o apoio das colaboradoras do RH Voluntário. “O projeto me ajudou a voltar ao mercado de trabalho, pois as analistas realizaram a revisão do meu Currículo Vitae e deram di-

cas valiosas e indicaram palavras-chave para resumir minha carreira profissional ao longo destes 30 anos de profissão. O apoio da equipe foi fundamental para reformular minha postura nas entrevistas e, também, encontrar uma vaga de acordo com meu perfil”, relata ao afirmar que, mesmo tendo obtido sua recolocação, o RHV fez e ainda faz parte de sua jornada profissional, já que as dicas postadas nas redes sociais continuam sendo importantes para ele.

A enfermeira audito-

ra Elissonia Santos é outro exemplo do impacto do RHV. “Em 2019, estava muito angustiada pelo fato de não ter conseguido uma reinserção no mercado de trabalho, pois tinha trabalhado como técnica de enfermagem até 2016”, lembra ao dizer que, nesta época, começou a buscar por canais que a orientassem sobre como se portar nas entrevistas de emprego. Quando encontrou o RHV, Elissonia descobriu que a atuação do projeto ia além do compartilhamento de dicas no Instagram e em outras redes, pois

as voluntárias também ofereciam atendimento personalizado no WhatsApp. “Entrei no grupo do WhatsApp e então organizei meus currículos e me inscrevi para uma vaga em um hospital aqui de João Pessoa. Em poucos meses fui chamada para a entrevista. Passei em todas as etapas do processo e, um ano mais tarde, fui promovida nesta mesma empresa ao cargo em que atuo hoje. Tudo graças às dicas do RH Voluntário”, comenta a enfermeira, que hoje atua em um dos principais hospitais privados da capital.

Benefícios do Voluntariado no Digital

1. Valorização pelo mercado
2. Ganho de experiência
3. Possibilidade de fazer *networking*
4. Chance de entrar em contato com outras pessoas e culturas
5. Aperfeiçoamento acadêmico e profissional
6. Aprimoramento de habilidades
7. Desenvolvimento de ideias transformadoras
8. Transformação pessoal
9. Maior desenvoltura para lidar com situações adversas

Fonte: Faro/RO

APLP
Associação Paraibana de Psicologia Profissional
Associação de Psicologia Profissional da Paraíba

ELEIÇÕES 2023
EDITAL DE CONVOCAÇÃO Nº 001/2023
Pelo presente edital, faço saber que no dia 13 de agosto de 2023, no período de 08h00 às 17h00, na sede desta Entidade situada na Rua João Amorim, 234, Centro, João Pessoa – PB, e nas sub-sedes localizadas nas cidades de Guarabira, Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras – PB, será realizada eleição para composição da Diretoria Executiva e membros do Conselho Fiscal para quadriênio 2023/2027, ficando aberto o prazo de 48 (quarenta e oito) horas para o registro de chapas, que correrá a contar do dia seguinte à publicação do Aviso Resumido deste Edital, nos termos do Art. 38º do Regimento Interno. Do pedido de registro de chapa deverá constar, nominalmente, os cargos com os respectivos postulantes e não haverá substituição até 03 (três) dias antes do pleito salvo nos casos que se justifique plenamente e será dirigido à Secretaria da Associação, podendo ser assinado por qualquer dos candidatos componentes da chapa. A Secretaria da Entidade funcionará no período destinado ao registro de chapas, no horário das 08h00 às 17h00, onde se encontrará à disposição dos interessados, pessoa habilitada para atendimento, prestação de informações concernentes ao processo eleitoral, recebimento de documentação e fornecimento do correspondente recibo. A impugnação de candidaturas deverá ser feita no prazo de 02 (dois) dias, a contar da afixação das chapas registradas.
Em caso de empate entre chapas mais votadas, realizar-se-á nova eleição 15 (quinze) dias após.
João Pessoa, 03 de setembro de 2023.

Bartolomeu José de Araújo Pontes
PRESIDENTE

CURSO DA POLÍCIA CIVIL

Primeira turma termina neste mês

Acadepol já se prepara para receber outros 500 alunos que irão passar pelos estágios teóricos e práticos

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Os cerca de 500 alunos da primeira turma do Curso de Formação da Polícia Civil da Paraíba irão se formar no dia 26 de setembro, e a segunda turma será convocada em 2 de outubro. A informação foi do delegado Pedro Ivo Soares Bezerra, diretor de ensino da Academia de Polícia Civil (Acadepol) e coordenador do curso de Formação. A nova turma também será composta por cerca de 500 alunos e o chamamento ocorrerá por meio de até três editais. As aulas da segunda turma estão previstas para novembro.

“Essa convocação dos novos alunos será feita em três etapas, e o governador João Azevêdo já anunciou que a primeira chamada será no dia 2 de outubro, com prazo para que esses alunos se matriculem, e caso alguns não se inscrevam dentro desse período perderão a vaga, sendo realizada uma chamada para repor os faltosos, podendo ocorrer o terceiro e último chamamento. Se logo na primeira chamada todos se inscreverem, a turma será fechada, não havendo a necessidade dos demais editais”, explicou Pedro Ivo.

Os novos alunos do Curso de Formação da Polícia Civil vão receber todas as orientações sobre documentação e período de matrícula por e-mail. Mesmo aqueles que não estão na lista de aprovados, mas foram classificados no concurso, precisam acompanhar o DOE. Segundo o diretor de ensino da Acadepol, há situações em que o candidato aprovado desiste da vaga por algum motivo, sendo necessário chamar o pessoal que está em espera. Alguns desistem pelo fato de já terem conseguido uma colocação profissional, ou terem se submetido a outro concurso, às vezes, mais próximo de seu domicílio. Então, quem estava na lista de espera, ou seja, teve boa pontuação e foi classificado, pode subir nessa lista conforme os critérios previstos no edital do certame.

O concurso da Polícia Civil da Paraíba foi realizado em 2022 com 1.400 vagas nas funções de delegado de polícia, escrivão, investigador, papiloscopista, perito oficial criminal, perito médico legista, perito químico legal, técnico em perícia e necroscopista. Por causa das instalações físicas da Acadepol, que só comportam cerca de 600 alunos por vez, os 1.400 candidatos foram divididos em três grupos, que estão sendo chamados à medida que uma turma é concluída.

“O curso de formação tem 1.400 vagas, é o maior concurso da história da Polícia Civil da Paraíba e foi dividido em três turmas. A primeira iniciada em 24 de abril, com aula inaugural no Teatro Paulo Pontes, com a presença do governador e várias autoridades. As aulas se estendem até 26 de setembro, totalizando cinco meses”, declarou o delegado Pedro Ivo.

Segundo ele, em 2024 ocorrerá a continuidade das aulas da segunda turma e o chamamento da terceira. Dessa forma, todas as etapas do Curso de Formação da Polícia Civil da Paraíba serão cumpridas no próximo ano. Pedro Ivo frisou que todos os candidatos têm curso superior e muitos pós-graduação. A idade dos aprovados varia entre 35 e 40 anos.



Todos os alunos estão na fase das aulas teóricas, práticas, atividades físicas, além dos conhecimentos dos procedimentos nas delegacias e no IPC



Fotos: Ascom / Acadepol

Novos policiais civis vão aguardar a nomeação

Os alunos aprovados para o curso da Acadepol só vão assumir suas funções quando forem nomeados pelo governador da Paraíba, João Azevêdo. “Eles só se tornam policiais civis quando concluem o curso com êxito e são nomeados para o cargo. Só assim passarão a ser servidores públicos. O governador já anun-

ciou, publicamente, que fará a convocação da segunda turma logo após a conclusão do curso e fará a nomeação desses servidores em seguida. A expectativa é que eles concluam o curso e logo sejam nomeados”, frisou.

Pedro Ivo afirmou que a Acadepol tem uma avaliação muito positiva dessa primeira turma, tanto

do corpo discente quanto docente. O Curso de Formação tem disciplinas cuja carga horária varia de 700 horas/aula a 900 horas/aula, dependendo da área do conhecimento. O Governo contratou mais de 100 professores para ministrar as aulas. Já entre os alunos, foi percebida alta assiduidade. “Isso demonstra a vontade

de pertencer à instituição”, comemorou Pedro Ivo.

Humanística

De acordo com ele, a Acadepol optou por fazer uma formação humanística, “um preparo voltado para a preservação dos direitos fundamentais do cidadão e uma investigação efetiva para a proteção da sociedade.”

■ João Azevêdo já anunciou a convocação da segunda turma do Curso de Formação da Polícia Civil



Os futuros policiais civis recebem aulas de tiro dentro da própria Acadepol e acompanham o trabalho dos peritos nos locais de crimes violentos



Alunos passam por rígida rotina de avaliações

Ao iniciar as aulas no Curso de Formação da Polícia Civil na Acadepol, os alunos obedecem a uma rígida rotina de estudos e avaliações. As aulas são realizadas de segunda a sexta-feira, nos turnos da manhã e tarde. Algumas são realizadas, inclusive, à noite e aos sábados.

Dentre as avaliações estão provas escritas, testes físicos e psicológicos, além da obediência ao Regimento Interno da Acadepol. Fatores como assiduidade e postura ética do aluno também contam pontos, e quem não preencher todos os requisitos pode ser eliminado. “Esse é um concurso longo. Iniciado em 2022, teve várias etapas como a de conhecimento, aptidão física, psicotécnico, e a última etapa é o curso da Acadepol. Essa fase também pode eliminar o candidato, caso ele não cumpra com todos os requisitos exigidos. Mas, o percentual de reprovados nessa fase é muito pequeno”, ressaltou Pedro Ivo.

As disciplinas aplicadas no curso estão relacionadas a assuntos diversos como di-

reitos humanos, atendimento qualificado ao público, investigação policial, atendimentos de públicos vulneráveis, preparação operacional dos policiais, disciplinas táticas, além de atividades esportivas e arte marcial.

O curso é realizado dentro da Acadepol, que possui salas de aula, campo de futebol, estande de tiro e quadra poliesportiva. Apesar da estrutura adequada, os alunos também têm aulas externas, como as de direção defensiva e algumas atividades físicas. Eles ainda têm a oportunidade de participar de aulas práticas, nas delegacias e locais onde ocorreram crimes, aperfeiçoando o conhecimento sobre a rotina que vão cumprir quando se tornarem servidores públicos.

Vale lembrar que os alunos que se submetem ao Curso de Formação recebem uma bolsa de formação policial de 50% do valor da remuneração ao cargo que pleiteiam. O cadastramento dos alunos que tiveram acesso à bolsa é realizado pela Secretaria de Administração do Estado, junto com a Diretoria de

Recursos Humanos da Polícia Civil e a Acadepol. O dinheiro é um auxílio destinado ao custeio do aluno com transporte, alimentação, aquisição de material para estudo, entre outras necessidades. O recurso está previsto na Lei Orgânica da Polícia Civil.

Saiba Mais

O Concurso da Polícia Civil irá renovar a equipe da corporação que há mais de 10 anos não conta com abertura de vagas feitas por meio de certame estadual. Os últimos dois concursos ocorreram em 2003 e em 2008 e a corporação conta com cerca de 2.000 policiais ativos.



Foto: Edson Matos

Pedro Ivo comemora o trabalho realizado para o total êxito do curso da Polícia Civil

ÚLTIMA PARADA

Caminhos do Frio em Alagoa Nova

Circuito começa amanhã e vai até o próximo domingo. Durante a semana, a cidade celebra a emancipação política

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Após passar por nove municípios do Brejo paraibano, o Caminhos do Frio encerra o ciclo de visitação deste ano em Alagoa Nova. A cidade de apenas 21.013 habitantes teve como primeiros moradores os indígenas bultrins, da nação Cariri, e no próximo dia 5 de setembro completa 173 anos de emancipação política. O município possui atrativos turísticos como cachoeiras, engenhos, lagoa, prédios históricos. Segundo estimativas da prefeitura, estão sendo esperados cerca de três mil visitantes a cada dia da rota cultural, que começa amanhã, e se estende até o próximo domingo.

O prefeito Francinildo Pimentel destacou que uma equipe está se mobilizando para fazer uma grande festa da rota cultural, cuja programação também abrange as comemorações do aniversário do município. “Estamos nos organizando há algum tempo para deixar tudo bonito no encerramento do evento. Esse ano, como o Caminhos do Frio aborda o cordel, estamos preparando a decoração dentro desse tema. O público vai poder conferir o que nossa cidade tem de melhor. Na programação estará incluída a comemora-

ção do aniversário da cidade. Serão 10 dias de evento em Alagoa Nova”, afirmou o prefeito.

Durante o Caminhos do Frio, o público vai poder conferir várias atividades, entre elas estão exposições fotográficas e de quadros, palestras, artesanato, teatro de babau, desfile exibindo peças de vestuário bordadas, shows musicais, inclusive, religiosos. Uma das bandas esperadas é a Limão com Mel.

Segundo Jefferson Barbosa Lira, secretário de Cultura, Turismo e Juventude de Alagoa Nova, o visitante ainda poderá andar pela Vila da Gastronomia, Vila do Artesanato, conferir réplicas de casas em xilogravuras, conhecer um espaço instragramável e uma área dedicada ao cordel. “A previsão de público é a melhor possível, girando em torno de três mil visitas diárias”, declarou.

Turismo de aventura

O secretário enfatizou que Alagoa Nova é uma cidade com potencial turístico na área rural e de aventura, onde se costuma fazer trilha na Cachoeira da Boa Vista, passando por serras que possibilitam uma visão exuberante da cidade, como a trilha para a Barragem de Nova Camará. Atualmente, a barragem é ponto de visitação e

“A previsão de público é a melhor possível, girando em torno de três mil visitas diárias até o dia 10

Jefferson Barbosa Lira

turismo de aventura.

“Na parte gastronômica, temos a Rota dos Sabores, produto criado que viabiliza a visitação a três restaurantes rurais entre os Sítios São Tomé e São José. Temos os Restaurantes Dona Berna, Quinta do Sabiá e Pesque e Pague como referências, além da produção agrícola do município com produtos orgânicos, doces caseiros e o artesanato que tem sua tradição”, enfatizou o secretário de Cultura, Jefferson Barbosa Lira.

Indígenas bultrins dominavam local

Os primeiros habitantes de Alagoa Nova, segundo a prefeitura da cidade, foram os índios bultrins, da nação Cariri. A população nativa criou um aldeamento chamado Aldeia Velha, posteriormente batizado de Bultrins. Em 1760, com a promulgação do Diretório dos Índios, as terras indígenas foram ocupadas por fazendeiros, gerando conflito com os povos nativos, que resistiram à invasão. No entanto, não puderam vencer o poderio bélico dos forasteiros, sendo mortos ou escravizados.

Alguns remanescentes indígenas foram viver na Missão do Pilar, enquanto os fazendeiros estabeleceram propriedades e formaram novos povoa-

dos. Em 1763, o governador Francisco Xavier de Miranda Henrique concedeu terras do Olho D'Água da Prata, terra vizinha ao aldeamento Bultrin, a Maria Tavares Leitão e seu filho, o alferes José Abreu Tranca. Ambos investiram na agricultura de subsistência, na criação de gado e no comércio do excedente de farinha, que era vendida para o Sertão. Por causa dessa prática, o historiador Epaminondas Câmara denominou essa fase de “civilização da farinha”.

Documentos antigos mostram a existência de Alagoa Nova desde o século 17. Segundo a prefeitura da cidade, registros históricos mostram que em 1840 existia um grupo de mora-

dores próximos de uma lagoa, dando origem à fazenda Alagoa Nova - primeiro topônimo do povoado. A propriedade pertencia ao senhor Manoel Pereira da Silva. Outros fazendeiros se destacaram na região, como Severino Benedito e Belarmino Nogueira.

A primeira capela do local, dedicada a São Sebastião, foi construída em 1870, em um terreno doado pelas irmãs Catarina e Balbina, da família Ferreira Rabelo Aranha. Tempos depois, foi construída outra igreja, tendo como padroeiro o Divino Espírito Santo. Atualmente, ela é a Igreja Matriz de Santa Ana.

O dono da fazenda Alagoa Nova, Manoel Pereira da Silva, foi o primeiro grande co-



Edificações como a Igreja Matriz de Santa Ana são atrativos para os visitantes

merciante da região e em 1977 o setor comercial já estava desenvolvido no povoado. Manoel Pereira foi responsável pela instalação de um engenho primitivo para descaroçar algodão, chamado de “bulandeira”. Ele também era usado na moagem da cana-de-açúcar e na fabricação de rapadura. Com o crescimento e o desen-

volvimento da região, criou-se o distrito de Alagoa Nova, por meio da Lei Provincial nº 6, de 22 de fevereiro de 1837, sendo subordinado ao município de Campina Grande.

Em 5 de setembro de 1850, o distrito foi elevado à categoria de vila, com a denominação de Alagoa Nova, pela Lei Provincial nº 10, de 5 de setem-

bro de 1850, se desmembrado de Campina Grande, com sede no núcleo de Alagoa Nova.

Vale lembrar que parte da história da cidade foi destruída devido a um incêndio ocorrido durante a Revolta do Quebra-Quilos, em 1874, movimento que aconteceu na região. Na ocasião, o arquivo da prefeitura foi queimado.

Pontos Turísticos

■ Cachoeira dos Caldeirões

Localizada no limite entre Alagoa Nova e Esperança, a Cachoeira dos Caldeirões se destaca pela formação rochosa. Ela está inserida no Sítio Ribeiro e Sítio Carrasco, possuindo pequenas gravuras rupestres em suas formações rochosas. Devido à correnteza do Rio Riachão, afluente do Rio Mamanguape, as pedras que constituem a cachoeira apresentam deformações que chamam a atenção do visitante.

■ Cachoeira da Boa Vista

A cachoeira fica distante cerca de 8km da zona urbana e apresenta, no entorno, vários exemplares da vegetação local. Tem uma queda d'água de, aproximadamente, 50 metros. É apropriada para a prática de trilhas e turismo de contemplação.

■ Portal Pedro Moreno Gondim

Na entrada da cidade, o visitante se depara com o portal dedicado a Pedro Moreno Gondim, ex-governador do município. A obra tem duas colunas inspiradas nas chaminés do período dos engenhos. Também é possível observar bancos no formato de moenda, com uma calçada apropriada para a prática de caminhada.

■ Barragem Nova Camará

A Barragem de Camará foi construída entre 2002 e 2002. Embora, a cidade tenha vivido uma passagem negativa na década passada, atualmente a área é visitada, tendo áreas apropriadas para a prática de trilha, caminhada, ciclismo e rapel.

■ Parque Lagoa Manoel Pereira

Segundo historiadores, o local servia de descanso para os tropeiros. Eles paravam para descansar das longas viagens e dar água aos animais. Os animais eram usados para transportar fardos de algodão, produtos agrícolas e especiarias que eram comercializadas do Sertão para o Agreste. A lagoa foi urbanizada em 1998, sendo conhecida como “Lagoa de Joca Patrício”. Hoje, é um dos pontos de encontro da população.

■ Engenho Olho D'Água

O Engenho Olho D'Água é um dos símbolos do apogeu da produção da cana-de-açúcar, do progresso e agricultura canavieira na região. O engenho produzia rapadura e aguardente. Parte dos produtos era vendida na região e em Campina Grande.



Capitaneado pelo professor Luiz Mário Dantas Burity, projeto que é uma parceria entre a FCJA e a SEECT-PB já digitalizou 93 das 100 edições da publicação, que circulou entre os anos de 1921 e 1926

Resgate da centenária *Era Nova*

Confira os detalhes e curiosidades de uma das mais importantes e vanguardistas revistas produzidas na Paraíba

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A equipe envolvida na tarefa de digitalização de uma das mais importantes revistas da Paraíba, *Era Nova*, que está sendo executada na sede da Fundação Casa de José Américo (FCJA), situada em João Pessoa, tem se dedicado a um trabalho minucioso e paciente. Até agora, foram digitalizados da edição inaugural ao número 93, de um total de 100 publicações, que circulou regularmente entre os anos de 1921 e 1926, no estado. “No momento, estamos fazendo o que chamo de remontar a coleção, pois, como a revista não tem indicação do número de páginas, algumas delas estão embaralhadas e temos feito todo o esforço para montar esse quebra-cabeça”, disse o coordenador do projeto, o professor Luiz Mário Dantas Burity. Ele informou que o intuito é procurar localizar em acervos os sete números restantes, do 94 ao centésimo, que completam a coleção, para que também passem pelo mesmo processo de digitalização. O objetivo é, após a conclusão do projeto, disponibilizar, por meio do site da FCJA (fcja.pb.gov.br), todo o material para consulta pelo público e por pesquisadores.

“A digitalização é a parte mais fácil. Os números que conseguimos digitalizar foram encontrados no próprio acervo da FCJA e no Arquivo Privado Maurílio de Almeida, que foi onde mais procuramos e encontramos números em boa quantidade e qualidade, mas também estivemos no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O problema é remontar a coleção, a interpretação desse arquivo e, também, tentar localizar os sete

números restantes, porque são poucos os exemplares existentes”, comentou Mário Burity. “O próximo passo será visitar a Biblioteca Átila de Almeida, custodiada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A pesquisa tem o seu próprio ritmo e, por isso, não há prazo para encerrá-la. Não sabíamos, por exemplo, que teríamos de ir até a Biblioteca Átila de Almeida até perceber a necessidade de realizar a visita”.

Iniciado em setembro do ano passado, esse trabalho de digitalização, ora em execução, é denominado “O modernismo na Paraíba: a revista *Era Nova* e a novela *Reflexões de uma cabra*” e resulta de parceria da FCJA com a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba, por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba. Além de Luiz Mário Burity, a equipe envolvida na tarefa ainda é composta pela professora da UEPB, Alômia Abrantes, e os bolsistas de iniciação científica Arthur Vilarim Jácome e Ayanne Andrade Duarte. “O grupo tem usado uma *scanner* planetária, que tem resolução gigantesca, de muita qualidade, para depois ser entregue para consultas ao público, pelo menos pelo portal da FCJA. O acervo também deverá ser disponibilizado na sede da Fundação, em computadores e de forma física, porém com manuseio orientado e seguindo cuidados técnicos, como o uso de luvas”, explicou o coordenador.

Além da não numeração das páginas, Luiz Mário ressaltou que a *Era Nova* se caracteriza por algumas curiosidades. “Uma peculiaridade é que os primeiros números da revista vinham com fotos de senhoritas, jovens moças paraibanas, na capa. Por causa disso, a professora Alômia Abrantes chegou a dizer que a revista cumpriu uma função de ‘álbum social’,

quase como um baile de debutantes, para a sociedade daquela época”.

Outro ponto interessante que o coordenador colocou foi o fato de José Américo de Almeida (1887-1980) foi o escolhido para assinar a coluna, sem título, de abertura da revista, entre 1921 até 1922. “Eu tenho argumentado que, com isso, José Américo teria ensaiado um estilo literário que viria a adotar no romance *Reflexões de uma cabra*, publicado no segundo número da revista *A Novela*, em 1922, e, mais tarde, em *A Bagaceira*. Na época, além de José Américo, havia outros intelectuais, como Celso Mariz, Carlos Dias Fernandes, Perilo de Oliveira, Monsenhor Pedro Anísio e o ilustrador Tomaz Santa Roza, que estava em início de carreira, e que depois veio a ser fundamental na história gráfica e editorial brasileira”, disse ele.

Luiz Mário Burity ainda apontou outras curiosidades da revista. “A *Era Nova* tinha cada página com uma cor diferente, o que deveria dar trabalho para montá-la. Além disso, em alguns casos, foi a que usou, de maneira inédita na Paraíba, a cromotipia, com várias cores, que tinha surgido há pouco tempo no exterior, e a quadricromia, técnica que permite a reprodução de um desenho. No dia seguinte da publicação da revista *Era Nova*, as páginas do Jornal *A União* vinham manchadas das cores vermelho, amarelo e azul, porque ficava resto de tinta na máquina tipográfica, que era a mesma utilizada”, ressaltou ele.

A revista era produzida por um grupo de editores, sendo o principal Severino Lucena. “A *Era Nova* foi fruto de amigos intelectuais que circulavam pela Paraíba, nos anos 1920. A revista foi criada, como diz o próprio título, com o propósito de pensar novos tempos, o futuro e sur-

giu como proposta modernista, com inspiração no movimento *art nouveau*, que é um movimento de produção gráfica que estava na moda desde o início dos anos 1900, na Europa. A revista tem uma feição gráfica muito bonita, exuberante, toda colorida, em papel *couché*, e o número de páginas variava de 28 a 40, dependendo da edição. Mas algumas eram maiores. O exemplo é a edição em comemoração ao centenário da independência do Brasil, que tem 300 páginas. A revista era produzida na imprensa oficial, hoje Editora *A União*, e esse subsídio oferecido pelo Governo do Estado para impressão era essencial para a publicação”, comentou Burity.

Os assuntos que a *Era Nova* abordava eram variados, sobretudo, as crônicas de José Américo de Almeida, que nunca foram publicadas nos livros dele. “Em seus textos para a revista, José Américo falava sobre temas como os novos meios de transporte e o automóvel, já alertando para o perigo de atropelamentos. A revista tinha muitas colunas, como *Cartas de Mulher*, assinada por Violeta, codinome de alguém que ainda não se identificou quem era; *De Passagem*, escrita por vários autores; *Vida de Imprensa*, assinada por Abel Silva e Carlos Dias Fernandes; e *Notas Elegantes*, sem assinatura. Além das cores e estilos, a revista tem detalhes, que fazem referência às flores”, relatou ele.

A digitalização da coleção *Era Nova* é um subprojeto integrante da iniciativa de pesquisa macro denominado “Preservação da memória e difusão educativa e cultural do acervo da FCJA”, que, ao todo, agrega cinco projetos. “É um resgate importante, para as novas gerações, para entender como era a sociedade paraibana nos anos 1920 e como ela pensava o futuro”, finalizou Luiz Mário Burity.



Com uma proposta modernista, inspirada no movimento ‘art nouveau’, a revista celebrou o centenário da Independência, trazia jovens paraibanas na capa como um “álbum social”, registrava eventos importantes, como a passagem de governo de Sólón de Lucena (1877-926) para João Suassuna (1886-1930), além de ter um acabamento gráfico de qualidade, colorido e em papel ‘couché’, com um número variado de páginas

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

China, sanções e inovação

Sanções econômicas têm mais chances de serem bem-sucedidas em países pequenos, com uma estrutura produtiva pouco diversificada. Cuba e Venezuela são dois bons exemplos. A ilha caribenha não se industrializou depois da revolução. Vivía uma relação comercial dependente com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que consistia basicamente na troca de produtos primários por bens industrializados e combustível. O fim do bloco soviético precipitou uma crise sem precedentes. Fora do sistema internacional de trocas, os cubanos enfrentam dificuldades de operar um processo de industrialização no país e de acessar o mercado global.

O mesmo não acontece com a China. A Huawei, empresa chinesa de telecomunicações, recebeu sanções dos Estados Unidos, o que restringiu o seu acesso a *softwares* e semicondutores. O que para alguns seria o fim da empresa se nesse caso serviu de impulso para o desenvolvimento de tecnologias independentes.

Recentemente, a Huawei anunciou que seus *Smartphones* serão equipados com chips 5G de tecnolo-

gia e fabricação própria. Nesses casos, as sanções tendem a ser um tiro no pé, porque os concorrentes acabam alcançando autonomia numa área mais rapidamente.

Desde o processo político que reintroduziu a China no mercado global, que o país aposta na complexificação de suas cadeias produtivas, nas expertises de seus engenheiros e no investimento em pesquisa científica. A ideia central é promover uma modernização socialista que consiga elevar a capacidade produtiva chinesa, permitindo a superação dos países capitalistas e a criação do maior estado de bem-estar social da história.

A China retirou 800 milhões de pessoas da pobreza, desde a revolução de 1949. A expectativa de vida, que era um pouco mais de 30 anos, hoje supera a dos Estados Unidos. As estratégias chinesas de investimento em inovação, pesquisa e desenvolvimento, aliadas à busca por autonomia tecnológica, estão posicionando o país em lugar de destaque no mundo.

A capacidade sofisticada de planejamento estatal é uma das vantagens do país asiático. A ascensão econômica e

tecnológica da China cria novos desafios para as ciências sociais compreenderem as mudanças em curso e a natureza dessa formação socialista.

É fundamental reconhecer a interconexão entre a vida cotidiana, as políticas macroeconômicas e as tendências globais para uma compreensão mais profunda das complexidades sociais contemporâneas. Como interrogar as alternativas reais da ordem capitalista.

No globo

Estratégias chinesas de investimento em inovação, pesquisa e desenvolvimento, aliadas à busca por autonomia tecnológica, colocam o país em destaque mundial

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Cidade como síntese da arte

Este texto é dedicado à minha filha, a arquiteta e urbanista Ingrid Maux Dias

Charles-Edouard Jeanneret-Gris (1887-1965), conhecido por Le Corbusier, foi arquiteto, urbanista, escultor e pintor suíço. Em sua *Carta de Atenas*, publicada em 1933, no tópico 92, ele afirma: “A arquitetura preside os destinos da cidade. Ela ordena a estrutura da moradia, célula essencial do tecido urbano, cuja salubridade, alegria, harmonia são subordinadas às suas decisões. Ela reúne as moradias em unidades habitacionais, cujo êxito dependerá da justeza de seus cálculos. Ela reserva de antemão os espaços livres em meio aos quais se erguerão os volumes edificadas em proporções harmoniosas. Ela organiza os prolongamentos da moradia, os locais de trabalho, as áreas consagradas ao entretenimento. Ela estabelece a rede de circulação que colocará em contato as diversas zonas. A arquitetura é responsável pelo bem-estar e pela beleza da cidade. É ela que se encarrega de sua criação ou sua melhoria, e é ela que está incumbida da escolha e da distribuição dos diferentes elementos cuja proporção feliz constituirá uma obra harmoniosa e duradoura. A arquitetura é a chave de tudo”. (Le Corbusier, 1993, p. 71).

Em 1933, Le Corbusier apresentou o conceito da Ville Radieuse (“Cidade Radiante”), que propõe diretrizes de organização urbana com o intuito de promover uma convivência social saudável. Essas orientações incluem uma cidade arborizada, com amplo espaço; edifícios altos, cujos térreos seriam abertos por colunas, permitindo que pedestres desfrutem do ambiente livremente, também proporcionando vistas das áreas verdes; construção de edifícios em pontos de referência para facilitar a localização; e unidades de vizinhança com infraestrutura básica de equipamentos comunitários. A Cidade Radiante busca satisfazer quatro necessidades: fornecer moradias saudáveis aos habitantes; tornar os locais de trabalho mais higiênicos; planejar o bom uso das horas livres e garantir uma rede comercial eficiente. O objetivo desse projeto é estetizar a vida dos cidadãos, quer dizer, torná-la bela.

Os princípios propostos acima, por Le Corbusier, exerceram uma influência significativa no planejamento urbano moderno e contemporâneo. Eles harmonizam o desenvolvimento de novos conjuntos habitacionais de alta densidade populacional. A cidade projetada por ele inclui meios de



Foto: Reprodução

Arquiteto e urbanista suíço Le Corbusier

mobilidade eficientes, com destaque para uma plataforma de transporte centralizada no distrito cívico. Nesta região central, existe um amplo sistema subterrâneo de trens que tem de transportar os cidadãos para os bairros residenciais. O arquiteto e urbanista ressaltou a importância de criar uma quantidade significativa de espaços verdes, a fim de proporcionar uma maior incidência de luz solar. No que diz respeito ao zoneamento, ele organiza a cidade em áreas comerciais, de lazer e residenciais. As atividades de negócios são concentradas no centro, enquanto os bairros habitacionais são ocupados por edifícios de apartamentos pré-fabricados, com uma altura projetada de aproximadamente 50 metros. Destaca-se que a única edificação residencial é projetada para acomodar 2.700 habitantes, funcionando como vila vertical. Restaurantes e lavanderias são instalados no piso térreo e o jardim de infância e a piscina na cobertura. Entre os blocos devem existir parques, proporcionando aos residentes um máximo de luz natural, um mínimo de ruído e aparelhos de lazer à porta.

Le Corbusier apresentou seu projeto Cidade Radiante para Paris, Antuérpia, Moscou e Argel. Em 1949, ele elaborou o plano para Chandigar, a capital dos estados do Punjab e de Haryana, na Índia. Essa foi a primeira cidade planejada no território indiano independente, onde Le Corbusier aplicou seu harmonioso sistema de zoneamento e projetou o Complexo Central Capitol, composto pela Alta Corte, o Palácio da Assembleia e o secretariado. Outra conquista que de-

monstra a influência de suas ideias foi a concepção de Brasília, a capital do Brasil. O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto, urbanista e professor francês Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima Costa (1902-1998) em parceria com o arquiteto brasileiro Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (1907-2012). A dupla concebeu Brasília geometricamente perfeita, construiu imponentes setores administrativos e bairros residenciais confortáveis e idênticos, todos de propriedade federal. O projeto de criação de Brasília pretendia concretizar os princípios de igualdade e justiça, que eram essenciais a Le Corbusier, Costa e Niemeyer. No entanto, anos mais tarde, eles constataram que esses princípios foram destruídos pelas práticas políticas na cidade.

Hoje em dia, as cidades construídas sob a influência do Modernismo, conforme idealizado por Corbusier, são frequentemente descritas como utópicas. É o caso de Brasília, que, devido à má administração, tem sido alvo de críticas por não ter preservado os hábitos culturais e de lazer de seus moradores. Além disso, os blocos de apartamentos inspirados na Unidade da Habitação, criados por Le Corbusier, que estão presentes nos arredores de várias grandes cidades atualmente, tornaram-se focos de pobreza, uso de drogas ilegais e criminalidade; muitos deles foram reformados ou demolidos.

A concepção de embelezar a cidade através de um planejamento que dá ênfase à estetização da vida e ao bem-estar social é tão essencial atualmente quanto era em 1933, quando Le Corbusier publicou Carta de Atenas. Questões como preservar a qualidade de vida, melhorar a mobilidade urbana, evitar a poluição sonora e preservar espaços públicos de lazer e cultura, que foram abordadas por Le Corbusier, continuam sendo preocupações importantes dos urbanistas nas revitalizações das cidades nos dias de hoje, pois a arquitetura faz a cidade ser bonita, estetiza a vida e promove a felicidade como um bem comum.

Sinta-se convidado à audição do 434º Domingo Sinfônico, deste dia 3, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças clássicas do compositor, musicólogo, pianista e violinista italiano Ottorino Respighi (1879-1936).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O terno azul

Meu caro Mino, escrevo essa Carta dos trópicos, onde o sol de Henri Miller não nasceu primeiro.

Acho que você concorda comigo: o grande problema do planeta é população, é gente demais para comer, incomodar, nunca um relicário. Ter um pai inteligente, o seu, Demétrio Carta, um homem de cultura, já foi grande adiando para interpelar, mas nem todos conseguem sair do breu.

Pedago a pedago, a gente vai-se reconfigurando nessa brisa que o Brasil beija e balança, para não ficarmos só entre os trópicos, nós presos às paredes, rodapés, reboco, candeeiros e cuspideiras. Não sei para que tanta coisa, além dos ossos do ofício.

O mundo dos talentosos é minúsculo, Mino, certamente, por isso, os guetos não chegaram a lugar nenhum. Tudo se assemelha a uma organização desorganizada. Ninguém acredita em mais nada, numa azáfama total. Não sei por que usei essa palavra azáfama, meu caro Mino, mas ninguém é cidadão.

Andam para trás caranguejos e homens de três bocas a se preparar para nada(r) no mar mental Brasil, mas, evidentemente, com um ritmo irregular, menos os raros estudiosos.

Eu gosto de você Mino Carta, não por ser imenso, mas pela sua naturalidade assustadora. Sim Mino, precisamos reconstruir pontos apagados, tições, tensões no maquiagem e vestir os mortos-vivos, durante a travessia. Tem gente por aqui, meu caro Mino, que ainda está carregando o morto.

Pelas cidades destruídas conseguimos ver o berço e rastro da nova civilização artificial, colados nos moradores de rua, que avançam e com a chegada da liberação da machona, segundo Nelsinho Mota, tudo vai ficar bem estável e o governo vai arrecadar trilhões. Imagina.

Mino não fala sobre isso, ele afirma que os jornalistas de hoje estão focados apenas na notícia, como um mero fato, espalham pelas redes, ou seja, os jornalistas, segundo Mino, estão dando voltas na lâmpada, feito mariposas. Trepam, mas não gozam.

Na verdade, vivemos entre moscas, sopas, dessa patologia social dos amarelos empombados, nesse tempo e sua desventura online.

O “umbigo” da notícia é vaidade e fogo morto, mais agonizante que antes do Brasil de Domitila, está praticamente na horizontal da barriga, como um tambor ou tumor, sei lá.

Minha Carta seguiu o rastro do pai (que também era jornalista, um cara que enfrentou a mitologia, a literatura brasileira, o que raros jornalistas o fazem). Ou seja, em volta da lâmpada, as mariposas...

Carta diz que é melhor inventar a realidade e está certo: “a invenção da realidade é algo empolgante”, diz ele, ao lembrar de Guimarães Rosa. E pensar que Mino Carta virou jornalista por causa de um terno azul-marinho. Foi assim.

O pai dele foi convidado para escrever textos na época em que trabalhava no *Estadão*, sobre o mundial de futebol que se realizaria em 1950 no Brasil, mas o pai de Mino detestava futebol. Passou a bola para o filho

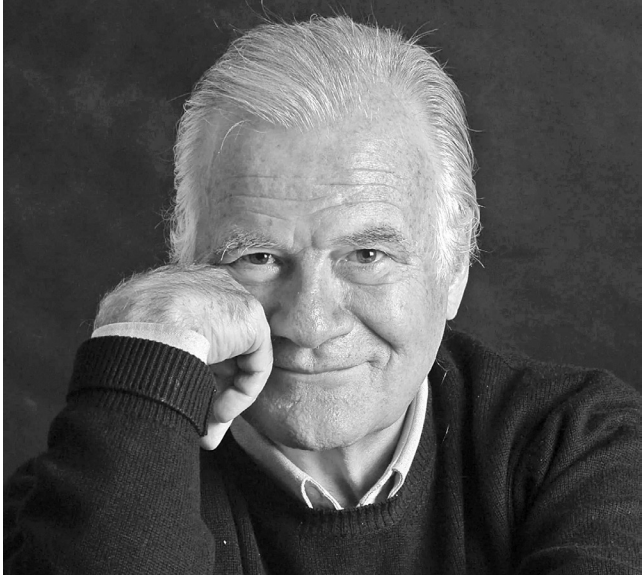
Mino logo quis saber quanto ia ganhar. Ele topou e com a grana, comprou numa alfaiataria um terno azul-marinho, para ir aos bailes dos sábados e conquistar as garotas – “terno azul-marinho, era o rei dos ternos”, fecha MC.

Mino é um anárquico jornalista e eu bebo na taça. Ah! Parabéns, somos de Virgem – no dia 6 você fará 90 anos, dia 7, o K fará 63.

Kapetadas

- 1 - Papel de trouxa é tão ruim que nem a reciclagem compra. Deu a baxiga;
- 2 - Todo mundo se espanta com a idade da família Xororó, porque eles vão negando as aparências e disfarçando as evidências.

Foto: Carta Capital/Divulgação



Jornalista Mino Carta, diretor de Redação da ‘Carta Capital’

Colunista colaborador

Alex Santos

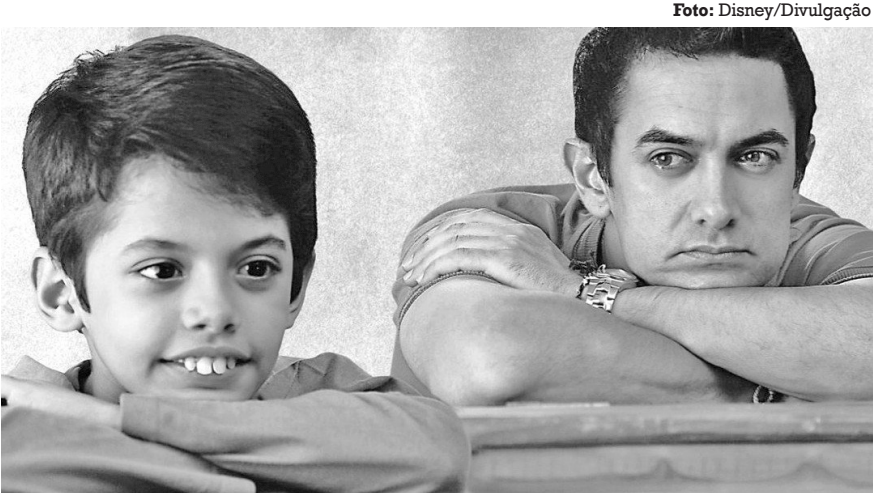
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Filme põe em xeque a pedagogia convencional

É bem verdade que o ensino inadequado gera não só desconhecimento daquilo que é certo e essencial à vida, como deixa ainda mais perturbada a mente do aprendiz. Digo isso, rebobinando algumas situações que tive em sala de aula, na UFPB, como em outras instituições de ensino superior, com alunos de naturezas tão diferentes ao aprendizado. Então, haveremos de nos perguntar: E aí, o que fazer? Ora, rever conceitos de ensino àquele aluno tido como peculiar. E foi o que sempre fiz...

Isso mostra que a solução do problema no ensino jamais está no aluno, mas no professor e na demanda diferenciada de métodos pedagógicos para cada aluno. Mais ainda, ao nos depararmos com um aprendiz considerado “especial”. Como é o assunto do filme *Como Estrelas na Terra*, uma produção indiana de 2007, dirigida por Amole Gupte e Aamir Khan, que também atua no filme, cujos direitos comerciais foram adquiridos pela Walt Disney Home Entertainment, sendo possível ser visto, ainda, na Netflix.

É um filme emocionante, que narra a história de uma criança de 9 anos de idade, Ishaan (Darsheel Safary), diferenciada, com problemas de dislexia. O garoto passa quase o tempo todo sendo incompreendido pelos professores, não respondendo bem aos ensinamentos, situação que se repete até em casa com próprios pais, numa “rebelia silenciosa” ao enfrentar as coisas.



Garoto (Darsheel Safary) e seu professor (Aamir Khan), em ‘Como Estrelas na Terra’

Típico de quem é acometido de dislexia, o garoto Ishaan tem dificuldade de reconhecer os símbolos gráficos e a ligação das palavras. Um problema que se agrava justamente na sala de aula, levando os professores à loucura. Ao ponto de alguns deles agredir o menino na frente dos companheiros. Uma maneira rude e difícil de ser admitida.

No entanto, *Como Estrelas na Terra* denuncia o outro lado do problema: a face virtuosa de Ishaan na pintura. E isso só é possível através do professor Shankar (Aamir Khan), que chega para lecionar artes na escola do garoto. O mesmo professor que, quando criança, fora também incompreendido pelos pais e orientadores, por ter o mesmo problema. O professor Shankar, então, reinventa situações para os alunos, através da pintura. A cena é comovente, quando a direção

da escola descobre o talento do garoto Ishaan. Belo filme!

Recentemente, motivado por uma experiência análoga de ensino, nas escadarias da Igreja São Frei Pedro Gonçalves, no Centro Histórico da capital, orientada pelo amigo das Artes Visuais, Sóter Carreiro, me fez rever um filme *Como Estrelas na Terra*, que trata justamente desse assunto. Também, levou-me aos tempos de ginásiano, com o saudoso professor Zé Cornélio da Silva, de Geografia, com a maioria dos nossos encontros fora da sala de aula do Grupo Escolar João Úrsulo, nos arredores e canaviais da cidade de Santa Rita.

Agora, sobre as atividades do amigo Sóter, no Centro Histórico, trarei os detalhes na próxima semana. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC felicita o editor do *Correio das Artes*

Academia Paraibana de Cinema (APC) – representada pela presidente, a atriz Zezita Matos, seu conselho diretor e membros da entidade – se congratula com editor do *Correio das Artes*, André Cananéa, pela recente homenagem recebida, em razão do trabalho jornalístico desenvolvido em **A União**. As homenagens aconteceram na tarde da terça-feira passada (dia 29), na sede da Academia Paraibana de Letras (APL), no Centro de João Pessoa, durante o evento Pôr do Sol Literário.

Em cartaz

ESTREIAS

GOLDA - A MULHER DE UMA NAÇÃO (Golda. EUA. Dir.: Guy Nattiv. Drama. 12 anos). CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 19h - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h - 18h30 - 21h.

O PORTEIRO (Brasil. Dir.: Paulo Fontenelle. Comédia. 14 anos). CENTERPLEX MAG 1: 15h15; CENTERPLEX MAG 4: 17h - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h45 - 16h45 - 19h - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h45 (exceto seg. e ter.) - 19h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 2: 21h; CINE SERCLA TAMBIA 3: 16h50 - 18h50; CINE SERCLA PARTAGE 1: 16h10; CINE SERCLA PARTAGE 4: 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5: 14h50.

AS TARTARUGAS NINJA: CAOS MUTANTE (Teenage Mutant Ninja Turtles: Mutant Mayhem. EUA. Dir.: Jeff Rowe. Animação. 10 anos). CENTERPLEX MAG 3 (3D): 16h (dub.) - 18h (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h - 17h30 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - Macro-XE (dub., 3D): 14h30 - 17h45 - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 15h30 - 18h - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h15 - 16h15 (3D) - 18h15 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h15 - 16h15 (3D) - 18h15 - 20h15.

TOC TOC TOC - ECOS DO ALÉM (Cobweb. EUA. Dir.: Samuel Bodin. Terror. 16 anos). CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 17h20 (dub.) - 22h (leg).

CONTINUAÇÃO

BARBIE (EUA. Dir.: Greta Gerwig. Comédia e Fantasia. 12 anos). CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 20h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h40.

BESOULO AZUL (Blue Beetle. EUA. Dir.: Angel Manuel Soto. Aventura. 12 anos). CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 14h15 - 17h15 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h45 - 18h45 - 21h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 16h - 18h45 - 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h50 - 18h10 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 18h10 - 20h30.

A CHAMADA (Retribution. EUA. Dir.: Nimród Antal. Ação. 14 anos). CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 15h15.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tâmbia [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Minha biblioteca sou eu!

Li, em certo lugar, que toda biblioteca é única e tem a cara do seu dono. Fiquei pensando. Tenho uma biblioteca que fui organizando ao longo de minha vida, adquirindo e recebendo livros de todos os lugares e de variadas espécies. Qual seria, então, a marca de sua unicidade? E, se ela, a biblioteca, tem a minha cara, qual seria, de fato, a minha cara?

Estudei Direito, principalmente a sua teoria, o direito criminal e, hoje, aprecio as relações entre direito e literatura. Fazem parte de minhas estantes nomes como Francesco Carnelluti, R. Von Ihering, Alessandro Groppali, Giuseppe Bettiol, Nelson Hungria, Roberto Lyra, Pontes de Miranda, Caio Mário da Silva Pereira, Goffredo Telles Júnior e tantos outros.

Não sei, ao certo, a contribuição que me deram estes estudiosos na formação de minha personalidade. Talvez algum senso de justiça, alguma medida de equilíbrio, o cuidado em ponderar as múltiplas facetas que envolvem os conflitos humanos e, pasmem, um gosto muito particular pela ordem estilística no manuseio das palavras. Ainda hoje volto às páginas de Caio Mário da Silva Pereira, não tanto pelos conteúdos odisséicos do direito civil, mas, sobretudo, pela elegância e fluência verbais que caracterizam a sua escrita. Houve uma época em que os juristas sabiam escrever!

Fiz o curso de Letras, mestrado e doutorado em Literatura Brasileira. Por isto mesmo, a espinha dorsal de minha biblioteca reside nas obras literárias, linguísticas e filológicas. Dicionários, enciclopédias, obras de referência, ao lado dos muitos gêneros, ortodoxos e heterodoxos, compõem esse acervo que muito revela de meus interesses cognitivos. Portanto, também, da minha psicologia de leitor.

Alguns autores têm a minha preferência, não importa o gênero literário que cultivem. Nutro uma especial predileção pelos estudos de teoria da crítica, da poesia e dos gêneros íntimos, isto é, diários, memórias, autobiografias, confissões, cartas, biografias, biografemas etc. A crônica, o conto, a novela e o romance ocupam grande parte no meu tempo de leitor. Leio os contemporâneos, os novos, os emergentes, porém, nunca abandono os autores de sempre, clássicos e modernos, aqueles que residem definitivamente na minha mesa de cabeceira ou na cadeira de balanço ao lado da rede.

Ora, estou com Dante, abismado nos seus tercetos sagrados. Ora, degusto a sabedoria de Montaigne e o desespero de Pascal. De vez em quando, volto aos gregos e repasso as aventuras de Aquiles, na *Ilíada*, e de Ulisses, na *Odisseia*, estas duas narrativas originais e fundantes. Quase sempre folheio os volumes de Kierkegaard, os versos de Baudelaire, os capítulos de Flaubert, as ironias furibundas de Shopenhauer, o destemor e a iluminação de Nietzsche, a amargura eucarística de Cioran. Claro, Fernando Pessoa não me deixa, seus heterônimos me fascinam. Augusto dos Anjos, José Lins do Rego, Ariano Suassuna compõem a Santíssima Trindade de minhas escolhas paraibanas. Gosto de Lúcio Cardoso, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Machado de Assis. Machado de Assis, só ele, e as coisas sobre ele, constituem um núcleo duro de minha biblioteca.

E há os ingleses, os alemães, os norte-americanos, os espanhóis, os latino-americanos, os italianos, os russos. Ah! Os russos! Gogol, Dostoiévski, Tolstói, Tchecov, Maiakóvski, Anna Akhmátova. Por maior que seja a Sibéria, ainda seria pequena para conter e guardar a grandeza dessa literatura.

Que marcas estes autores e estas obras imprimiram no meu rosto, no meu modo de ser, na minha maneira de mensurar as coisas e conviver com as criaturas?

Verdade. A minha biblioteca é única e tem a minha cara. Única, na sua pluralidade de saberes, onde a filosofia, as ciências sociais, principalmente a história; a estética, o cinema, as artes plásticas, as religiões dialogam entre si no ecumenismo de suas mensagens. Tem a minha cara, sim, pois sou feito desses livros que me acompanham na alegria e na doença, num casamento indissolúvel e sempre amoroso.

O repertório, a arrumação, o cuidado, a limpeza, as seções, os assuntos, as possíveis divisões, as doutes classificações, tudo é fundado na razão e na fantasia, frutos de uma mente e de um coração irrepetíveis.

As obras e os autores que me impregnaram com suas lições de beleza e sabedoria também adquiriram, no compasso da leitura diuturna, certo jeito de ser que vem das minhas mãos, do meu olhar, da minha forma individual e única de amá-los com um amor que não cansa e não se desgasta. Se Shakespeare é um autor universal, como Homero, Dante, Dostoiévski e T. S. Eliot, por exemplo, sinto que tenho o meu Shakespeare, o meu Homero, o meu Dante, o meu Dostoiévski e o meu T. S. Eliot.

Minha biblioteca tem sido o meu mundo. Meu mundo tem sido os livros. Minha biblioteca sou eu!

Colunista colaborador



Pernambucana Hermila Guedes com a paraibana Marcélia Cartaxo em cena do seriado (E), que predominantemente foi gravado no polo audiovisual do município de Cabaceiras (D), no interior do estado

‘STREAMING’

Cangaço Novo vira hit no mundo

Rodada na Paraíba, série brasileira do Amazon Prime lidera rankings da plataforma, especialmente na África

Julia Queiroz
Agência Estado

A série brasileira *Cangaço Novo*, lançamento mais recente do Amazon Prime Video, tem feito sucesso internacionalmente e liderado os *rankings* da plataforma, em especial em países do continente africano. A produção, que foi lançada no dia 18 de agosto, já entrou para o Top 10 das séries mais assistidas do serviço de *streaming* em 49 paí-

ses, incluindo o Brasil. Desses, 24 estão localizados na África, 13 na América Latina e nove na Ásia. Na América do Norte, só o Canadá integra a lista, enquanto Portugal foi o país que mais consumiu a série na Europa, A Papua-Nova Guiné representa a Oceania. Em países como Angola, *Cangaço Novo* já passou 12 dias no *ranking*, sendo oito deles no topo. Em Moçambique, o seriado ocupa a posição de série mais assistida desde o dia 20 de agosto.

Já em nações como a Costa do Marfim, que não tem o português como idioma oficial, a produção também vai bem: são 13 dias no *ranking*, sendo cinco em primeiro lugar. Os dados foram compilados pelo site FlixPatrol. **Sobre o que é a série?** Dirigida por Fábio Mendonça e Aly Muritiba, *Cangaço Novo* retrata a violência no Sertão do Ceará (mas majoritariamente gravada no interior da Paraíba) ao acom-

panhar uma gangue de ladrões de banco que domina pequenas cidades do estado. A série é protagonizada por Ubaldo (Allan Souza Lima), um infeliz bancário de São Paulo que descobre ter uma herança e duas irmãs no Sertão cearense: Dilvânia (Thainá Duarte) e Dinorah (Alice Carvalho). Ao voltar à sua cidade natal, ele passa a ser admirado pela grande semelhança com seu pai, que era o líder da gangue, e é convoca-

do para assumir seu papel como o novo mítico “cangaceiro”. A produção é recheada de ação, protagonismo feminino, dramas familiares e passa por diversos problemas sociais existentes no Ceará e em outros lugares do Brasil. Na última quarta-feira, 30, a atriz Alice Carvalho comemorou o sucesso internacional da série em uma publicação no X (antigo Twitter) e disse estar torcendo pela renovação da produção para uma segunda temporada.

Livraria

A UNIÃO

Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:

www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

GOVERNO DA PARAÍBA

LUTA SEM TRÉGUA

Prefeituras gritam para sobreviver

Municípios enfrentam uma das maiores crises da história com queda na arrecadação e ameaça de demissões

Juliana Teixeira
julianaaranjoteixeira@gmail.com

Alegando queda nos repases do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), gestores paraibanos correm o risco de ter que reduzir salários dos servidores e funcionários. Em um movimento que já está ultrapassando os limites da Paraíba, prefeitos e prefeitas se mobilizaram na última quarta-feira (30) e pararam as atividades em seus municípios. Além da Paraíba, cidades da Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí aderiram à mobilização iniciada pela Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), com apoio da Confederação Nacional de Municípios (CNM).

O presidente da Famup, George Coelho, tem se empenhado para explicar a situação e trazer apoio ao movimento. Por hora, o empenho da bancada federal não surtiu efeito junto ao Governo Federal, na última semana, os gestores apelaram também para a Casa Legislativa Estadual, onde obtiveram apoio do presidente deputado Adriano Galdino e de boa parte dos parlamentares, sobretudo os que já tiveram a responsabilidade de gerenciar as contas de algum município. É que pelo menos 45% da Casa já foi prefeito.

A carta elaborada deixa claro que o problema vai além da queda nos recursos do FPM, mas aponta para uma série de perdas ao longo dos últimos anos. A questão do FPM tem sido a ponta do ‘ice berg’.

Vamos entender essa problemática. Dados da Confederação Nacional de Municípios (CNM) mostram que 51% dos municípios enfrentam dificuldades financeiras, especialmente pela queda de 23,54% no FPM em agosto e atrasos em outros repasses, como os royalties de minerais e petróleo.

O Fundo de Participação dos Municípios é a principal fonte de receita dos municípios e ajuda a custear despesas obrigatórias, como o pagamento de servidores públicos e da Previdência.

As quedas nos repasses dificultam a organização das contas e execução dos projetos e ações em benefício da população.

O presidente da CNM, Paulo Ziulkoski, explicou que esta é uma questão complexa e de difícil solução. “Há uma progressão quase contínua no déficit público. Ou seja, os municípios estão arrecadando cada vez menos e a despesa aumentando muito. O custo é o principal elemento que detona essa crise e a despesa de pessoal é quase uma tempestade perfeita.”

O presidente teme por uma situação ainda mais drástica em breve.

“Os municípios não têm solução, não têm base de arrecadação, a legislação é muito séria, os municípios vão ter as contas rejeitadas, vamos nos tornar ficha suja, a maioria. Estão arrecadando menos do que estão gastando, a tendência é aprofundar essa crise”

O levantamento da CNM mostra ainda que o número de municípios devedores aumentou cinco vezes no primeiro semestre deste ano com relação ao mesmo período do ano passado.



Sapé é um dos municípios que mais cresceram nas últimas décadas no Estado, mas enfrenta dificuldades com a queda nos repasses do FPM

Foto: Divulgação

Alerta vermelho até para despesas obrigatórias

Segundo o presidente da Famup, George Coelho, as quedas nos repasses dificultam a organização das contas e execução dos projetos e ações em benefício da população, já que o FPM é a principal fonte de receita do município e ajuda a custear despesas obrigatórias, como o pagamento de servidores públicos e da Previdência.

A situação se agrava, de acordo com ele, com a falta de repasses de recursos de emendas parlamentares para os municípios oriundos do Governo Federal.

O prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, demonstra preocupação com a situação e faz um alerta para o peso da responsabilidade dos prefeitos. Ele disse que não foi convocado para paralisação, mas diz que se tiver de parar, manterá os serviços essenciais. “Cada vez mais a Frente Nacional de Prefeitos tem mostrado que cada vez mais estão transferindo a responsabilidade para os municípios, arrumando despesas para os municípios e as receitas não correspondem a esse crescimento. Essa é nossa preocupação e estaremos juntos no que for necessário para fazer esse alerta. Não fui convocado, mas se for, manterei os serviços essenciais”, explicou Cícero.

“As prefeituras estão no vermelho e precisamos de uma solução urgente para isso. O Governo Federal e o Congresso precisam olhar para os municípios, pois a situação já se encontra insustentável, beirando um colapso. Dentro dessa situação, é preciso pedir também que os prefeitos tenham cautela e prudência na execução de suas despesas, pois a perspectiva é de uma nova redução no repasse agregado do mês de setembro”, alertou George Coelho.

Um exemplo das medidas nada agradáveis a serem tomadas, é o município de



Prefeito de Soledade, Geraldo Moura Ramos

Foto: Divulgação

despesas no município, pois a grande queda de recursos nos força a tomar medidas emergenciais”, declarou o prefeito.

O prefeito de Alhandra pontuou que a questão do pagamento dos servidores e todos os serviços essenciais à população, como projetos da área de saúde, assistência social e educação estão assegurados e serão prioridade.

Entre o planejamento de corte de gastos está a questão de eventos culturais e festivos na cidade.

“Há uma possibilidade de que essa contenção de gastos venha afetar a realização de eventos até o mês de dezembro”, pontuou.

Marcelo Rodrigues ainda destacou que todo o planejamento financeiro da cidade estará voltado a garantir a manutenção da qualidade de vida da população, sem prejuízos em nenhuma área. “Haverá apenas a organização do que é prioridade, pelo menos até esse sufoco financeiro passar. Mas queremos tranquilizar nossa população e dizer que a gestão permane-

tura é o mesmo que administrar uma empresa. Nós nos planejamos para executar as ações de acordo com o orçamento. Mas, de um tempo para cá, a receita das prefeituras vêm caindo e não temos como colocar em prática o planejado. Precisamos resolver esse grave problema, pois está ficando insustentável manter serviços básicos para a população. A conta não fecha, a despesa é maior que a receita”, explicou.

E as prefeituras de cidades maiores também estão sentindo a redução. O prefeito de Sapé, Major Sidnei, explica que é cada vez mais difícil manter os serviços para a população.

“Nos planejamos para receber certo valor de FPM e entra na nossa conta a metade do esperado. Precisamos resolver esse grave problema. O município é o ente da federação com mais atribuições e acaba sendo o mais penalizado, o que recebe a menor fatia do bolo tributário”, disse o gestor. Na última sexta-feira, a prefeitura anunciou redução de 25% no salário do prefeito, 20% nos salários da vice-prefeita, de secretários, do procurador e do superintendente da Semob e de 15% dos secretários executivos até 31 de dezembro.

“A situação já se encontra insustentável, beirando um colapso, porque isso vem ocorrendo há meses. Somente neste mês de agosto, o município de Sumé teve uma queda de mais de R\$ 300 mil e a perspectiva é de uma nova queda no repasse para o mês de setembro. Isso tem nos forçado a parar serviços, programas e obras”, disse o prefeito Édén Duarte.

Em Sumé, tudo fechou, inclusive as Unidades Básicas de Saúde. As cirurgias eletivas foram canceladas. Só se mantiveram os serviços essenciais como Hospital e Maternidade Alice de Almeida, Samu, Conselho Tutelar e coleta de lixo.

Cenário

Governo Federal e o Congresso precisam olhar para os municípios, pois a situação já se encontra insustentável, beirando um colapso



Sumé aderiu à paralisação e cancelou até cirurgias eletivas

Foto: Divulgação

Alhandra, onde o prefeito Marcelo Rodrigues, reuniu a equipe de finanças e administração para tratar a viabilidade de um novo planejamento orçamentário visando garantir a execução de obras, serviços essenciais à população, bem como a continuidade de projetos importantes. O ges-

tor destacou que algumas mudanças serão necessárias, mas sem prejuízos ao povo.

“Não é só Alhandra que está passando por isso. Todo o Brasil sofre com a queda de FPM. Estamos avaliando e vamos trabalhar com toda a equipe nas medidas relacionadas à contenção de gastos e

ce trabalhando em favor de todos”, disse o prefeito.

O prefeito de Soledade, Geraldo Moura Ramos, diz que o município que fica no Cariri paraibano precisa de gestão e planejamento e nos últimos meses a conta não vem fechando.

“Administrar uma prefei-

Dos bancos da Redação para se tornar referência como professor da UFPB

Preferência pelo jornalismo se revelou ainda no curso Clássico do Liceu Paraibano, após conversa com um colega sobre uma vaga no jornal, que foi aceita e o levou a se destacar na pesquisa para dar suporte aos textos históricos

Luiz Carlos Sousa
luisjcp@gmail.com

Carmélio Reynaldo é responsável pela formação de gerações de profissionais. Ele é conhecido entre a maioria dos jornalistas paraibanos, principalmente como professor do curso de Comunicação Social. No entanto, foi no Jornal **A União**, em 28 de abril de 1971, que ele realizou o sonho de se tornar jornalista. Ainda estudante do Liceu Paraibano, foi convidado para integrar a equipe do jornal, onde aprendeu os primeiros passos de um repórter e pôde não apenas trabalhar com os principais profissionais do estado, como também vivenciar momentos marcantes do impresso. Em entrevista aos Memórias **A União**, Carmélio conta um pouco da sua trajetória e conta histórias curiosas sobre o jornal, como a do anúncio do nome do general Orlando Geisel como futuro presidente da República, quando, na verdade, o empossado seria o irmão dele, Ernesto Geisel.

Entrevista

■ Como começou a sua relação, a sua história com **A União**?

Eu fazia o clássico, que correspondia hoje ao Ensino Médio, no Liceu Paraibano. Fazia o segundo ano. Era colega de Flávio Tavares e de Adroaldo de Queiroz, que era repórter no Jornal **A União**. Ele foi convidado por Noal-do Dantas que era o secretário de Comunicação do Governo Ernani Sátiro para assumir um cargo na secretaria. Então, precisava arranjar alguém para substituí-lo no jornal. Ele entrou na sala, na hora que eu estava conversando com outros colegas dizendo que almejava o jornalismo e queria ser jornalista. Me perguntou, se eu queria ser jornalista e repórter de **A União**. Eu aceitei e pronto, fui assim. No dia 28 de abril de 1971, essa data é marcante para mim, porque foi quando comecei a exercer a profissão que eu sonhava. Eu fui ainda com uma farda do Liceu no meu primeiro dia no Jornal **A União**. Marconi Cabral que era o chefe de Reportagem e me deu as orientações. Mostrou o jornal do Brasil, o estilo e a estrutura da notícia. Eu fui num sebo e comprei um livro: 'Introdução ao jornalismo'. Cabral fazia esse trabalho de orientação, porque estávamos começando, eu e Werneck Barreto, ao lado de outros repórteres já experientes, Diógenes Brainer, Carlos Aranha Cátia de França e Anco Márcio.

■ Você começou como repórter ou teve uma experiência com diagramação?

Minha experiência com diagramação já foi no Jornal O Norte, porque lá eu fui aprendendo e fui prestando atenção. N'A **União** eu não atentei para esse detalhe, mas no Jornal O Norte eu comecei a acompanhar como o pessoal fazia e eu fui editor do segundo caderno, então ia perguntando e fui aprendendo. Eu mesmo diagramava a página.

■ Voltando ao jornal **A União**, quer dizer que você trabalhou com esse título de primeira? Era um elenco de estrelas?

Na época quando, eu entrei n'A **União** o governo tinha começado e ele resolveu fazer essas contratações porque **A União**, durante muito tempo, ela foi desprestigiada pelo Governo do Estado, prestigiava os jornais privados em detrimento de **A União**. Logo que eu cheguei aqui em João Pessoa uma coisa me chamou a atenção:

ca nos anos 1970 o país vivia a ditadura e, por exemplo, a Assembleia Legislativa era um poder que tinha muita influência porque o governo dependia muito do que se decidia na Assembleia, de como as coisas eram encaminhadas e muita gente cita o acidente da Lagoa. E que lembrança você tem dessa época, do jornalismo que era feito n'A **União** e que você até hoje guarda na memória. Por exemplo, a indicação do presidente da República que **A União** disse que foi Orlando quando na verdade foi Ernesto?

É uma coisa que quando as pessoas falam "a barriga de **A União**" se referindo a isso eu corrijo, porque foram as circunstâncias e, principalmente, por causa da censura que era muito feroz na época. Foi um erro de **A União**, mas foi um erro praticamente inevitável. Pelo seguinte: a gente recebia diariamente no turno da manhã e no turno da noite o cara da censura da Polícia Federal, ele vinha com uma folha de telex com uma lista de assuntos que eram proibidos de abordar. Ele não deixava cópia, era uma coisa, assim, muito arrogante. Porque ele chegava, mostrava ao editor, lia, e não dava tempo nem para anotar. Você não tinha como fotografar, não existia xerox. Então você tinha que lembrar e com isso você criava uma espécie de paranoia, que você devia ver mais coisas do que tinha lá, ficava com medo de publicar qualquer coisa que pudesse estar lá. Então uma coisa que era constante era assim: 'proibido qualquer especulação sobre a sucessão presidencial'. Viemos para o Distrito Industrial sem ter telefone, sem ter transporte adequado. Um carro que era colocado só para trazer o pessoal cedo e levar no final do dia. Como Werneck vinha no Fusca da irmã dele, eu pegava carona com ele, ia para a Praça João Pessoa, ele me pegava lá. A gente conversava muito sobre música no caminho, tínhamos os gostos musicais muito parecidos. Então vínhamos batendo papo e com o rádio sintonizado na Voz do Brasil. O locutor falou "a indicação do presidente da



Para Carmélio Reynaldo, os jornalistas hoje são muito mais cobrados por causa da pressão advinda das redes sociais

República". Mas quando a gente resolveu prestar atenção eles não falaram mais quem ia ser o presidente. Quando nós chegamos avisamos a Carlos Aranha, que estava substituindo Marconi Cabral, porque Marconi estava com a mulher na maternidade para ter o primeiro filho. Não tinha nem telefone. Ficou aquela agonia, como é que faz? Não sei o quê. Cadê o carro para ir perguntar, mas perguntar onde? Vai na Rádio Tabajara ver se o pessoal gravou, mas não gravou. Todos com aquela insegurança. Então chegou o cara da censura e não apresenta nada sobre a sucessão presidencial. Marconi Cabral, nesse intervalo, já tinha chegado também sem saber de nada. Pergunta para o cara da censura: quem é que foi escolhido para ser o presidente? E o cara disse: 'O ministro Geisel'. Agora você veja, na época da ditadura havia dois ministros poderosos. Era o ministro que cuidava da Economia, da Fazenda e o ministro do Exército. Quem era o ministro do Exército? Orlando Geisel. Ernesto Geisel era, digamos assim, ex-ministro do Superior Tribunal Militar, ninguém chamava Ernesto de ministro, chamava de general Ernesto Geisel. Então, para a gente, qual é a lógica? Fui lá no arquivo, peguei uma pasta de fotos do ministro Orlando Geisel, entreguei para Marconi, entendeu? Prepararam a matéria lá e pronto, publicamos. Ai no outro dia foi aquele escândalo, mas ninguém levou em conta tudo isso. Porque aí muita gente debochou, inclusive da equipe de **A União**. Mas a única pessoa que foi honesta, que fez uma crítica honesta, foi quando Oduvaldo Batista do jornal 'O Momento', se não me engano, botou assim: "Também, colocaram os meninos lá em Abreu e Lima, sem telefone, sem transporte, sem nada". Só tinha uma picape, que vivia no prego e que era usada para transportar os jornais e também ninguém estava conseguindo localizar. Quem debochou também do Jornal **A União** foi a Veja.

Nós recebemos um repórter da Veja, que veio fazer uma pesquisa no arquivo da gente sobre a época que Ernesto Geisel era interventor aqui na Paraíba. Pois bem, o cara veio pesquisar aqui e ele não falou nada para gente. Quer dizer, a Veja sabia, a Veja usou o jornal, inclusive botou lá uma foto da nossa primeira página com o erro e uma foto anunciando a chegada de Ernesto Geisel como interventor da Paraíba. Foi muito incômodo isso e muito revoltante. Porque os colegas não tiveram sensibilidade, então eu não aceito que chamem de barriga.

■ Quanto tempo você ficou n'A **União**?

Eu fiquei de 1971 a 1973, foi quando fui para a assessoria de comunicação da Secretaria de Transportes e Comunicações e Obras, que o secretário era Ronaldo Tavares, aí eu fui ser assessor de imprensa dele. Fiquei lá até quando eu passei no concurso. Ai depois eu fui trabalhar também no Jornal O Norte e trabalhei também na Rádio Tabajara. Ai eu pedi demissão do Governo do Estado porque eu entrei na Universidade para assessoria da UFPB, com Rubens Nóbrega. Eu me formei em Letras e foi aberto concurso para professor, eu me candidatei para radiojornalismo e jornalismo impresso. Concorri com Jório Machado e com o Otinaldo Lourenço. Eram duas vagas. Fiquei em segundo lugar na seleção com Jório e empatei com o Otinaldo. O critério de desempate foi a experiência docente. Eu não tinha nenhuma, ele tinha, então fiquei em segundo. Só que eles não queriam assumir a vaga porque era dedicação exclusiva. Ai apareceu outra vaga, eu era o segundo colocado nas duas vagas. Mas resolveram colocar um que tinha ficado em terceiro lugar, que era sobrinho de um camarada, que era o papa da comunicação aqui no Nordeste. E alegaram que seria contraproducente para um aluno assumir como professor. Porque eu tinha terminado Letras, mas

■ Como é que você lidou com toda aquela polêmica que foi gerada do jornalista profissional do batente contra o jornalista vindo do curso de Comunicação?

Porque na verdade o curso de Comunicação modernizou o jornalismo paraibano. Eu mesmo quando entrei disseram: "Ele escreve bem". Mas para ser jornalista não basta escrever bem. Isso é fundamental, é obrigação. Então começaram a chegar pessoas que já tinham uma visão fundamentada em ciências sobre o jornalismo, incluindo as primeiras turmas, o curso privilegiava muito as partes de teoria, de uma forma até exagerada, e a gente criticava muito. Mas essa turma foi fundamental para arejar o jornalismo. Tem uma coisa que eu me lembro muito bem, que Gonzaga Rodrigues falava, que um dos grandes defeitos do jornalismo paraibano é que ele imitava o jornalismo pernambucano. Ele era extremamente conservador, ele não tentava inovar. Ai ele citava outros estados onde havia um jornalismo mais dinâmico. Eu acho que as primeiras turmas conseguiram fazer esse arejamento. Ai teve uma fase justamente de **A União**, no governo de Ivan Bichara com Agnaldo Almeida, que **A União** melhorou bastante. O jornal O Norte também, O Correio. Houve numa campanha realmente xenófoba, pesada, contra os professores de fora que chegaram na Universidade na época. Mas eu acho que durou pouco. Foi em 1979, foi na época que eu entrei. Houve essa campanha muito pesada, que começou em 77, mas piorou na época que eu entrei. Mas eu acho que dois anos depois já estava tudo acalmado, porque aconteceu assim: Linaldo, ele precisava criar um corpo docente muito bom. Ele tinha trabalhado com o ministro da Educação Ney Braga e como era pró-reitor de Planejamento dele, ele trouxe o sobrinho de Ney Braga. Um cara que se apaixonou pela Paraíba, realmente foi embora depois. Ele botou o nome da filha dele de Manaira. Então, ele con-

seguiu tudo e ele conseguiu uma coisa na época da ditadura, que foi contratar professores que tinham sido expulsos, cassados em outras universidades. Ele teve autorização para trazer esses professores para cá. Professor que tinha sido preso político. Ele trouxe força política.

■ Hoje a gente chega a esse jornalismo das redes sociais, da internet, que, por exemplo, não tem o compromisso com o que era uma lei na época da gente, que era a fidelidade canina aos fatos. Porque a gente no máximo teria um dia para apurar e depois que publicasse não dava para atualizar. Hoje em dia, você vê, por exemplo, no jornalismo eletrônico, o sujeito dá uma informação aqui, aí daqui a pouco corrige a informação, coloca uma informação nova, que é totalmente diferente da informação original e simplesmente porque não apurou. Nisso de ser o primeiro a dar a notícia, faz de qualquer jeito. Você não acha que o jornalismo ficou mais irresponsável?

Não. São situações que são um pouco diferentes. A gente publicava e a gente não se preocupava muito com o público ia reagir, porque o público não tinha uma forma de reação à altura do seu alcance. A carta do leitor, ou um telefonema que alguém recebia, mas não passou para ninguém, mas aquilo não era publicado. Se fosse conveniente para você, publicava a carta do leitor, se não fosse, você nem publicava. É como Walter Galvão dizia: vou publicar na sexta, na cesta do lixo, entendeu? Então, hoje em dia, quando você não consegue a retratação, você vai em redes sociais e cobra. Por isso eu acho que o pessoal está muito mais cuidadoso. Eu percebi, inclusive, que teve muita gente que se impactou quando começou a perceber que a rede social amplificou a queixa que a pessoa tinha contra o jornalista. Eu lembro de algumas pessoas que no começo deixaram de abrir e-mail, deixaram de acessar rede social porque não aguentavam a pressão de qualquer coisa porque aí o pessoal ia pegar detalhe, não era só a informação em si. Era um "nomezinho", um acento a mais, uma coisa assim. O pessoal já estava reclamando de tudo, então, eu acho que hoje o jornalista está sendo muito mais cobrado. Agora isso estou dizendo da minha visão de fora. Eu não estou dentro da Redação. Não estou participando disso, mas a minha visão de fora é essa. Eu acho que o jornalista hoje está sendo muito mais cobrado do que antes.

■ Mas você não vê também uma certa precipitação? Por exemplo, principalmente na informação eletrônica, com essa história de que dá uma informação e não é verdadeira, agora cinco minutos muda?

Eu acho que, hoje em dia, essa história do furo não faz mais sentido. É impossível você mensurar quem foi o primeiro. Por exemplo, hoje aconteceu uma operação da Polícia Federal de busca e apreensão na casa de Bolsonaro. Interessa quem deu primeiro? Interessa quem tem mais informação, informação fundamentada. São essas que nós vamos procurar, são os detalhes.

■ Uma coisa que chama atenção também é o fato que, de certa forma, hoje, você como professor de comunicação também pode fazer uma leitura melhor, mas todo mundo virou jornalista, não é?

Eu estava no grupo da família um dia desses e eu chamei a atenção do pessoal, que a maioria é bolsanarista e botaram lá que a neta de Dilma estava envolvida, infiltrada, na invasão do Palácio da Alvorada e botaram as fotos lá de uma pessoa muito parecida com Dilma. E aí eu disse: mas Dilma não tem neta, tem neto. Vocês não percebem que quem inventa isso faz para debochar de vocês, para mostrar que vocês são completamente desinformados, que vocês acreditam em qualquer coisa que se coloque por aí. Vocês não têm um senso crítico de perceber isso? Uma história que uma vez Anco Márcio inventou no tempo de **A União**, a gente trabalhando aqui dentro entre um funcionário que era metido a conquistador. Anco Márcio chegou e disse: olha, Aranha e os irmãos dele se juntaram e vão dar uma surra em você, porque você deu em cima da irmã dele. E o cara ficou super preocupado. Mas Aranha não tem irmã.

■ Eu queria sua avaliação sobre a importância de um veículo impresso com 130 anos. Que consegue resistir a essa avalanche das mídias sociais e que lá aí em defesa do jornalismo como é o caso de **A União**. Como é que você avalia isso de jornal da Paraíba mais antigo em circulação?

Eu acho uma situação difícil, porque em algum momento ele vai ter que fechar. Os outros estão fechando também, os jornais impressos normalmente, eles estão sendo mais vendidos por causa da opinião do que propriamente da notícia. Não tenho mais a satisfação final de ter me informado através daquele jornal, tá entendendo? Mas o que eu sinto falta é o seguinte: eu encontrava tudo no jornal. Você vai nos portais pega aquelas coisas específicas. Por exemplo, no caso do confisco da poupança do governo Collor, eu praticamente adivinhei que ia acontecer. Não tinha nenhuma notícia dizendo que ia acontecer, mas de certa forma eu adivinhei que alguma coisa estava sendo preparada, porque tinha a página de Economia. Eu lia outra coisa e também me preparei: o apagão no governo, Fernando Henrique? Ai eu percebi que estava sendo gestado alguma coisa que ia mandar você reduzir o consumo de luz. Comecei a consumir mais luz lá em casa justamente para poder ter uma folga. Hoje em dia a gente nos portais não consegue, porque você termina ficando só na capa.

■ E acho que a informação da internet que dispõe de todo o espaço é superficial. A superficialidade é de certa forma culpa nossa. Sabe que a gente não tem paciência de ler como a gente lia, por exemplo, uma reportagem que de quatro a cinco laudas a gente lia no jornal, entendeu?

■ Mas você ainda acredita que o impresso tem uma contribuição a dar para a cultura,

para o patrimônio cultural?

Eu acho que ele tem data, ele não vai sobreviver muito mais não. Agora também não sei o que é que vem por aí, e é algo também que eu tenho me preocupado muito. Eu comecei a perceber que eu tinha perdido o meu direito de ler, ouvir e ver o que eu queria escolher porque eu acordava de manhã já tinha: olha esse texto aí, vê esse vídeo aí, ouça essa música aí. Então, hoje, normalmente, as primeiras horas do dia, a não ser que eu esteja esperando alguma mensagem, alguma coisa assim, eu pego minhas coisas e vou ler, entendeu? Depois é que eu vou ver a repercussão do noticiário nas redes sociais.

■ Algo a acrescentar, alguma coisa que a gente passou despercebido ou não abordei ou alguma parte dessa sua história bonita? Deu para conversar sobre minha passagem aqui, que foi fundamental na minha formação. É até clichê dizer que **A União** foi minha primeira Universidade. Mas é óbvio que foi, e tive bons professores. E parabéns a vocês de estarem recuperando essas histórias, recuperando a memória, porque eu lembro que eu participei numa tarefa aqui no Jornal **A União** em uma edição de aniversário. Eu participei da elaboração de uma edição especial e a gente tem muita dificuldade de levantar a história porque o anterior, do que tinha acontecido antes, tudo que se tinha era a coleção do jornal, mas o que aconteceu nos bastidores, todas essas coisas, ninguém tinha nada. Então, isso que vocês estão falando de certa forma, não contempla toda a história do jornal, mas, pelo menos a partir de um determinado momento, vocês estão recuperando o retrato de uma época. A EPC e o Governo do Estado, porque isso é fundamental. Eu achei fantástica a cobertura que **A União** deu na Segunda Guerra. Porque aí o pessoal me explicou porque tinha o Rádio Escuta, então a Rádio Escuta ficava 24 horas com alguém de plantão ouvindo as notícias, aí fazia uma espécie de resumo e depois o pessoal construía a matéria. **A União** praticamente tinha a mesma fonte que os jornais do sul tinham, simultaneamente, então ela não reproduziu o que o jornal do sul publicou, ela reproduzia realmente, diretamente ou então as agências de notícia. Mas ela tinha a sua própria autonomia através do Rádio Escuta.



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista íntegra



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORIAÇÃO: Paulo Sérgio



Glícia Rangel Colares, Ívia Leal, Maria Lúcia Padilha, Josemberg Lima, Percival Brito, Zezé Teixeira Lopes, Norma Pedrosa, Adriana Palmeira Rodrigues e Gigi Rolim são os aniversariantes da semana.



Ferdinando Lucena, o atuante presidente da PBTur (na foto entre Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo do Brejo, Josenildo Fernandes e Antônio Justino, respectivamente, secretário de Turismo e prefeito de Dona Inês), todos participaram do evento de abertura do I Festival de Inverno de Dona Inês, município localizado no Brejo paraibano. Neste festival, que se estende até este domingo, um grupo de jornalistas, liderado por Cibelly Correia, participou de fampress à cidade, para conhecer, “in loco”, a cultura, gastronomia e artesanato da terra que anteriormente pertencia ao município de Bananeiras.

Gilvan Cabeleireiros, empresa dirigida pelo profissional Gilvan Pinheiro que é um nome de referência quando o assunto é cabelo e maquiagem para eventos especiais, promoveu, na noite da última segunda-feira (28), evento para apresentar seu novo espaço no badalado Hotel Ba’ra. A esposa de Gilvan, Conceição Pinheiro, sempre muito elegante, foi figura de destaque no evento que reuniu grande parte da imprensa de nosso Estado.



Netinha Viana e suas filhas Valdênia, Valdete e Valdívia foram recepcionadas com elegante coquetel promovido pela Les Lis Blanc, loja localizada no segundo piso do Manaíra Shopping. Presenças bacanas, a exemplo de Teresinha

Loureiro, Fábio Bernardo, Marcélia Leal, Lúcia Padilha, Seldinha Ribeiro, Rejane Mathias, Ediliane Marinho, Heide Mendes Pinto, Derlandia Nunes e Silvana Pinto prestigiaram o evento que foi puro glamour.



Antonieta Macedo, um grande nome nos meios sociais de nossa cidade, festejou seu aniversário durante concorrido almoço nos salões da Sonho

Doce Recepções. Segue, por meio destas fotos, o registro deste evento que reuniu dezenas de amigas da aniversariante.

IMOBILIÁRIA



PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071



ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.

Jornalistas e formadores de opinião conheceram na última quarta-feira (30) o revolucionário espaço imersivo LUZZCO, um ambiente imersivo que proporciona, por meio de exposições interativas, experiências inovadoras, sensoriais, culturais e lúdicas. O nosso Estado, precisamente o bairro Altiplano em João Pessoa, recebe esse projeto inovador que promete criar conexões entre arte, tecnologia e emoção.

O badalado Oceana, hotel localizado à beira-mar da praia do Bessa, vai ser palco para a realização de dois grandes eventos: os aniversários do jornalista Kubitscheck Pinheiro e da jurista Irene Dias, que vão acontecer, respectivamente, nos dias 15 e 20 deste mês. Claro que eu, admiradora destas duas grandes figuras, vou prestigiar estes dois grandes amigos.

O casal Rafaela Lins e Júlio César Muniz, sócios da unidade Minha Lavanderia, em João Pessoa, marcou presença na LAVTECH — Feira Internacional para Lavanderias, realizada de 22 a 24 de agosto, em São Paulo. O evento, criado para apresentar as maiores novidades em produtos, equipamentos e serviços, reuniu empresários do setor. Sempre atentos ao que tem de mais moderno no setor, o casal aproveitou o evento para networking e novas ideias para a unidade.

O jornalista Samuel Amaral, autor do livro “O Timoneiro da Arca de Sonhos”, que é o resultado da dissertação de mestrado dele, lançou este trabalho, na tarde dessa quinta-feira (31), na Livraria A União, no Espaço Cultural, em João Pessoa. A obra, prefaciada pelo escritor e historiador Bruno Gaudêncio, foi apresentada pela professora e escritora Joana Belarmino.

O Por do Sol Literário, ação cultural do grupo Sol das Letras, promoveu evento na Livraria do Luiz, no MAG Shopping, no último dia 29. Presentes ao evento, registrei o presidente da APL, Ramalho Leite, os intelectuais Helder Moura, Ana Paula Ramalho, Walter Santos, José Octávio de Arruda Melo, Aracilba Rocha e a presidente da EPC, jornalista Naná Garcez.

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 2 de agosto de 2023					IPCA do IBGE (em %)	
	R\$ 1.320	-0,21%	-0,84%	-0,80%	Julho/2023 0,12	117.982 pts
13,25%		R\$ 4,941	R\$ 5,324	R\$ 6,220	Junho/2023 -0,08	
					Maior/2023 0,23	
					Abril/2023 0,61	
					Março/2023 0,71	+ 1,86%

MERCADO DE TRABALHO

Capacitação impulsiona profissionais e carreiras

Investir na formação é um passo importante no caminho da busca por emprego

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

O acesso e a continuidade no mercado de trabalho podem depender de capacitação e da constância em permanecer aprendendo. Independentemente do grau de escolaridade do trabalhador, ele precisa investir em seu desenvolvimento profissional para atender às exigências das empresas. As recomendações são da presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos na Paraíba (ABRH-PB), Patrícia Queiroz.

A dirigente destaca que o nível de exigência sobre o aprimoramento do conhecimento está muito alto, mesmo em profissões operacionais. “Se alguém tem um curso de cabeleireiro e começa a trabalhar na área, não pode parar por aí, os serviços e produtos mudam rápido. A capacitação é importante para quem quer começar a trabalhar e para quem quer uma promoção. As empresas precisam de pessoas qualificadas que não parem no tempo”.

Patrícia Queiroz afirma que, quem já tem cursos de pós-graduação, por exemplo, pode continuar estudando e participando de congressos e eventos de sua área de atuação. “As empresas querem o melhor resultado e já entenderam que são os trabalhadores que vão fazer com que os negócios aconteçam. Mas é preciso investir no desenvolvimento dos colaboradores. Aqui na Paraíba ainda há muito o que avançar nesse aspecto, mas já verificamos melhorias, em relação há 10 anos”.

Novo cenário

A presidente da ABRH-PB pontua que a pandemia de Covid-19 acelerou diversas mudanças que vinham ocorrendo no mercado de trabalho. Segundo ela, houve uma necessidade coletiva para o uso de novas ferramentas e um grande aumento de demanda por profissionais da área de tecnologia da informação, o que ainda permanece, mesmo que tenha desacelerado, afirma Patrícia Queiroz.

Mesmo com a automatização de muitas funções e processos, ela destaca que falta profissionais com perfis para funções de liderança, a exemplos de gerentes, coordenadores e diretores. “Há muitas oportunidades para profissionais das áreas de administração e tecnologia. São cursos abrangentes que possibilitam a porta de entrada para quem não sabe por onde começar. A partir da inserção no mercado, o profissional pode se especializar”, indica a presidente da ABRH-PB.



Foto: Arquivo pessoal

“A capacitação é importante para quem quer começar a trabalhar e para quem quer uma promoção”

Patrícia Queiroz

Qualificações nas áreas de estética e tecnologia são as mais buscadas

A Empresa ViaCerta Educação Profissional recebe em seu escritório, em João Pessoa, uma média de 650 alunos por mês. Conforme o franqueado da rede de capacitação, Diogo Farias, os cursos com o maior número de matrículas são os da área de informática e tecnologia, e de saúde e estética.

“Os cursos de estética e saúde estão diretamente ligados à autonomia da mulher de poder ter seu próprio

negócio, fazendo com que esse conhecimento seja o primeiro passo para empreender no setor. Já a área de informática e tecnologia é uma das que mais empregam atualmente. Com isso, os jovens procuram bastante para ter o mínimo de conhecimento e poder se enquadrar no mercado de trabalho”, explica Diogo Farias.

A cuidadora de idosos, Dylania Mariano, já tra-

balhava na área, atendendo uma senhora na casa de uma família, quando procurou se profissionalizar com o curso da ViaCerta. “Com o conhecimento adquirido no curso, eu resolvi me inscrever no concurso da Prefeitura de João Pessoa para cuidador de idosos e fui aprovada. Atualmente, sou concursada na área e muito disso foi pelo aprendizado que tive ao realizar a profissionalização”.

Setor imobiliário incentiva a formação de novos corretores

O mercado imobiliário investe em capacitações para ampliar o conhecimento dos corretores de imóveis. A construtora paraibana Alliance desenvolve o projeto Alliance Academy, que oferece visão sistêmica e integrada, por meio de cursos, palestras e treinamentos com profissionais renomados.

De acordo com a gerente de marketing da Alliance, Ca-

milla Coriolano, a proposta do curso vai além de atender às demandas do mercado. “Nesse curso, os profissionais inseridos no mercado têm a opção de ampliar seus conhecimentos e gerar valor para seus negócios no cenário imobiliário em geral”.

Já a construtora MRV oferece um programa de formação de novos corretores de imóveis, com su-

porte desde a fase do curso até a obtenção do registro necessário para o início da atuação da profissão junto ao Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci). A empresa também investe na educação nos seus canteiros de obras. O projeto educacional “Escola Nota 10”, que existe há 12 anos, alfabetiza trabalhadores nos canteiros de obra.

Jovem aprendiz ou programa de trainee são opções para iniciantes

A presidente da ABRH-PB, Patrícia Queiroz, aconselha quem está começando o trabalho como o jovem aprendiz ou como trainee. “Mesmo que o salário não seja atrativo, aceite, abrace a oportunidade e conheça o mercado para saber se aquela carreira é o que você imagina”.

Os programas de trainees são voltados para estudantes em formação ou profis-

sionais recém-graduados. A empresa de tecnologia e serviços financeiros, Stone, está com inscrições abertas até o dia 4 para a 1ª edição do Recruta Stone, com vagas para candidatos que se formarem ainda este ano ou que tenham até dois anos de formados. É preciso ter disponibilidade para viagens e iniciar na companhia em novembro. O programa de trainee

quer formar novos líderes para o negócio, avaliando os candidatos em competências como comunicação e resolução de problemas, além da forma como seus valores pessoais se conectam com os da companhia.

O processo de seleção possui cinco etapas: inscrição e testes iniciais, questionário da vida, dinâmica e entrevista, ciclo básico e final.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Mercado de trabalho em João Pessoa: qualidade de vida e desenvolvimento

João Pessoa, a encantadora capital da Paraíba, é um lugar onde a qualidade de vida tem sido destaque nas redes sociais. Com seu clima tropical, orla impecável, praias e uma cultura rica, a cidade é muito mais do que apenas um destino turístico. João Pessoa também se destaca quando se trata do mercado de trabalho formal, desempenhando um papel essencial no desenvolvimento econômico da região.

O mercado de trabalho formal é um dos pilares do crescimento econômico e da estabilidade social. Empregos formais oferecem segurança aos trabalhadores, com benefícios como salário mínimo, férias remuneradas, aposentadoria e seguro-desemprego. Além disso, eles contribuem para o crescimento da economia local, aumentando o poder de compra da população e garantindo o bem-estar das famílias pessoenses.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) fornecem um cenário valioso da economia de João Pessoa. Eles refletem a saúde do mercado de trabalho formal, mostrando o saldo de empregos criados ou perdidos, o desempenho de setores específicos e as tendências ao longo do tempo. Essas informações são cruciais para orientar políticas públicas e estratégias de desenvolvimento.

Os números mais recentes do Caged, relativos a julho de 2023, revelam um saldo notável de +858 novas vagas de emprego com carteira assinada. Este é o resultado de um total de 7.008 admissões, superando os 6.150 desligamentos no mês. O crescimento impressionante de 102% em relação ao ano anterior reflete a vitalidade do mercado de trabalho em João Pessoa.

Em julho, os setores que mais se destacaram foram os serviços (+720), a construção (+297) e o comércio (+15), impulsionando a economia da cidade. No entanto, é importante observar que a indústria (-168) e a agropecuária (-5) enfrentaram desafios. A agropecuária, embora com um saldo negativo, não possui grande relevância nas atividades econômicas municipais.

No acumulado do ano, de janeiro a julho de 2023, João Pessoa acumula um saldo positivo de +2.733 novas vagas com carteira assinada. Os setores em destaque são a construção (+773), com um crescimento impressionante de 3,22%, e os serviços (+2.527), com um sólido aumento de 2,67%. No entanto, a indústria (-390) e o comércio (-174) enfrentam reduções de 2,43% e 0,41%, respectivamente.

Em comparação com o Estado da Paraíba, João Pessoa registra um crescimento de 1,54% no emprego formal acumulado do ano, enquanto o estado assinala modesto aumento de 0,07%. Isso ressalta a importância da capital como um polo de empregos e desenvolvimento econômico na região.

Para estimular o crescimento da indústria e do comércio, que enfrentam desafios persistentes, medidas estratégicas são essenciais. Incentivos fiscais, programas de treinamento de mão de obra e investimento em pesquisa e desenvolvimento são algumas das alternativas que podem ser exploradas. Portanto, a partir dos dados e análises aqui registradas fica o convite para gestores e tomadores de decisão observarem os desafios e oportunidades na capital paraibana, adotando ações estratégicas em prol dessas atividades econômicas.

MERCADO INTERNACIONAL

Indústria elege agenda prioritária

Empresários brasileiros defendem mais investimentos em energia sustentável, infraestrutura e conectividade

Redação
Com CNI

A indústria brasileira elencou suas prioridades na agenda de desenvolvimento e crescimento para os próximos anos no mercado internacional. Durante a realização da 15ª Cúpula dos Chefes de Estado do Brics (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), em agosto, os integrantes brasileiros no Conselho Empresarial dos Brics (Cebrics) elaboraram um documento com propostas que foram entregues aos representantes dos governos, que agora vão analisar quais medidas concretas podem ser adotadas.

O Cebrics foi criado em 2013 para fortalecer os laços econômicos e comerciais e ampliar os investimentos entre as comunidades empresariais do Brics. É formado por 25 empresas, cinco de cada país, e apresenta recomendações aos chefes de Estado para a melhoria do ambiente de negócios e cooperação empresarial.

A seção brasileira é composta por: Vale; WEG; Banco do Brasil; BRF; e Embraer, que preside o capítulo brasileiro. A missão empresarial para 15ª cúpula dos Brics, em Joanesburgo, na África do Sul, foi liderada pelo presidente-eleito da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Ricardo Alban. Ele assume o cargo oficialmente no fim de outubro e participou das discussões e debates com os integrantes dos Cebrics.

Para Alban, é importante que, no momento em que o mundo discute as cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional, o país assuma a responsabilidade diante dessa agenda. “Todos falam da necessidade de uma nova indústria no Brasil, a chamada neoindustrialização. Se nesse momento estamos todos tão conscientes da necessidade da neoindústria, temos a responsabilidade e a obrigação de aproveitar essas oportunidades, traçar e priorizar políticas públicas convergentes para que tenhamos foco e garantir as verdadeiras entregas”, comenta o presidente eleito da CNI.

O Brasil tem se apresentado como potencial protagonista nos esforços globais rumo a uma economia de baixo carbono – ainda que diante de obstáculos como o desmatamento ilegal. “O país larga na frente por ter uma matriz energética limpa e mais da metade de seu território coberto por florestas”, diz Ricardo Alban.

Grupo de trabalho

A CNI exerce há 10 anos a secretaria executiva do Cebrics e trabalha junto com grandes empresas, coordenando a atuação dos 91 membros brasileiros inscritos nos grupos temáticos de trabalho para a construção de posicionamentos do setor privado para os governos. Destes grupos técnicos saem as prioridades que foram apresentadas aos chefes de Estado. O objetivo é fortalecer os laços econômicos e comerciais e ampliar os investimentos entre as comunidades empresariais do Brics.



Foto: Freepik

Industriais reforçam que o Brasil ganha destaque ao se apresentar como potencial protagonista nos esforços globais rumo a uma economia de baixo carbono

10 Prioridades dos Industriais Brasileiros para o Brics

- Estabelecimento de acordo multilateral de serviços aéreos, considerando que os acordos bilaterais que já existem são restritivos para o transporte aéreo;
- Colaboração para o desenvolvimento de fertilizantes inteligentes, biofertilizantes e fertilizantes minerais, e de padrões para certificação de fertilizantes ecoeficientes;
- Desenvolvimento de padrões para 50 qualificações futuras, permitindo unificar critérios para competições internacionais e programas de treinamento entre os países;
- Criação de um fundo para financiar projetos de energia limpa no Novo Banco de Desenvolvimento (NDB);
- Cooperação para o desenvolvimento de infraestrutura digital que aumente a conectividade, inclusive em áreas remotas dos países do Brics;
- Desenvolvimento de programas de competências digitais para meninas e mulheres;
- Elaboração de carteira de projetos prioritários de infraestrutura nos países do Brics para aumentar a visibilidade de financiamento;
- Desenvolvimento de rotas comerciais com investimentos em portos de pequeno porte, ferrovias e transporte marítimo de curta distância, para diminuir a pegada de carbono;
- Criação de plataforma de colaboração entre governo, setor privado e academia para buscar soluções para novos problemas de infraestrutura;
- Harmonização de padrões de regulação para produtos manufaturados, para facilitar a incorporação nas cadeias de valor.

Protagonismo em ações para a economia verde

Entre os temas no debate da economia nacional envolvendo os próximos passos da indústria está o protagonismo e papel de líder mundial da agenda da economia verde. Foi esse o motivo de uma reunião que a CNI e os empresários do Cebrics tiveram com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da Fazenda Fernando Haddad, também em agosto.

A cobrança foi feita pelo próprio presidente, mas Ricardo Alban garante que a indústria brasileira está pronta para este papel. “O desafio está posto e não podemos perder tempo e desperdiçar esta oportunidade”. O presidente eleito da CNI defendeu que o Brasil tenha uma política industrial de governo que invista em projetos de descarbonização e energia sustentável.

Para esse resultado, é necessário linhas de crédito voltadas a projetos com impacto na indústria nacional.

O tema já foi tratado com

a presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), Dilma Rousseff. Em reunião no mês passado, a indústria brasileira elencou os três eixos de maior destaque para atuação em conjunto da CNI com o NDB: infraestrutura, com foco principalmente nas obras do PAC (recém-lançado); energias limpas, renováveis e sustentáveis e, por último, projetos que tenham impacto com desenvolvimento social.

“O Brasil carece de linhas de financiamento competitivas. Temos um custo alto para adquirir estes recursos no país, o que não acontece no caso da China. A CNI defende uma nova estratégia para desenvolver a indústria brasileira, com propostas aderentes às áreas de atuação do banco, como descarbonização industrial; energia limpa e eficiência energética; infraestrutura de transporte; e infraestrutura digital”, afirmou Alban.

Empresários pedem ampliação de apoio a projetos no setor privado

A indústria brasileira também quer ampliar o número de projetos do setor privado apoiados pelo NDB no Brasil, que hoje correspondem a 26% da carteira de projetos no país. “O Brasil carece de linhas de financiamento competitivas. O custo desses recursos é alto, o que não acontece no caso da China”, acrescenta Alban.

A CNI defende uma nova estratégia para desenvolver a indústria brasileira, com propostas aderentes às áreas de atuação do banco. Também salienta a necessidade e urgência de se ter um programa para revitalizar a indústria da construção pesada, que respondeu por grandes obras no país e hoje são importantes para tocar obras no novo PAC.

A presidente do NDB, por sua vez, vem reforçando a importância de dar condições para que

as indústrias brasileiras consigam aumentar investimentos e atender demandas de infraestrutura e de inovação.

Interesses comuns

Ricardo Alban garante ter consciência de que há grande disputa, mas recursos limitados no banco. Por isso, segundo ele, é necessário que a indústria brasileira trabalhe na busca de convencimento e apresente melhores projetos que possam conversar com interesses comuns a outros integrantes do Brics.

“É interessante que possamos trabalhar juntos, governo e iniciativa privada, para que sejamos pragmáticos nas decisões e conseguirmos as melhores entregas para promover desenvolvimento e crescimento social”, completa Alban.

Desenvolvimento

Criado em 2014, o NDB

mobiliza recursos para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável nos países membros do Brics. Ao todo, já foram aprovados 94 projetos em operações de crédito nos cinco países do grupo, com um total de US\$ 32 bilhões.

A CNI cedeu, na forma de comodato, espaços em Brasília e São Paulo para os escritórios do NDB no Brasil. A presença do banco no território brasileiro, desde 2019, foi essencial para aumentar a carteira de projetos no país. Em 2018, havia US\$ 600 milhões e, atualmente, são US\$ 6.2 bilhões.

Durante a pandemia de Covid-19, o NDB atuou excepcionalmente na área social e de saúde, por meio de linha especial de crédito, que alocou US\$ 2 bilhões para pagamento do auxílio emergencial em 2020 e para repor recursos do fundo garantidor de crédito de auxílio emergencial em 2023.

FAUNA E FLORA

Um Brasil de plantas “estrangeiras”

Diversas espécies foram introduzidas no país durante a colonização e hoje fazem parte do cotidiano da população

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Castanholas, mangueiras, ipês e bananeiras são exemplos de espécies vegetais comuns nas ruas e praças dos municípios paraibanos. Elas já estão integradas à paisagem local e dão mais cor e sombreamento ao ambiente. O que muita gente não sabe é que estas e outras plantas não são nativas do estado, vieram de diferentes países ou regiões do Brasil. Enquanto uns exemplares exóticos são bem recebidos pela fauna e flora local, outras podem ameaçar espécies nativas, atrapalhando, inclusive, a reprodução.

O mestre em Botânica e doutorando em Ciências Florestais, Ramôn da Silva Santos, explicou que essas plantas exóticas ou invasoras - como são chamadas as não nativas, são transferidas de seus *habitats* naturais para lugares longínquos pela ação humana e também pela ação da natureza. Essa mudança geográfica pode ser motivada por fatores como transações comerciais, exploração científica, ornamentação ou de maneira acidental.

Animais, como aves, que costumam se alimentar de espécies frutíferas, podem espalhar sementes em lugares afastados de onde as encontraram. Nesse processo, ainda deve-se levar em consideração a ação do vento, que carrega sementes para áreas distantes do lugar de origem. “Uma vez introduzidas em novos ambientes, essas plantas podem exibir uma variedade de comportamentos de colonização, como competir por recursos nutricionais com plantas nativas”, afirmou Ramôn.

O engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), Anderson Fontes, afirmou que as plantas exóticas comuns no estado são as chamadas árvores viárias, que são aquelas plantadas nos canteiros centrais, praças, jardins de escolas e passeios públicos. Ele contou que umas das plantas exóticas frequentemente vistas nos municípios paraibanos é o neen indiano, natural da Índia.

“Ele tem crescimento rápido, mas as raízes costumam



Foto: Ortilio Antônio

danificar imóveis e calçadas que estejam por perto. Também não é muito apropriado para a fauna local, considerado abortivo para as abelhas. Apesar de não ser muito boa nesse sentido, é a árvore mais plantada nos municípios paraibanos”, explicou Anderson, que também é diretor da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, Regional Nordeste (SBAU-NE).

Há espécies exóticas que podem apresentar comportamento invasor, como a leucena e a castanholas, retardando o desenvolvimento da flora nativa, interferindo negativamente até no desenvolvimento das florestas.

Esse não é o caso das mangueiras, árvores não nativas encontradas, facilmente, em cidades paraibanas, como João Pessoa. Na capital, são comumente vistas nas vias públicas, como as avenidas João Machado e a Maximiano Figueiredo. Segundo Anderson, elas são nativas do Sul e Sudeste asiático, mas se adaptaram bem ao clima brasileiro. O único cuidado que se deve ter é com relação aos frutos, pois na época de colheita podem cair repentinamente, podendo trazer danos ao cidadão ou aos bens patrimoniais.

Anderson Fontes frisou que o lado positivo de se plantar espécies nativas nas cidades, é o fato de se estar mais familiarizado com a sua fisiologia, morfologia, e entender com maior clareza os possíveis aparecimentos de doenças e os respectivos tratamentos. Além disso, é uma forma de preservar o bioma local.

Fatores econômicos também influenciaram a chegada de plantas exóticas no Brasil, disseminando mudas em estados como a Paraíba. Com a carência de alimentos no perío-

do de seca do Sertão, algumas plantas foram introduzidas no estado para matar a fome das criações. Um exemplo é a algaroba. A espécie chegou à Paraíba na década de 1960 e foi plantada, inicialmente, na zona rural, assumindo a função de suplemento alimentar para os animais. Depois, foi levada para espaços públicos, inclusive urbanos. Anderson citou que um dos problemas que ela apresenta é a facilidade de tombamento.

Produtos que se tornaram símbolo da economia nacional, como a cana-de-açúcar, também vieram de lugares distantes. O botânico Ramôn Santos afirmou que a planta é originária da Ásia, e foi inserida no país pelos colonizadores portugueses para a produção de açúcar. Já o café, originário da África, chegou em terras brasileiras no século 18, com a finalidade de diversificar a produção agrícola e atender à crescente demanda mundial.

“Naturalistas, botânicos e exploradores também tiveram um papel importante na introdução de plantas exóticas. Plantas eram coletadas em expedições científicas e trazidas para estudos e coleções botânicas. Espécies não nativas foram trazidas com o intuito de estudar sua adaptabilidade a diferentes climas e solos”, ressaltou Ramôn.

Outra razão para a chegada dessas espécies invasoras foi o “modismo”, ou seja, o desejo de seguir a tendência paisagística de outros países ou regiões do Brasil. O paraibano visitava paisagistas de fora do estado e desejava seguir a tendência paisagística adotada por ele. Então, importava uma muda, dando sequência ao plantio das árvores exóticas nas cidades paraibanas.

benefícios econômicos com a preservação ambiental”, destacou o especialista.

Já o coentro (*Coriandrum sativum*), tão comum nas feiras livres, supermercados e agricultura paraibana, é nativa do Mediterrâneo. De cheiro intenso, é considerado um importante condimento e está presente em vários pratos da culinária brasileira, contribuindo para a cultura e economia de diversas cidades.

biçado na construção civil, devido à qualidade da madeira. Segundo Ramôn, a planta ainda é matéria-prima para produção de papel, óleo essencial e outros produtos aromáticos. “No entanto, o cultivo extensivo de eucaliptos, em algumas regiões, pode gerar preocupações ambientais, como a alteração do ecossistema local e a competição com espécies nativas. Portanto, é fundamental equilibrar os

Flora diversa foi impulsionada pela presença da família real

A história das importações de espécies vegetais exóticas no Brasil remonta à época das Grandes Navegações, quando exploradores, colonizadores e comerciantes transportavam ervas e mudas de plantas em suas viagens pelo mundo.

O botânico Ramôn Santos contou que as espécies eram frequentemente coletadas em diferentes regiões e trazidas como amostras botânicas ou para uso em cultivos agrícolas. Na vinda dos portugueses ao Brasil, diversas plantas originárias de Portugal e de outras partes da Europa foram introduzidas no país. Muitas delas foram trazidas como presentes, brindes diplomáticos ou para embelezar jardins e compor paisagens.

“Dom João 6º trouxe diversas plantas para o Brasil, quando a corte portu-

guesa se transferiu para o Rio de Janeiro, em 1808. Essas plantas eram destinadas ao enriquecimento de jardins reais e embelezamento de áreas urbanas”, mencionou Ramôn.

Para o bem ou para o mal, essas plantas não nativas já fazem parte da paisagem de vários estados brasileiros. “Em resumo, a chegada de plantas exóticas em uma região ocorreu ao longo de séculos, impulsionada por uma variedade de motivos, incluindo, explorações marítimas, comércio, interesses científicos, embelezamento urbano e necessidades econômicas. Essas introduções contribuíram para a diversificação da flora brasileira, mas também tiveram impactos positivos e negativos sobre os ecossistemas locais e a biodiversidade”, completou Santos.

Legado

A presença da família real no Brasil influenciou na diversificação da flora brasileira. O imperador Dom Pedro II contribuiu decisivamente para a criação de um dos mais importantes celeiros da flora do país - o Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. “O Jardim Botânico é um dos instrumentos de referência mais importantes do mundo para o estudo da Botânica”, enfocou o engenheiro agrônomo, Anderson Fontes. Ele afirmou que lá estão tanto espécies brasileiras, quanto exóticas, a exemplo da palmeira real e da imperial, sendo esta última originária da América Central e comumente encontrada no Parque Zoológico de Arruda Câmara (Bica) e o Parque Sólido de Lucena (Lagoa).

Ipê Amarelo

Uma das plantas não nativas que já virou atrativo contemplativo no estado pela beleza da cor de suas flores foi o ipê, sobretudo, o amarelo (*Handroanthus chrysotrichus*). Segundo o mestre em Botânica, Ramôn da Silva Santos, o ipê-amarelo é originário dos países da América do Sul, e no Brasil se concentra na região Sul e Sudeste. No entanto, a árvore já está presente em inúmeros estados brasileiros.

“Uma planta é considerada exótica quando ela sai de outros locais, não necessariamente de outro país, mas também de um bioma para outro. Na Paraíba, encontramos espécies da região amazônica, do Sul e Sudeste, que não germinariam naturalmente no nosso estado, mas porque foram trazidas para cá”, explicou.

Outro exemplo que ele citou foram as araucárias, comuns apenas nos pampas do Sul do Brasil, mas que são vistas em terras paraibanas, na região da Borborema, em áreas de grande altitude.

Foto: Ortilio Antônio



Espécies têm gerado contribuições na economia, paisagismo e culinária

Apesar das ressalvas sobre a adoção de plantas exóticas, vale lembrar que elas também contribuíram para a economia e diversidade paisagística brasileira. O mestre em Botânica, Ramôn da Silva Santos, frisou que muitas delas são usadas na construção civil, têm fins medicinais, são usadas na área de cosméticos e até em projetos paisagísticos.

O eucalipto, nativo da Oceania, é um produto co-



Jogadores do Botafogo durante treinamento no Almeidão, na última terça-feira, dentro dos preparativos para o jogo deste domingo

SÉRIE C

Botafogo joga para exorcizar traumas

Belo enfrenta o Amazonas, às 18h, no Almeidão, no início do quadrangular que define o acesso para a Série B

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Botafogo inicia, hoje, a sua quarta disputa na 2ª fase do Campeonato Brasileiro da Série C desde que começou a sua participação em 2014. O alvinegro encara o Amazonas-AM, a partir das 18h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa, pela abertura do quadrangular final, querendo colocar fim ao histórico de eliminações frustrantes na luta pelo tão sonhado acesso à Série B.

Nas três disputas anteriores, o clube guarda lembranças amargas de eliminações que machucaram a paixão do torcedor alvinegro. Em duas situações, o clube deixou escapar o acesso nos acréscimos, em 2016 foi eliminado nas quartas de final após sofrer o gol da derrota por 1 a 0 para o Boa Esporte-MG, aos 50 minutos do segundo tempo, quando a partida se encaminhou para as cobranças de pênaltis. Já em 2018 foi a vez de deixar escapar contra o Botafogo-SP, nos pênaltis, depois de não segurar o empate ao sofrer o gol aos 48 minutos da segunda etapa.

O Belo ainda teve de enfrentar outra frustração recente em 2021. Já na nova configuração de quadrangular final, o alvinegro disputou o acesso pelo Grupo C contra Ituano-SP, Criciúma-SC e Paysandu-PA. O clube chegou à última rodada com a 2ª colocação do grupo estando dois pontos à frente do Criciúma-SA, mas na última rodada de definição do acesso acabou sendo ultrapassado pela equipe catariense e deu adeus ao sonho.

“Estamos otimistas para exorcizar esses traumas, mas também cientes de nossas responsabilidades. Nos mostramos ser o time mais regular da competição, fomos o único clube a se manter dentro do G8 desde o início da disputa. Jogadores e comissão técnica sabem da importância de conseguir o acesso, pois dessa forma estarão colocando o clube em outro patamar e consolidando um feito expressivo em suas carreiras”, pontuou Roberto Burity, presidente do clube.

Para enfrentar o Amazonas, o treinador Felipe Surian deve promover as estreias dos atacantes Pipico, Luisinho e Kiko. Contratado há

pouco mais de um mês, Pipico passou por um processo de transição, treinou durante a semana e estará à disposição no banco de reservas assim como Kiko e Luisinho, anunciados como reforços na semana passada para a sequência da disputa do quadrangular final.

Na sua primeira participação na Série C, o Amazonas-AM surpreendeu e fez uma boa campanha na 1ª fase. A Onça-Pintada foi dona da terceira melhor campanha com 32 pontos conquistados, no entanto chega com a missão de quebrar uma escrita. O clube não conseguiu vencer nenhum de seus adversários que terá no Grupo C pela disputa do acesso, perdeu

para Paysandu-PA e Volta Redonda-RJ e empatou com o Botafogo-PB. Revelado no São Paulo-SP, campeão da Copa do Brasil em 2015 pelo Palmeiras-SP e com passagens por Internacional-RS e Fortaleza-CE, o zagueiro Jackson é um dos mais experientes do elenco. O defensor de 33 anos diz que a missão é quebrar essa marca para buscar o acesso à Série B.

“É um novo campeonato, sem dúvidas. Entendemos que chegou a hora da verdade. Mas temos certeza da nossa capacidade. O grupo é unido e a preparação tem sido bem feita. Vamos com tudo para somar o máximo de pontos possíveis e alcançar o acesso”, pontuou.

Jogos de hoje pelo

Brasileiro

■ **SÉRIE A**
Hoje
11h
Grêmio x Cuiabá
(*Premiere*)
16h
Fluminense x Fortaleza
(*Globo e Premiere*)
Corinthians x Palmeiras
(*Globo e Premiere*)
18h30
Cruzeiro x Bragantino
Bahia x Vasco
(*SporTV e Premiere*)
América-MG x Santos
(*Premiere*)
20h30
São Paulo x Coritiba
(*Premiere*)

■ **SÉRIE B**
15h45
Vila Nova x CRB
18h
Botafogo-SP x Sport
■ **SÉRIE C**
16h
São Bernardo x Operário-PR
18h
Botafogo-PB x Amazonas
(*Dazn e Nosso futebol*)
19h
Paysandu x Volta Redonda
■ **SÉRIE D**
15h
Sousa x Ferroviária
17h30
Ferroviário x Maranhão

PARALÍMPICOS 2024

Brasil já tem vaga em oito modalidades

Vôlei masculino e feminino, goalball, ciclismo, atletismo, natação, canoagem e futebol de cegos estão garantidos

Já começou a contagem regressiva para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024, portanto falta menos de um ano para a abertura que será no dia 28 de agosto com a cerimônia na Champs-Élysées. De maneira inédita, a solenidade não ocorrerá em um estádio. O desfile dos atletas se estenderá pelo coração da capital

francesa até a icônica Praça da Concórdia. A 360 dias do início do megaevento, já que 2024 é um ano bissexto, o Brasil tem vagas garantidas em oito das 22 modalidades presentes no programa: vôlei sentado (masculino e feminino), goalball masculino, ciclismo, tiro com arco, atletismo, natação, canoa-

gem e futebol de cegos. No vôlei sentado, a seleção feminina se classificou após o título mundial conquistado em Sarajevo, Bósnia, em novembro de 2022. Já a masculina foi campeã parapan-americana, em uma competição exclusiva da modalidade, realizada no Canadá, em maio deste ano.

O time de goalball masculino também estará na capital francesa no ano que vem, graças ao título mundial obtido em Portugal, no último mês de dezembro. O feminino teve a oportunidade de classificar por meio dos Jogos Mundiais da Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, na sigla em inglês),

encerrados no domingo, 27 de agosto, em Birmingham, Inglaterra, mas ficou na terceira posição e só a equipe campeã, no caso, a China, garantiu vaga. Agora, resta mais um caminho para buscar a classificação: o título do Parapan de Santiago, Chile, torneio que ocorrerá no próximo mês de novembro.

■ Goalball feminino ainda depende da disputa do Parapan de Santiago, Chile, no Chile



Vários nomes do atletismo estão confirmados nos Jogos de Paris 2024, que começarão em 28 de agosto, entre eles, o paraibano Petrúcio Ferreira, o paralímpico mais rápido do mundo

Seleção de Futebol de Cegos está garantida nos Jogos Mundiais

Outra seleção que disputou uma vaga para Paris 2024 por meio dos Jogos Mundiais da IBSA foi a de futebol de cegos. Esta, no entanto, saiu da Inglaterra classificada ao ficar na terceira posição da Copa do Mundo da modalidade. Diferente do goalball, o regulamento do futebol de cegos previa a classificação para os três melhores times da competição. No caso do ciclismo, a conquista das duas vagas para os Jogos de Paris 2024, que não são nominais, foi anunciada pela Confederação Brasileira de Ciclismo (CBC) no último mês de fevereiro, sendo uma masculina e outra feminina. As vagas, obtidas via ranking, podem ser utilizadas tanto nas provas de estrada como de pista. Nas disputas de tiro com arco, o Brasil, até aqui, tem presença garantida com a Equipe Mista Composto Open. Ou seja, é certo que o país terá dois arqueiros na capital francesa – um homem e uma mulher. A classificação foi obtida pela dupla Jane Karla e Reinaldo Charão, prata no Mundial da modalidade, em Pilsen, República Tcheca, em julho passado. As vagas, porém, não são nominais.

Assim como também não pertencem aos atletas e, sim, ao país, as vagas obtidas na canoagem durante o Mundial da modalidade, disputado na última semana, em Duisburg, Alemanha. O Brasil saiu da competição com classificações em quatro provas: duas masculinas, VL2 e KL1, pelo ouro de Fernando Rufino e o bronze de Luis Carlos Cardoso, e duas femininas, VL3 e VL2, pelo bronze de Mari Santilli e o quinto lugar de Debora Benevides. A delegação brasileira também já tem vagas em outras modalidades individuais, atletismo, o paraibano mais rápido do mundo, Petrúcio Ferreira, é um deles - e natação, pelo desempenho do país nos respectivos Mundiais. Nação com mais medalhas entre todas as participantes do Mundial de Atletismo de Paris, realizado no mês passado, o Brasil conquistou 37 vagas, não nominais, para o megaevento da capital francesa no ano que vem: 25 masculinas e 12 femininas. Já na natação, o Comitê Paralímpico Internacional (IPC, na sigla em inglês) ainda não divulgou oficialmente a quantidade de vagas brasileiras, algo que deve ocorrer

no próximo dia 15 de setembro. No entanto, como o Brasil teve campeões mundiais em Manchester, Inglaterra, no torneio disputado entre os dias 31 de julho e 6 de agosto deste ano, é certo que terá representantes nos Jogos Paralímpicos de Paris 2024. Neste caso, as vagas também não são nominais e os nadadores convocados serão definidos a partir de uma seletiva, marcada para o ano que vem. O programa do megaevento na capital francesa será

composto por 22 modalidades: badminton, bocha, futebol de cegos, goalball, judô, canoagem, hipismo, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, basquete em cadeira de rodas, tiro com arco, atletismo, halterofilismo, vôlei sentado, natação, remo, tiro esportivo, taekwondo, triatlo, rúgbi em cadeira de rodas e ciclismo. No entanto, há 23 pictogramas, pois o Comitê Organizador fez um para o ciclismo de estrada e outro para

o de pista. A capital francesa, hoje, está cinco horas à frente de Brasília. As provas terão início no dia seguinte à cerimônia de abertura, no dia 29 de agosto de 2024, uma quinta-feira, com disputas de rúgbi em cadeira de rodas, taekwondo, tiro com arco, bocha, tênis de mesa, goalball, basquete em cadeira de rodas, badminton, natação, vôlei sentado e ciclismo. As primeiras medalhas serão entregues neste mesmo

dia no taekwondo (três medalhas), natação (16 medalhas) e ciclismo (quatro medalhas). Ao todo, 23 medalhas serão entregues no dia 29 de agosto. A competição contará com um número recorde de medalhas para mulheres. No dia 8 de setembro, o último do megaevento, a maioria das disputas será feminina. Quatorze medalhas serão concedidas para elas, em disputas de basquete em cadeira de rodas, halterofilismo, atletismo e canoagem.



No dia seguinte à cerimônia de abertura, em Paris, começam as competições, e o goalball brasileiro estará em quadra

Foto: Ale Cabral/CPB

Foto: Guilherme Taboada/CPB

BRASILEIRÃO

Clássico paulista é o destaque de hoje

Corinthians e Palmeiras se enfrentam na Neo Química Arena; já o Fluminense pega o Fortaleza em Volta Redonda

Geraldo Varela
gvarela@uniao.com.br

Foto: Marcelo Gonçalves/Fluminense

A 22ª rodada do Campeonato Brasileiro será complementada neste domingo com a realização de mais sete partidas, destaque para o clássico Corinthians x Palmeiras, às 16h, na Neo Química Arena, equipes que foram bem no meio de semana por competições sul-americanas. O Timão garantiu vaga nas semifinais da Copa Sul-Americana ao eliminar o Estudiantes, da Argentina, e vai enfrentar o Fortaleza; já o Palmeiras apenas empatou sem gols com o Pereira e se classificou para as semifinais da Libertadores, tendo como adversário o Boca Juniors. No primeiro turno do Brasileiro, o Palmeiras levou a melhor e venceu o Corinthians por 2 a 1. Enquanto o Verdão está na parte de cima da tabela e ainda sonhando com o título, o alvinegro busca se afastar cada vez mais da zona de rebaixamento.

E por falar em Z4, o Vasco tem uma difícil missão neste domingo ao enfrentar o Bahia, na Fonte Nova, às 18h30, no famoso jogo de seis pontos, uma vez que o time baiano joga pra se manter fora da zona de rebaixamento, estando apenas a uma posição, a 16ª posição, com a mesma pontuação do Santos, que abre o Z4, pois perde nos critérios de desempate. O Vasco iniciou uma reação, mas a derrota para o Palmeiras não estava nos planos. Na verdade,



Jogadores do Fluminense comemoram gol no jogo contra o Olímpia, no Paraguai, na última quinta-feira, que colocou o Fluminense nas semifinais da Libertadores

o cruz-maltino foi prejudicado com a anulação de um gol legítimo, em mais um erro do VAR. Neste domingo não tem Maracanã porque o estádio foi interditado

para melhoria do gramado, forçando o Fluminense a jogar no Raulino de Oliveira, diante do Fortaleza, às 16h, em Volta Redonda. O Fluminense vem um triunfo fabuloso ao

eliminar o Olímpia, no Paraguai, por 3 a 1 e se garantir nas semifinais da Copa Libertadores. O jogo promete bastante porque o adversário também se classificou às

semifinais da Copa Sul-Americana ao bater novamente o América-MG. A rodada ainda tem os jogos Cruzeiro x Bragantino, às 18h30, no Mineirão; América-MG

x Santos, no mesmo horário no Independência; São Paulo x Coritiba, às 20h30, no Morumbi; e Grêmio x Cuibá, que abre a rodada, às 11h, na arena gremista.

CONCENTRAÇÃO

Sul e Sudeste dominam o futebol feminino no Brasil

Lincoln Chaves - EBC
Agência Brasil

O futuro do futebol feminino brasileiro está concentrado, atualmente, em apenas duas regiões. Segundo o levantamento Diagnóstico do Ministério do Esporte sobre o cenário da modalidade no país, 84% das atletas em categorias de base jogam em times do Sul ou do Sudeste (50% em cada).

Deste total, 73% das meninas nasceram em estados das duas regiões, e o restante é formado por jogadoras emigrantes. O Nordeste, por exemplo, é a terra natal de 14% destas atletas, mas 10% delas permanecem em times locais. O recorte do Norte chama atenção: enquanto 2% das atletas são nascidas por lá, o percentual de meninas na categoria de base é zero.

Um exemplo deste cenário é a lateral Sara Pedot, convocada para a seleção feminina sub-15, em julho. Ela é nascida em Ji-Paraná, no interior de Rondônia, onde atuava com meninos.

Entre 2019 e 2021, a jovem viajava 2,6 mil quilômetros até a capital paulista, uma vez por mês, para treinar com outras meninas na base do Centro Olímpico. No ano passado, Sara se mudou de

vez. Hoje, defende a equipe sub-15 do São Paulo.

O cenário migratório não difere muito quando o recorte é das jogadoras adultas. Dezesesseis equipes participam da Série A1 do Campeonato Brasileiro feminino profissional, a principal competição da modalidade no país. Doze (75%) pertencem ao Sul e Sudeste.

Coincidentemente, o percentual de atletas que atuam em clubes destas regiões, independentemente da divisão, é o mesmo. As demais futebolistas se dividem por Centro-Oeste (14%), Nordeste (7%) e Norte (4%).

A sondagem realizada pelo Ministério reuniu 1.090 respostas de pessoas ligadas à modalidade, entre atletas (adulto e base) e profissionais em cargos de liderança, representando cerca de 40% do cenário de alto rendimento do país. O levantamento integra a Estratégia Nacional para o Futebol Feminino, cujo decreto foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em março. O intuito é nortear a criação de ações referentes à prática, proibida a mulheres no Brasil entre 1941 e 1983.

“Esses processos migratórios mostram a falta de estrutura da modalidade

no país. As federações estaduais não são responsáveis por fomentar campeonatos regionais. Então, as meninas e mulheres não têm onde jogar e acabam saindo dos locais de origem para onde o futebol acontece - que é nas regiões Sudeste e Sul, basicamente”, analisou Silvana Goellner, professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pesquisadora e ativista do futebol de mulheres.

O futebol de meninas em âmbito nacional é recente. Os primeiros campeonatos sub-16 e sub-18 (atualmente sub-17 e sub-20, respectivamente), organizados pela Confederação Brasileira da modalidade (CBF), surgiram somente em 2019.

Naquele mesmo ano, entrou em vigência a obrigatoriedade para que clubes da Série A do Brasileiro masculino mantivessem equipes femininas adultas e de base.

A representatividade de Norte, Nordeste e Centro-Oeste nos torneios de base é escassa. No atual Brasileiro Feminino Sub-20, as três regiões, juntas, possuem sete times entre os 20 participantes, contra nove do Sudeste e quatro do Sul. No sub-17, Cresspom, Minas Brasília (ambos Distrito Federal) e Esmac, do Pará, fo-

ram exceções em 2022, em meio a cinco equipes paulistas, duas gaúchas, uma mineira e uma do Rio de Janeiro.

Não à toa, nas quatro edições do Brasileiro Sub-20, somente uma vez um dos semifinalistas não foi um time do Sul ou do Sudeste (Irânduba, do Amazonas, em 2019). No sub-17, foram duas ocasiões, em 2020 (vice-campeão) e 2021 (quarto colocado), ambas com o mesmo time (Minas Brasília).

“Tenho insistido muito que a CBF crie um departamento que pense o futebol de mulheres com essa interação com políticas públicas, a obrigação de as federações fomentarem escolinhas esportivas. Há muitos projetos que dão certo, as meninas estão jogando, mas temos que explodir essa lógica clubista e olhar um outro futebol possível. A base está vindo forte, mas não nos clubes e sim nas comunidades periféricas”, destacou Silvana.

“O futebol não é somente a seleção brasileira, nem Séries A, B ou C. Há futebol nas comunidades quilombolas, nos povos originários, comunidades ribeirinhas. Em São Paulo, tivemos uma liga de várzea que reuniu 80 equipes de mulheres jogando futebol de campo em um sábado. Há esse futebol. Precisamos olhar e pensar como desenvolvê-lo”, concluiu a professora.

Foto: Ricardo Duarte/Internacional



Internacional e Santos fizeram a final do Campeonato Brasileiro Feminino Sub 17 do ano passado

JOGO DO ACESSO

Sousa a 90 minutos de fazer história

Dinossauro precisa vencer a Ferroviária-SP por dois gols de diferença, ou até por um, mas com decisão nos pênaltis

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Hoje, o Sousa pode concretizar um dos capítulos mais marcantes de sua história. O clube sertanejo entra em campo contra a Ferroviária-SP a partir das 15h, no Estádio Marizão, em Sousa, pela partida de volta das quartas de final do Campeonato Brasileiro da Série D, que pode significar o inédito acesso do clube para a disputa da Série C, em 2023.

Para conseguir o feito, a equipe comandada por Renatinho Potiguar vai usar o fator casa como um trunfo, afinal, o clube tem números

“**Sempre trabalhei intensamente determinado a fazer história neste clube. As situações extracampo não vão me abalar**”

Luiz Henrique

expressivos na temporada jogando como mandante. No total de 16 jogos, o Dinossauro tem retrospecto de 13 vitórias, três empates e apenas uma derrota, levando em consideração apenas as partidas disputadas na Série D, a equipe mantém a invencibilidade, vencendo oito e empatando uma partida das nove que disputou no Marizão.

Para avançar às semifinais e carimbar o passaporte para a disputa da Série C, os comandados de Renatinho Potiguar terão de reverter a desvantagem após derrota no primeiro confronto por 1 a 0, dessa forma, precisarão vencer a equipe paulista por dois

gols de diferença. Em caso de vitória por diferença mínima, a decisão vai para as cobranças de pênaltis.

Envolvido numa polêmica, esta semana, sendo vítima de um suposto aliciamento de um empresário paulista para não entrar em campo no confronto, o atacante Luis Henrique garante estar focado apenas na “decisão” de hoje e que o objetivo é fazer história no clube. O camisa 11 é o principal nome na temporada, dono de grandes atuações e oito gols marcados em 30 jogos disputados pelo Sousa.

“Sempre trabalhei intensamente determinado a fazer história neste clube, as situa-

ções extracampo não vão me abalar. Estou focado e confiante para esse jogo que pode ser histórico para o clube. A meta é se empenhar dentro de campo e ajudar os meus companheiros a conseguir o nosso objetivo”, destacou.

Para conquistar o acesso, a Ferroviária-SP depende apenas de um empate, já que bateu o Sousa por 1 a 0, em Araquara-SP. O retrospecto da Locomotiva como visitante é bom, com quatro vitórias, três empates e apenas duas derrotas ao longo de toda a competição. Para tentar conter o trio alviverde composto por Histone, Luiz Henrique e Lopeu, o treinador Alexandre Lopes

vai contar com o retorno de seu capitão, Ronaldo Alves, que cumpriu suspensão no primeiro jogo.

O confronto no Marizão que vai definir uma das quatro equipes que estarão na disputa da Série C, em 2024, será comandado por Marcelo de Lima Henrique (CE), tendo como assistentes José Moracy de Sousa e Silva (CE) e Anderson da Silva Rodrigues (CE), além de José de Arimatéia Freires da Silva (PB) na quarta arbitragem. Paulo Renato Moreira da Silva Coelho (RJ) ficará responsável pela arbitragem de vídeo e será auxiliado por Carlos Henrique Cardoso de Souza (RJ).



A Ferroviária levou a melhor no jogo de ida ao vencer por 1 a 0 e, hoje, precisa de um empate no Marizão para garantir o acesso

Foto: Tiago Pavini/Ferroviária/SP

POWERLIFTING

Mayara Rocha compete no Sul-Americano entre os dias 6 e 10

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A paraibana Mayara Rocha viaja amanhã, 4, para o Peru onde vai disputar, de 6 a 10 de setembro, em Lima, o Campeonato Sul-Americano de Powerlifting. A atleta, que no ano passado foi vice-campeã na competição, se prepara para bater pelo menos um recorde e para isso intensificou os treinos.

“Meu recorde do agachamento é 167,5 quilos e a meta é bater esse número. Estou treinando muito e me dedicando bastante. Tem sido a melhor preparação”, destacou a atleta que, no ano passado, na mesma competição, conquistou oito medalhas, terminando como campeã

Sul-Americana no Agachamento e vice-campeã na classificação geral. “Quero voltar como campeã sul-americana e voltar com algum recorde sul-americano”, adiantou a atleta que vai competir no powerlifting equipado, onde o é possível utilizar roupas suporte (camisa de supino, macaquinho), faixas de punho e joelho, além de cintos.

Membro da Seleção Brasileira de Levantamento de Peso Olímpico (LPO) desde 2018, Mayara sabe que irá competir com os melhores da modalidade da América do Sul. Desafio que não assusta, afinal a atleta de Campina

Grande carrega no currículo títulos importantes como o de campeã do Arnold Classic South America 2022; recordista brasileira de Agachamento Equipado com 160 quilos; campeã brasileira de Powerlifting Clássico e Equipado 2022; tetracampeã paraibana, entre outros.

O esporte

O powerlifting é um esporte de força, cujo objetivo do atleta é levantar o maior peso possível em cada um dos três movimentos que compõem a prática: agachamento, supino e peso morto. Foi oficialmente reconhecido como um esporte em

1960, e em 1973 foi fundada a International Powerlifting Federation, primeira da modalidade. No powerlifting, o competidor tem três chances de executar os movimentos somando o maior peso de cada um. Em caso de empate, o atleta mais leve é declarado o vencedor.



Foto: Reprodução/Instagram

O recorde da paraibana Mayara Rocha no agachamento é 167,5 quilos, e a meta da atleta na competição sul-americana, esta semana, é bater esse número

■ No Peru, a atleta paraibana, da cidade de Campina Grande, vai em busca de novo recorde



Fotos: Arquivo de Família

O negócio de conservas e frios em Campina Grande foi criado pelo austríaco Wilhem Gustav Steinmüller, nos anos de 1950, e depois virou o Chopp do Alemão

Terra de forasteiros

Parte da história de Campina Grande tem como protagonistas portugueses, árabes, dinamarqueses, que lá chegaram e marcaram época, a exemplo do seu fundador, Theodósio de Oliveira Ledo, de nacionalidade portuguesa

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Campina Grande sempre deteve o título de cidade acolhedora para os que nela desembarcam em busca de trabalho, estudos, turismo ou para quem a escolhe como recomeço de vida. Essa característica deu-se ainda nos tempos de sua fundação, permanecendo até os dias atuais, quando se observa a chegada não só de brasileiros de várias regiões do país, mas de estrangeiros. A propósito, parte da história da Rainha da Borborema tem como protagonistas portugueses, árabes, dinamarqueses, que nela chegaram e marcaram época, a exemplo do seu fundador Theodósio de Oliveira Ledo, de nacionalidade portuguesa.

A cidade também tem como um dos seus primeiros prefeitos um dinamarquês. Cristiano Lauritzen chegou ao país aos 21 anos e morou em algumas cidades nordestinas até ir parar em Campina Grande em 1880, após residir por doze anos em Recife, capital pernambucana. Comerciante e fazendeiro influente, ele logo se interessou por problemas comuns que abalavam o franco desenvolvimento local. Em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, ele, por intermédio de amigos ricos e políticos eminentes, conseguiu negociar com o Governo Federal a construção da ferrovia para o escoamento do algodão da região de Campina Grande. Essa obra foi um marco para a cidade, e por esse ato e engajamento em outros pleitos, em 1904, conseguiu se eleger prefeito.

Em virtude justamente desse período áureo da comercialização do algodão, inúmeras outras famílias estrangeiras foram se estabelecer na Rainha da Borborema, que por muitos anos foi considerada a “Canaã do Nordeste”.

De acordo com os registros do século 19 do Instituto Histó-



Os Steinmüller se estabeleceram em Campina Grande em 1954, mas tudo começou em setembro de 1953, quando o austríaco Wilhem desembarcou em Recife e obteve a documentação de permanência no Brasil regularizada

co de Campina Grande (IHCG), há referências de estrangeiros instalados na cidade, como os Agra, que são de ascendência árabe e de família numerosa que ainda reside no município até os dias atuais.

Todavia, a atividade de estrangeiros na cidade deu-se ainda no início de sua formação. “Desde seus primeiros tempos, Campina Grande era uma localidade acolhedora para forasteiros, que vinham atraídos pelos negócios que faziam em torno do mercado e acabavam se instalando na povoação em vista da demanda de ofícios para a fabricação de utensílios de uso corrente e serviços diversos da práxis social, como padeiros, açougueiros, curtidores, ourives, barbeiros, alfaiates, sapateiros, oleiros, ferreiros ou funilei-

ros”, diz o professor Vanderley de Brito, presidente do Instituto Histórico de Campina Grande. Conforme explica, por meio do português Theodósio, seus descendentes formaram a casta de brasões sociais que dominava o cenário político da região, “sobretudo os agregados vindos de Portugal para desposar suas filhas, que trouxeram outros sobrenomes lusos que até hoje perduram na região”, informa.

Ele recorda que Campina Grande nasceu em fins do século 17 de uma aldeia indígena, de nativos da tribo dos bultrins, etnia cariri, e que a primeira referência histórica dessa aldeia é de 1697, tratando-se de uma aldeia de vocação mercantil, ligada a colonizadores e ponto de pouso para mercadores e viajantes.

Além disso, era localizada num setor de entroncamento de estradas reais, logo se tornando “um ponto de confluência de culturas, fazendo-se uma aldeia muito movimentada e atrativa para boiadeiros, almocreves, tangerinos, trovadores, poetas, ciganos, agricultores, mascates e aventureiros”, ressalta.

Uma dessas famílias estrangeiras instalada em Campina Grande e que ainda nela permanece é a Steinmüller. A prole pisou em terras brasileiras em 1953, período da Segunda Guerra Mundial, quando a Áustria vivia momentos de terror, com o país em escom-

pros, com incertezas, desemprego em alta e fome. Diante do cenário, muitos de seus habitantes decidiram sair em busca de um lugar melhor para viver com a família. Um deles foi Wilhelm Gustav Steinmüller. “Ele deixou a mulher e três filhos pequenos na Áustria e veio somente com a cara e a coragem, sem nem mesmo saber falar português. Willy, como era mais conhecido, desembarcou em Recife em 12 de setembro de 1953 e logo arranhou emprego em um frigorífico. Dessa forma, teve a documentação de permanência no país regularizada e mandou buscar a família.

Com a estabilidade, a sua esposa e os três filhos, Renate, Helga e Viktor, embarcaram para uma viagem de doze dias rumo ao Brasil. “Foi um recomeço difícil para os Steinmüller na capital pernambucana, sobretudo porque sua esposa não se adaptava ao calor dos trópicos, até que ele ouviu falar de Campina Grande, cidade em desenvolvimento, de clima mais ameno, que oferecia oportunidades para negócios. Então, com a indenização do frigorífico onde trabalhava, ele resolveu ousar e mudou-se para Campina Grande com os filhos e a esposa”, relata a professora e também membro do IHCG Ida Steinmüller, a quarta filha dessa família, já com seu nascimento registrado em Campina Grande após a mudança de endereço.

Perspicácia para manter o negócio e atrair os clientes

Os Steinmüller se estabeleceram na cidade paraibana em 1954 e Wilhelm decidiu continuar atuando na mesma área em que trabalhava na capital pernambucana, começando um negócio de conservas e frios. Com seu jeito carismático, logo fez amizades e conseguiu empréstimo junto ao Banco do Nordeste para adquirir os primeiros maquinários e gerir o empreendimento. “Em um prédio no Centro da cidade, ele iniciou sua fabricação de salsicha, linguiça, mortadela, salame e presunto, que produzia por meio quase artesanal e, em memória à sua terra, deu ao estabelecimento o nome de Salsicharia Vienense. Mas o negócio não prosperava porque os produtos embutidos não faziam parte dos hábitos alimentares dos campinenses”, conta Ida.

Ela explica que uma das características do pai era a perspicácia e não aceitou o fato de ter apostado todas suas esperanças em um negócio para não prosperar. Conforme suas lembranças, a professora ressalta que ele passou a observar os costumes do povo campinense, conversou com alguns, recebeu conselhos, e percebeu que as pessoas gostavam mesmo era de beber. “Ele foi então a Recife, comprou um barril de chopp, reorganizou o ambiente com mesas e cadeiras e no dia 12 de novembro de 1955 inaugurou a primeira choperia da cidade, o Chopp do Alemão”, destaca.

A choperia recebeu esse nome porque Willy era tido na cidade como um alemão, visto que os campinenses não sabiam bem diferenciar um austríaco de um alemão. Assim, a família se estabeleceu em definitivo na cidade onde nasceram mais seis filhos: a professora Ida e seus irmãos Otto, Roberto, Rudolf, Elisabeth e Franz.

“Willy foi genial, pois seu objetivo de transformar a salsicharia em lugar também de encontros alegres para consumo de chopp tinha a estratégia de habituar os campinenses a saborear seus embutidos, que entravam a pretexto de aperitivo. De chapéu de feltro com uma peninha verde, típico de tirolês, ele mesmo servia o chopp com espuma e em canecas de vidro e seu negócio era semelhante as tabernas, com arcos e tijolinhos à mostra, gerando um ambiente da tradicional cultura dos povos germânicos em Campina Grande”, ressalta.

A novidade logo cativou os boêmios e a choperia virou *point* da cidade. Ele morreu em 1966, mas o negócio ficou na família e até hoje o Chopp do Alemão permanece em funcionamento no Centro de Campina Grande.

Foto: Reprodução



O dinamarquês Cristiano Lauritzen

Cabral de Vasconcelos

O jornalista que escreveu a primeira Constituição da Paraíba



Poeta, musicista e autor da valsa ‘Constituintes’, Cabral de Vasconcelos foi redator do jornal O Estado da Paraíba

Hilton Gouvêa
aranjagouvea14@gmail.com

O paraibano Antônio Hortêncio Cabral de Vasconcelos nasceu em Ingá, no dia 13 de maio de 1855, e morreu em João Pessoa, em 7 de maio de 1924. Foi jornalista, musicista, poeta, advogado e político.

Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1888, exerceu a sua profissão de advogado com escritório na capital da Paraíba e foi nomeado procurador fiscal dos Feitos da Fazenda Estadual, posteriormente procurador da República, além de ter participado da fundação do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB).

Membro destacado da sociedade paraibana, atuou como poeta e musicista, sendo autor da valsa ‘Constituintes’ e redator do jornal O Estado da Paraíba; e também se tornou um dos sócios-fundadores do Clube Astréa e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). Após a proclamação da República, foi eleito deputado estadual em 1891, sendo um dos autores do anteprojeto da primeira Constituição Republicana da Paraíba.

Vida curta

O jornalista Phelipe Caldas, ao escrever sobre a primeira Constituição Republicana da Paraíba, diz que ela teve vida curta, mas que já completou mais 130 anos no último dia 5 de agosto. E essa Constituição, de aparente roupa nova, ocorre numa época de instabilidade política e sujeita a golpes. Significa que o dia 5 de agosto de 1891 não apareceu em céu de brancas nuvens sobre a então Paraíba do Norte.

Essa Constituição durou apenas quatro meses, mas definiu algumas bases fundamentais que duram até hoje: a criação do cargo de prefeito como chefe administrativo dos municípios e a divisão dos Três Poderes como entes independentes e harmônicos.

Tudo começa bem antes, claro, ainda na época do Império. O imperador dom Pedro II governava o país com poderes absolutistas e, na Paraíba, tinha como auxiliar o governador Gama Rosa. Mas, simplesmente, não havia autonomia estadual, de forma que tudo era decidido pelo governo central e cabia ao gestor local apenas garantir que as decisões do monarca seriam cumpridas na província.



Antônio Hortêncio Cabral de Vasconcelos foi um dos sócios-fundadores do Clube Astréa, em João Pessoa, que era frequentado pela elite dos anos de 1910 a 1922

Paraibanos sem movimento republicano articulado

A Paraíba, ao contrário de estados como o Rio de Janeiro por exemplo, não possuía um movimento republicano bem articulado, não possuía uma pluralidade partidária ou clubes republicanos. Dessa forma, todas as principais lideranças políticas e toda a elite estavam alinhadas ao imperador. E isso traria consequências para os anos vindouros, quando a República fosse enfim proclamada, em 15 de novembro de 1889.

Nessa época, com apenas um ano de existência, claro que Vasconcelos nem imaginava o que a República significaria para ele. Seus biógrafos citam através do Microsoft Bing, que ele foi um poeta ativo e prolífico, incluindo, entre suas inúmeras obras, a valsa

‘Constituintes’, de aceitação insossa.

Fala-se que era músico talentoso, participando ativamente da vida social paraibana. O violino e a harpa eram seus instrumentos prediletos. Suas tocatas eram comuns nas noites sociais do Astréa, frequentado pela elite dos anos de 1910 a 1922. Não chegou a organizar concertos. Tocava em conjunto com outros músicos.

Quem lhe encontrava na rua e pedia para solfejar determinada música de seu repertório, com bons modos respondia: “Não vamos confundir as coisas: no escritório de advogado ninguém me verá com uma partitura à vista, nem com livros de poemas quando estiver na função de procurador público”.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A época dos festivais – Parte III – Os FICs

O sucesso, tanto de audiência televisiva quanto de ímpeto musicalmente criativo, fez surgirem, concomitantemente com os Festivais de Música Popular Brasileira, outros eventos que buscavam trazer ao Brasil parceiros e participantes de nível internacional. Assim, em paralelo com os festivais paulistas, aos quais nos referimos anteriormente, a TV-Rio partiu para uma maior abrangência: a realização do Festival Internacional da Canção, o FIC, projeto posteriormente encampado pela incipiente TV-Globo-Rio.

O objetivo a alcançar seria lançar novos nomes e/ou novos gêneros musicais, como também mostrar a diversidade dos nossos gêneros musicais, bem como a pluralidade e a releitura do universo musical, de novos valores e estilos musicais.

Em comparação com os participantes dos FMPBs, como FIC pretendia apresentar um diferencial, em suas normas foram estabelecidas duas fases diferenciadas: a nacional, que teria a sua vencedora disputando com criações de diversos países, na fase internacional.

Estava então universalizada a época dos festivais de música no país. Tanto é assim que, de grande relevância, tivemos cinco edições do FMPB desde a primeira, da TV Excelsior, até as organizadas pela TV Record. Já no que diz respeito aos FICs (Festivais Internacionais da Canção), tivemos sete edições, sobre cujos fatos mais importantes faremos um resumo.



Um grande impulso foi dado a este último no seu início, quando o governo do então Estado da Guanabara, Negrão de Lima, pela sua Secretaria Estadual do Turismo, resolveu patrocinar um festival de música. A organização do I FIC foi confiada à TV-Rio, tendo à frente o então produtor e criador Augusto Marzagão. Já a partir da segunda edição, o comando passou ao domínio da TV-Globo, que iniciara suas atividades em outubro de 1965, encabeçadas pelo diretor Walter Clark.

O FIC, em sua primeira edição, aconteceu em outubro de 1966 e foi organizado pela TV-Rio, com um significativo diferencial dos festivais da Música Popular Brasileira (FMPB): seria disputado, obviamente, em duas fases – nacional e internacional –, acontecendo suas sete edições, entre os anos de 1966 e 1975, realizadas no Maracanãzinho. A fase nacional concorreriam, naturalmente, somente as músicas brasileiras, cuja vencedora disputaria com canções de quinze países, previamente convidados.

Foi esse o primeiro festival organizado e apresentado no Rio de Janeiro, já que, como dito antes, os anteriores (FMPB) sempre aconteceram em São Paulo.

Na fase nacional desse I FIC foi premiada, em 1º lugar, ‘Saveiros’, de Dori Caym-

mi e Nelson Motta, com interpretação de Nana Caymmi, embora as preferidas do público fossem ‘O Cavaleiro’, de Geraldo Vandré e Tuca, com Tuca, que ficou em 2º e ‘Dia de Rosas’, de Luiz Bonfá e Maria Helena Toledo, com Maysa, que obteve o 3º lugar. Como citado, o 1º lugar saiu para ‘Saveiros’, porém notava-se uma certa rejeição ao resultado por parte de alguns jurados, mas sobretudo do grande público, sob o argumento de que a premiada transmitia um clima de tristeza não muito condizente com os objetivos do festival, o que fez com que a apresentação desta recebesse sonoras vaias, mesmo antes da divulgação do resultado final. (Estava assim “inaugurado” o costume de, em outros futuros festivais musicais, vaiar as apresentações que não agradassem ao público. Como aconteceria nas finais do III FMPB, em 1967, com Sérgio Ricardo e seu ‘Beto bom de bola’, e nos III FIC, tanto com Caetano Veloso, com ‘É proibido proibir’ ou mesmo com a finalíssima ‘Sabida’).

Voltando ao I FIC, a final da fase internacional foi vencida pela concorrente alemã, do violinista Helmut Zacharias que apresentou a canção ‘Frag Den Wind’ (‘Pergunte ao vento’), de sua autoria em parceria com Carl J. Schaubert, interpretada por Inge Brüeck.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Atlas da Notícia traz boas novas sobre o jornalismo local

A sexta edição do Atlas da Notícia no Brasil, divulgada no dia 9 de agosto, trouxe uma boa notícia: o número de localidades sem veículos de comunicação diminuiu no país, numa redução de 8,6% em comparação com a pesquisa anterior.

Realizado pelo Projor (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo), o levantamento começou a ser feito em 2017, e esta foi a primeira vez que a quantidade de municípios considerados desertos é menor do que o de cidades que contam com ao menos um veículo de comunicação jornalístico.

O que poderia ser visto como um “copo cheio”, porém, ainda dá mostras de “copo vazio”, ainda existem 2.712 cidades (com 26,7 milhões de brasileiros) sem acesso a notícias sobre o lugar onde vivem.

A distribuição de veículos de comunicação também mostra disparidade entre as regiões brasileiras. Conforme o Atlas da Notícia, houve redução de iniciativas jornalísticas nas regiões Centro-Oeste, e o total de iniciativas que foi encerrada representa 1% da base de dados da região no Censo. Em paralelo com esse resultado, o número de desertos de notícias diminuiu nos estados do Sul (8%), Sudeste (2,5%), Norte (30%) e Nordeste (9%).



Confira outros dados por região:

- Sudeste — a mídia online superou o rádio e o impresso e é agora o meio com maior número de veículos jornalísticos ativos;
- Nordeste — ainda há 56,74% dos municípios sem nenhum veículo de comunicação jornalístico e mais de 80% dos veículos mapeados pelo Projor são nativos digitais ou rádios;

- Norte — acumula 1.260 veículos jornalísticos distribuídos entre os sete estados (Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Tocantins e Pará);
- Sul — concentra 26,5% dos veículos do Brasil, com 3.823 empreendimentos, enquanto reúne apenas cerca de 15% da população brasileira, de acordo com dados do Censo de 2022;

- Centro-Oeste — tem a menor porcentagem de desertos de notícias, e o rádio é o segmento que garante boa parte da cobertura noticiosa.

O Atlas da Notícia também acompanha o fechamento de veículos. Na edição atual, foram identificadas mais 39 organizações que encerraram as atividades. Ao todo, já são 942 as organizações registradas na base de dados que foram fechadas nos últimos anos.

Conforme o Projor, capacitação para gestão, experimentação de novos modelos de financiamento e políticas públicas que incentivem o surgimento e a sobrevivência de veículos de comunicação local são medidas necessárias e urgentes para a garantia de um ambiente de boa oferta de informação de interesse público.

A realização do censo das publicações jornalísticas no Brasil envolveu um esforço coordenado de 303 colaboradores voluntários e estudantes de 80 organizações e universidades que se dedicaram nos últimos meses a encontrar veículos de comunicação em lugares onde não havia registro de atividade jornalística. Para consultar o Atlas e saber um pouco mais sobre o trabalho, acesse <https://www.atlas.jor.br/>.



Foto: Reprodução

HISTÓRIA SECULAR

Lenda do Papa-Figo é uma das mais populares do país

Personagem que assombra crianças também é conhecida como Homem do Saco ou Velho do Saco

Da Redação

O Papa-Figo ou Homem do Saco pode ser chamado ainda de Velho do Saco, dependendo da região do Brasil. Sua lenda é contada em todo o mundo, há muitos séculos. Segundo ela, um ser com características antropomórficas perambula pelas ruas carregando um saco, raptando crianças que foram desobedientes e praticando maldades contra elas.

O Papa-Figo pode ser também um homem poderoso e doente, que devora as crianças para curar a sua doença. Um crime brutal cometido contra uma criança em 1910, na Espanha, pode ter originado o nome “papa-fígado”, que ficou popular no nordeste do Brasil, segundo registra o Site Brasil Escola.

Em todos os continentes é contada a lenda de um homem com um saco que rapta crianças desobedientes, punindo-as. O Crime de Gádor, praticado em 1910, popularizou a lenda do Homem do Saco e originou o nome que no Brasil se tornou Papa-Figo. Ele é geralmente representado como um homem rico, que sofre de alguma doença (geralmente tuberculose ou hanseníase) e que, acreditando que será curado, rapta crianças para beber seu sangue e devorar seu fígado.

O Homem do Saco, chamado em alguns lugares de Papa-Figo é um ser que atua geralmente durante a noite. Ele é descrito de forma diferente pelo território brasileiro, mas em todas as versões essa personagem é representada como um homem



Foto: Reprodução

Krampus, versão europeia do Homem do Saco, em cartão de Natal de 1900, com a mensagem: “Saudações de Krampus!”

que carrega um saco nas suas costas. Ele pode aparecer com um homem comum, geralmente um idoso, ou como um ser com garras e longos dentes.

No início do século 20 no Brasil, o Papa-Figo passou, de forma extremamente preconceituosa, a ser associado a pessoas com hanseníase, doença chamada na época de lepra. A lenda ajudou a piorar a estigmatização com a qual pessoas com a doença viviam no período. Câmara Cascudo, um dos principais pesquisadores brasileiros do folclore, apontou que o Homem do Saco podia ser descrito como um velho negro, sujo, vestido em farrapos e que raptava crianças para vendê-las para pessoas ricas que sofriam com a lepra.

Também podia ser descrito como um sujeito pálido, com barba por fazer e que atraía as crian-

ças com presentes, como doces e brinquedos, levando-as para lugares ermos, assassinando-as e posteriormente se alimentando de seu sangue e fígado.

Desde a Idade Média, existem relatos de um Homem do Saco que capturava crianças desobedientes. A lenda ainda hoje é utilizada para amedrontar as crianças, fazendo com que elas obedeçam às ordens dos adultos, evitando que frequentem lugares perigosos, que pratiquem ações que possam colocá-las em risco ou que acompanhem pessoas estranhas.

Existem representações desse mito em algumas pinturas do século 18. Foi no início do século 20 que o Homem do Saco também passou a ser chamado de Papa-Figo. Acredita-se que isso ocorreu por causa de um crime real conhecido como Crime de Gádor. Em 1910, em Gádor, na Espanha, o menino Bernardo González Parra, de sete anos, foi raptado por Francisco Leona. Para isso, Leona havia recebido dinheiro de Francisco Orte-

ga, um homem rico que sofria de tuberculose.

Ao visitar uma curandeira chamada Agustina Rodríguez, ela informou a Ortega que ele só seria curado se ingerisse sangue de uma criança e passasse a gordura dela em seu próprio peito. Por isso Francisco Ortega pagou Francisco Leona para sequestrar o pequeno Bernardo.

Leona fez a criança perder os sentidos com clorofórmio e a colocou dentro de um saco de juta, levando-a para a propriedade do patrão. O menino foi assassinado e Ortega bebeu o seu sangue.

Após o desaparecimento de Bernardo, a polícia foi avisada e acabou encontrando os responsáveis pelo crime. Francisco Ortega, o patrão; Francisco Leona, o homem que capturou e assassinou o menino; e a curandeira Agustina Rodríguez foram condenados à morte pelo crime. A partir desse evento, o Homem do Saco passou a ser chamado de Papa-Fígado. No nordeste do Brasil se tornou Papa-Figo.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: líder político (2) = Fidel + tempo de vida decorrido (3) = idade **Solução:** respeito pelos semelhantes (5) = Fidelidade. **Charada de hoje:** era branca (2) a roda flutuante (2) avistada da cobertura envidraçada (4).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!

Segunda bebida mais consumida

O café é a segunda bebida mais consumida no mundo. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic), o Brasil é o maior produtor e exportador de café do mundo. E no quesito consumo perde apenas para os Estados Unidos. O amor pela bebida é tão grande que se criou o Dia Mundial do Café, comemorado no dia 14 de abril, e o Dia Nacional do Café, celebrado em 24 de maio.

Nome original não é café

Até ganhar o nome de café, usado no português diariamente, o grão foi chamado de diversas formas. Na Arábia Saudita, onde foi descoberto por acaso, o chamaram de *qahwah*. Mas quando a bebida começou a chegar à Turquia, os moradores começaram a chamá-la de *koffiee*. Os holandeses decidiram fazer uma pequena mudança e chamá-lo de *koffie* (só tiraram um “e”). O nome foi passado para os italianos, que deram uma adaptada e começaram a chamar de *caffè*. A partir daí, não demorou muito até que, no século 16, em Portugal, surgisse a palavra *café*, vinda do italiano.

Quanto mais forte, menos cafeína

Muitas pessoas tendem a optar pelo café extraforte, associando a torra escura com a maior quantidade de cafeína. Mas não é bem assim que funciona. O termo “extraforte” escrito na embalagem quer dizer que o café tem uma torra maior e não que é “mais potente”. E, às vezes, o grão é ultra torrado para esconder imperfeições. Com essa torra acentuada, é possível “mascarar”, por exemplo, um sabor ruim ou indesejado, como a adstringência do café verde. Sabe-se que a cafeína começa a derreter a partir de 238°C. Já a torra do café ocorre em um processo que pode variar de 180°C a 240°C. Quanto mais elevada a torra do café, maiores as chances de ele perder grande parte da cafeína.

Mais vontade de ir ao banheiro

Tomar café aumenta vontade de fazer xixi e cocô. Isso acontece porque o café aumenta o movimento do nosso intestino, estimulando a evacuação. Algumas substâncias contidas nele são responsáveis pelas contrações do trato gastrointestinal. A relação ainda é estudada pelos cientistas.

O cappuccino original

O cappuccino surgiu na Itália, em meados do século 16, com os frades da Ordem Franciscana. O monge Marco D’Aviano foi quem criou a receita. Acredita-se que o primeiro contato dos frades com o café foi depois que o Exército Islâmico fugiu do país, em 1683, e deixou para trás muitas mercadorias e produtos em Viena. E o nome “cappuccino” é derivado de cappa, que significa capuz em latim e faz referência ao hábito dos frades capuchinhos, que têm a mesma cor da bebida. A receita original do cappuccino leva café expresso, leite e leite vaporizado. No Brasil existe a tradição de incluir chocolate, canela e leite em pó.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - cabo do tridente; 2 - ponta do rabo; 3 - cabelo; 4 - boca do peixe; 5 - suet; 6 - orelha; 7 - água; 8 - barba; 9 - passarinho